

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES

MARIA INÊZ ANTONIO SKAVRONSKI

**REZAR E BENZER: RITUAIS SAGRADOS E IDENTIDADE ÉTNICA EM
PRUDENTÓPOLIS – PR (1990-2014)**

PONTA GROSSA

2015

MARIA INÊZ ANTONIO SKAVRONSKI

**REZAR E BENZER: RITUAIS SAGRADOS E IDENTIDADE ÉTNICA EM
PRUDENTÓPOLIS – PR (1990-2014)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: História, Cultura & Identidades. Linha de Pesquisa: Instituições e Sujeitos: Saberes e Práticas).

Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva

PONTA GROSSA

2015

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

S629 Skavronski, Maria Inêz Antonio
Rezar e benzer: rituais sagrados e
identidade étnica em Prudentópolis - PR
(1990-2014)/ Maria Inêz Antonio
Skavronski. Ponta Grossa, 2015.
153f.

Dissertação (Mestrado em História,
cultura e identidades - Área de
Concentração: História, cultura e
identidades), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Edson Armando
Silva.

1.Imigração Ucraniana. 2.Rituais de
bênçãos. 3.Identidade étnica.
4.Religiosidade. I.Silva, Edson Armando.
II. Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em História, cultura e
identidades. III. T.

CDD: 981.62



TERMO DE APROVAÇÃO

Maria Inêz Antonio Skavronski

REZAR E BENZER: RITUAIS SAGRADOS E IDENTIDADE ÉTNICA EM PRUDENTÓPOLIS - PR (1990 -2014)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 2 de dezembro de 2014, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Edson Armando Silva (UEPG)

Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho (UFPR)

Prof.^a. Dr.^a Rosângela Wosiack Zulian (UEPG)

Ponta Grossa, 2 de dezembro de 2014.

Dedico aos meus filhos, Matheus e Maithê.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente:

Ao meu orientador Professor Dr. Edson Armando Silva pela confiança depositada em mim e pelas palavras de estímulo nos momentos certos, sempre apontando direcionamentos a serem seguidos;

Ao Professor Dr. Niltonci Batista Chaves que me aceitou como estagiária na disciplina por ele ministrada no curso de graduação em História da UEPG;

A todos os professores do PPGH-UEPG, sobretudo, ao corpo docente da Linha de Pesquisa Instituições e Sujeitos: saberes e práticas pelas aulas ministradas que foram indispensáveis para reflexões acerca da pesquisa;

Aos meus colegas de mestrado e de profissão pelo apoio e companheirismo;

À SEED-PR que me proporcionou o afastamento das atividades laborais para que eu pudesse me dedicar exclusivamente aos estudos do mestrado;

A toda a minha família, em especial ao meu marido Romildo, por assumir sozinho, responsabilidades com os nossos filhos quando tive que abdicar de compromissos familiares para me dedicar aos estudos;

A minha mãe Cecília, que como avó carinhosa e dedicada assumiu funções maternas me substituindo nos momentos em que não pude estar presente nas atividades dos meus filhos;

Ao meu pai Markiano, que mesmo às vezes não compreendendo os motivos de tanta dedicação com os estudos, sempre se mostrou solícito e incentivador;

Aos imigrantes e descendentes de ucranianos, padres, religiosas e fiéis da Paróquia de São Josafat que contribuíram com este trabalho por meio de seus depoimentos;

Ao Museu do Milênio representado pela Sra. Meroslava Krevey e ao Padre Atanásio Kupicki pelo empréstimo de materiais para a pesquisa;

A Gráfica Prudentópolis e ao Padre Tarcísio Zalutski (OSBM), editor do Jornal Prácia, por possibilitar a realização de pesquisas no acervo histórico dos Padres Basilianos;

Às ex-alunas, Marta Beló pelo auxílio fundamental nas traduções de fontes da língua ucraniana para o português e Elaine Muzeka por me acompanhar na realização de entrevistas;

Ao Padre Januário Lucavei e ao fotógrafo Marcelo Michalichen pelo auxílio nos registros fotográficos que contribuíram para enriquecer este trabalho;

Ao Padre Eufrém Kréfer, pároco da Paróquia de São Josafat pelo pronto atendimento e pela permissão em utilizar fontes oficiais da instituição que ele coordena e administra.

A Deus e a minha Mãe protetora.

RESUMO

Esta pesquisa revela as tensões e os conflitos em torno da manutenção da identidade étnica a partir das transformações dos rituais de bênçãos, práticas religiosas e sociais dos descendentes de ucranianos do Município de Prudentópolis. Esses rituais sagrados, que ocorrem durante o calendário litúrgico da Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino são práticas fortemente carregadas de simbologia e significados. Gestos, símbolos, cantos, celebrações e rituais de bênçãos da água, da casa, das velas, dos ramos, dos alimentos, dos falecidos, dos frutos, das flores, das lavouras e das colheitas, que ocorrem em dias por eles considerados santificados, fazem parte de um conjunto de concepções herdadas pelos descendentes de ucranianos e ressignificadas nas áreas que ocuparam durante o processo de imigração. O rito apresenta uma dimensão religiosa por assumir um caráter simbólico e transcendental e também reafirma a identidade étnica de seus participantes por ser uma ação, um momento comunicativo e constitutivo de uma visão do mundo que sustenta um conjunto de relações entre indivíduos. Nesse contexto, tanto a construção identitária quanto a construção da diferença são definidas pelas relações sociais baseadas nos discursos e na linguagem sempre imersas em relações de poder. Assim, a partir de uma concepção de identidade compreendida como tensão entre o “eu” e o “outro”, entre o local e o global, entre o discurso e a prática, entre o tradicional e o moderno, entre o ser e o não ser, o presente trabalho analisa, a partir da história oral, a reformulação e a reafirmação da identidade étnica ucraniana tensionada pelas traduções da liturgia e dos rituais de bênçãos do idioma ucraniano para a língua portuguesa entre os anos de 1990 a 2014.

PALAVRAS-CHAVE:

Imigração Ucraniana; Rituais de bênçãos; Identidade étnica; Religiosidade.

ABSTRACT

This research reveals the tensions and conflicts over the maintenance of ethnic identity from the transformations of the blessing rituals, social and religion practices taking as a starting point the Ukrainian descendants in the town of Prudentópolis. Such sacred rituals, which take place throughout the liturgical calendar of the Ukrainian Greek-Catholic Church of Byzantine ritual, are practices strongly loaded with symbols and meanings. Gestures, symbols, songs of praise, celebrations and rituals of blessing water, houses, candles, boughs, food, the deceased, fruit, flowers, plantations and harvests, that take place on days which the Ukrainians consider hallowed, are part of a set of conceptions inherited by the Ukrainian descendants, and re-meant in the areas they occupied during the process of immigration. The rite presents a religious dimension because it assumes a symbolic and transcendental character, and also reaffirms the ethnic identity of its participants because it is an action, a communicative moment constitutive of a vision of the world that sustains a set of relations among individuals. In this context, both, the identity construction and the construction of difference, are defined by the social relations based on speeches and language, always immersed in relations of power. Thereby, from a conception of identity understood as tension between the “self” and the “other”, between local and global, between speech and practice, between being and not being, the present work analyses, from oral history, the reformulation and the reaffirmation of the Ukrainian ethnic identity tightened by the translations of the liturgy and the blessing rituals from the Ukrainian language into the Portuguese language between the years 1990 and 2014.

KEY WORDS: Ukrainian immigration; Blessing rituals; Ethnic identity; religiosity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Localização da Ucrânia.....	27
Mapa 2 – Ucrânia com destaque para a Região da Galícia.....	30
Mapa 3 – Imigração Ucraniana no Paraná.....	31
Figura 1 – Planta da Colônia Prudentópolis fundada em 1897 – Linhas Coloniais a partir da imigração.....	39
Figura 2 – Planta dos lotes coloniais demarcados para a imigração em Prudentópolis.....	40
Mapa 4 – Colonização de Prudentópolis – 1897 – Mapa Georrefenciado.....	41
Figura 3 – Instalação dos primeiros imigrantes ucranianos em barracas – Prudentópolis – 1896.....	43
Figura 4 – Barracão para abrigo dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis – Início do século XX.....	46
Figura 5 – Primeira Capela Ucraniana de Prudentópolis dedicada a São Basílio Magno....	62
Figura 6 – Primeira Igreja Ucraniana de Prudentópolis consagrada a São Basílio Magno – 1904.....	64
Figura 7 – Igreja Matriz de São Josafat em 1930	66
Figura 8 – Iconostase da Igreja de São Josafat	88
Figura 9 – Cruzeiro da Linha Nova Galícia em Prudentópolis.....	90
Figura 10 – Procissão do Iórdan na Igreja Matriz de São Josafat – 06/01/2014.....	92
Figura 11 – Celebrantes do Ritual de Benção da Água no ano de 2014.....	92
Figura 12 – Celebração do Ritual de Benção da Água.....	93
Figura 13 – Benção da Água.....	93
Figura 14 – Benção dos participantes do ritual.....	94
Figura 15 – Distribuição da água benta aos fiéis.....	94
Figura 16 – Celebração que antecede a Benção das Velas na Igreja de São Josafat.....	96
Figura 17 – Velas de cera de abelha ornadas com flores.....	96
Figura 18 – Momento do Ritual de Benção das Velas.....	97
Figura 19 – Pães que simbolizam os falecidos no Ritual denominado “Parastás”.....	98
Figura 20 – Leitura do “Pomianyk”.....	99
Figura 21 – Prostrações realizadas pelos fiéis durante os Rituais da Quaresma.....	100
Figura 22 – Benção dos Ramos.....	101
Figura 23 – Benção dos Alimentos da Páscoa.....	102

Figura 24 – Cestas com alimentos que são bentos no Sábado de Aleluia.....	102
Figura 25 – Alimentos que compõem a Cesta de Páscoa.....	103
Figura 26 – Procissão do “Provóde”	104
Figura 27 – Ritual da “Panahêda”	104
Figura 28 – Ritual de Benção das Frutas.....	105
Figura 29 – Ritual da Benção das Flores.....	106
Figura 30 – Ramos bentos usados pelos fiéis como símbolo de proteção.....	108
Figura 31 – Igreja Matriz de São Josafat após restauração em 2011.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.G.P. – Acervo da Gráfica Prudentópolis

A.M.M. – Acervo do Museu do Milênio

A.P.B. – Arquivo dos Padres Basilianos

OSBM – Ordem de São Basílio Magno

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O IMIGRANTE ENTRE DOIS MUNDOS: DE ONDE VEM E PARA ONDE VAI ..	25
1.1. PARANÁ – “TERRA DA PROMISSÃO”: ENTRE A PROPAGANDA OFICIAL E A REALIDADE IMIGRANTE.....	32
1.2. COLONIZAÇÃO DE PRUDENTÓPOLIS E IMIGRAÇÃO UCRANIANA: A RELIGIOSIDADE COMO FRONTEIRA IDENTITÁRIA	38
2. AGENTES RELIGIOSOS COMO PRODUTORES DE DISCURSOS: A PRESENÇA DA IGREJA E A RELIGIOSIDADE COMO AFIRMAÇÃO ÉTNICA	51
2.1. IGREJA GRECO CATÓLICA UCRANIANA: CONSTRUÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO E DO PODER SIMBÓLICO.....	60
2.2. RITO E RELIGIOSIDADE: A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO COMO PERTENCIMENTO ÉTNICO	68
3. ENTRE “CRER” E “SER”: OS RITUAIS DE BENÇÃOS E A IDENTIDADE ÉTNICA.....	74
3.1. CALENDÁRIO LITÚRGICO E RITUAIS DE BÊNÇÃOS: “OS RITOS COMO ESPELHO DA SOLIDARIEDADE ENTRE RELIGIÃO E NATUREZA”	79
3.2. RITUAIS DE BENÇÃOS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES	86
4. ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: AS TRADUÇÕES RITUAIS E AS TENSÕES DA IDENTIDADE ÉTNICA.....	110
4.1. RITUAIS DE BENÇÃOS E DISCURSO RELIGIOSO: ENTRE PERMANÊNCIAS E RESSIGNIFICAÇÕES	112
4.2. TRADIÇÃO E TRADUÇÃO: ENTRE TENSÕES E CONFLITOS	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
FONTES	135
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE A – Questionários de coleta de dados.....	144
ANEXO A – Carta dos imigrantes ucranianos [1902?]	150
ANEXO B – Carta do Bispo da Diocese de Curitiba Dom José de Camargo Barros (1898)	152

INTRODUÇÃO

Conciliar teoria e prática é fundamental no ofício do historiador. Por isso, a teoria e o método não se separam, são antes de tudo, integrados, relacionados e indissociáveis, pois a reflexão teórica associada ao método permite um fazer histórico cientificamente produzido. Apesar dessa afirmação, “a pesquisa histórica mantém com a teoria da história uma relação de fecunda tensão: por um lado, toma-a como direcionadora do seu olhar, por outro, nega-a, para sustentar que o vivido é sempre novo e alheio a toda teoria”. (REIS, 2006, p. 07). Assim, não há como negar a articulação entre teoria histórica e pesquisa histórica, apesar de muitos historiadores priorizarem uma ou outra, mas sem refutá-las, apesar dessa tensão.

Certeau (2011, p. 45 e 46) após lançar o questionamento sobre “o que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’?”, comenta sobre a necessidade de um trabalho historiográfico que vincule teoria e prática. Para ele, “uma prática sem teoria desemboca necessariamente, mais dia menos dia, no dogmatismo de ‘valores eternos’ ou na apologia de um ‘intemporal’.” (CERTEAU, 2011, p. 46). Assim, defende que a história se faz a partir de uma operação e que essa operação historiográfica refere-se à combinação de um lugar social e institucional do qual depende o discurso histórico, os procedimentos ou práticas científicas da pesquisa e a construção de um texto-escrita. A produção historiográfica baseada nesse tripé - lugar, procedimentos e escrita -, faz com que o trabalho do historiador seja reconhecido como uma prática efetivamente científica.

Discussões, debates e novas teorias acerca do conhecimento e da produção historiográfica principalmente nas últimas três décadas, tem feito da história um campo propício de análise e de autorreflexão dos historiadores. Nesse contexto, mesmo ocorrendo críticas aos modelos interpretativos globalizantes da história como o marxismo e a corrente de Annales não houve uma completa ruptura com esses sistemas. Foi no interior desses modelos de interpretação da história que surgiram diversas vertentes que propiciaram a renovação do pensamento histórico. E entre estas vertentes destacamos a História Cultural. Nas palavras de Reis (2006, p. 58), “o conhecimento histórico mais próximo das mudanças pós-modernas atuais prioriza a esfera cultural”. Entende-se então, uma história onde a cultura ou as culturas são valorizadas trazendo consigo, novas abordagens, novos temas, novos objetos de estudos que abrem possibilidades de um fazer histórico até então nunca visto nem sentido. A cultura, antes relegada à posição de superestrutura passa a ser a unificadora de todas as esferas sociais. A ênfase nas representações, nas práticas sociais, no simbólico, no imaginário, na memória,

ou seja, nas manifestações culturais, passaram a constituir uma nova história. Um novo olhar sobre o mundo e sobre os sujeitos entra em cena.

Essas alterações no âmbito da historiografia começam a ser reveladas a partir da década de 1970, conforme o que encontramos em Pesavento (2008, p. 8):

Podemos talvez, situar os sintomas da mudança nos anos de 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz do mundo pós guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História.

Assim, a História Cultural, ou ainda, Nova História Cultural (como alguns historiadores a entendem), nos ampara em estudos que buscam reconstruir ou reinterpretar as culturas a partir da ênfase do local em detrimento ao global, valorizando as particularidades, a singularidade e as tensões evidenciadas nas estruturas sociais a partir da formulação e da reformulação das identidades coletivas e individuais.

A aproximação do historiador com outras disciplinas das ciências humanas, como a etnologia, a psicologia, a antropologia e a sociologia contribui para a ampliação das interpretações e análises historiográficas, possibilitando assim, um novo conceito de documento histórico, não vinculado mais somente a fontes escritas. Também, com essas novas preocupações e interesses historiográficos, nascem novas formas de escrita da história. A pretensa imparcialidade do historiador defendida no decorrer do século XIX quando as discussões do fazer historiográfico eram fundamentadas na objetividade, não é mais central. O historiador coloca-se subjetivamente em seu texto, em sua narrativa, mas nunca fala somente por si. O “eu” do historiador se inscreve dentro de um “nós” institucional e o estudo histórico é produto de um lugar. Esse discurso, nas palavras de Certeau (2011, p. 56),

depende de uma ‘agregação’ que classifica o ‘eu’ do escritor no ‘nós’ de um trabalho coletivo, ou que habilita um locutor a falar o discurso historiográfico. Esse discurso – e o grupo que o produz – *faz* o historiador, mesmo que a ideologia atomista de uma profissão ‘liberal’ mantenha a ficção do sujeito autor e deixe acreditar que a pesquisa individual constrói a história.

Alicerçados na ideia de que o historiador não escreve a história sozinho e que sempre escrevemos sobre algo já escrito, busca-se agora, novas perspectivas e novas posturas de interpretar os acontecimentos. Os novos objetos a serem investigados ou reencontrados e a busca da compreensão das partilhas culturais nas tensões, nos conflitos, nas negociações e nas relações com o outro, na alteridade, faz da história cultural o sustentáculo da produção histórica.

Ao entender que a história não é somente um discurso sobre o passado e que também não é a reconstituição dele, e sim, a problematização desse passado reapresentado pela interpretação do historiador, a história não deixa de ser ciência, pois é fundamentada em fontes, vestígios e documentos que são selecionados pelo historiador representando uma visão histórica de determinados acontecimentos ou de fenômenos sociais. A subjetividade do historiador aparece desde o momento em que ele seleciona suas fontes e é persistente em todas as etapas da operação historiográfica. Assim, todo o trabalho do historiador é pautado em métodos e investigações com base conceitual e teórica, o que distancia a história de uma mera ficção literária.

Quando aceitamos que a história não é um simples relato do passado e que a narrativa histórica não é o espelho do real e nem a verdade dos fatos, e sim, uma interpretação, uma intervenção criativa do historiador, a história então, passa a ser concebida como a problematização do vivido, do que se está vivendo. E como a pesquisa e a escrita não se afastam, o texto produzido pelo historiador passa a ser o preenchimento de lacunas observáveis durante a pesquisa.

Mesmo que existam divergências entre os autores sobre o *fazer* do historiador, sobre a história ser ou não ser ciência, sobre a objetividade e a subjetividade na história, a disciplina vive um momento de vigor produtivo multiplicando-se os campos de trabalho sobre novos objetos e com novas perspectivas de análise. A história cultural, aceitando as particularidades e renunciando à descrição da totalidade social faz com que os historiadores pensem a sociedade e suas práticas sociais a partir de tensões nas relações sociais, como aponta Chartier (2002, p. 66):

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.

Assim, considerando que as práticas sociais são representações¹ e que as relações sociais são pautadas em tensões, igualmente consideramos que as identidades individuais e coletivas são construídas nessas relações continuamente tensionadas. Essa tensão entre o “eu”

¹ O termo representações que utilizamos é tomado no sentido proposto por Roger Chartier em sua obra **A história cultural**: entre práticas e representações, quando diz que as representações referem-se ao modo como em diferentes tempos e lugares a realidade social é construída por meio de classificações, divisões e delimitações. Esses esquemas intelectuais criam figuras as quais dotam o presente de sentido. Esses códigos e padrões são compartilhados e, apesar de poderem ser naturalizados, seus sentidos podem mudar, pois as representações são historicamente construídas e determinadas pelas relações de poder, pelos conflitos de interesses dos grupos sociais que as forjam. (CHARTIER, 1990, p. 16 e 17)

e o “outro”, no contato com o diferente, com o estranho, mas também, e principalmente, nas relações estabelecidas entre os indivíduos que partilham a mesma cultura onde conflitos internos muitas vezes não perceptíveis, ocasionam fraturas e rupturas no cotidiano desses sujeitos faz com que as identidades, tanto individuais como coletivas, sejam constantemente fragmentadas e reformuladas. E é nesse contexto da história cultural e também na tentativa e pretensão de investigar as tensões como mecanismos de resistências e de permanências de uma cultura, bem como na formulação e na reformulação das identidades dos sujeitos a partir das relações sociais que a pesquisa sobre a religiosidade de uma comunidade é colocada em evidência.

Rezar e benzer: rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – Paraná (1990-2014) tem como problema central investigar o papel dos rituais de bênçãos na manutenção e na afirmação/reafirmação da identidade dos descendentes de ucranianos. Essa comunidade que se identifica etnicamente através da língua, das crenças, de costumes e de traços culturais que são compartilhados e, principalmente, através dos rituais de bênçãos que são realizados pela Paróquia de São Josafat², instituição religiosa que impõe os discursos morais e religiosos sobre esse grupo social, enfrenta o impasse entre manter a língua ucraniana nos rituais religiosos ou traduzir essas cerimônias para a língua portuguesa. A tensão evidenciada entre *manter* a língua materna ou *traduzir* todas as orações e rituais para a língua vernácula é perceptível entre as gerações de fiéis. Então, a partir desse cenário, estabelecemos algumas questões ou hipóteses a serem investigadas e reavaliadas na perspectiva dos participantes tanto ativos (elaboradores dos discursos) como passivos (receptores dos discursos) desse processo³. Abandonar a tradição do uso da língua materna nos rituais religiosos dos imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis pode gerar um sentimento de perda de identidade? Como são evidenciadas as tensões entre o manter a língua ucraniana nas cerimônias religiosas e o traduzir para a língua portuguesa, esses rituais sagrados? Como é concebida, reafirmada e reformulada a identidade dos descendentes de imigrantes ucranianos a partir das relações sociais estabelecidas com indivíduos de outros grupos étnicos? Como podemos analisar a coexistência de tensões e conflitos internos no campo religioso construído a partir da língua ucraniana e do rito oriental

² Esta Paróquia congrega 42 igrejas e capelas distribuídas nas comunidades rurais do Município de Prudentópolis onde predominam os descendentes de ucranianos fiéis da Igreja Greco católica ucraniana de rito bizantino.

³ Entendemos como ativos, os indivíduos e instituições que elaboram os discursos religiosos e como passivos, os sujeitos que recebem e reapropriam esses discursos instituídos, enquanto participantes das cerimônias religiosas que ora investigamos. Vale lembrar que o termo passivo não significa nesse contexto, a aceitação total dos discursos institucionalizados. Consideramos que existe a subversão e a reapropriação desses discursos pelos sujeitos receptores.

bizantino praticado por esses sujeitos? São questões que propomos analisar e investigar nesse trabalho sem a pretensão de estabelecer posições, direcionamentos ou verdades, mas, sobretudo, lançando um olhar investigativo sobre uma cultura religiosa que orienta a vida cotidiana dos indivíduos que participam desse contexto histórico, social e religioso.

A comunidade de imigrantes e descendentes de ucranianos, foco de investigação desse trabalho, está inserida geograficamente no Município de Prudentópolis, localizado na região centro sul do Paraná distante a aproximadamente 200 km da capital Curitiba. Atualmente com um território de 2.308.500 km², com predominância de áreas rurais, Prudentópolis conta com uma população total de 48.792 habitantes. (IBGE, 2010). A população da área urbana soma 22.458 habitantes e na área rural está concentrada a maioria populacional, ou seja, 26.335 habitantes⁴. O maior número dos habitantes do Município tem descendência ucraniana, chegando a ser considerada, essa identificação étnica, em 75% da população. (BORUSZENKO, 1995, p. 12). De economia predominantemente agrária e com uma estrutura fundiária ainda baseada em pequenas propriedades rurais, Prudentópolis destaca-se na produção do feijão, fumo em folha, milho e soja. É um município formado por muitas comunidades rurais denominadas Linhas Coloniais. Algumas dessas linhas tornaram-se núcleos ou polos centrais considerados mais importantes pelos moradores do interior do Município devido a concentração de um maior número de habitantes ou então por existirem nessas comunidades igrejas, escolas, postos de saúde, postos do correio e melhor acesso viário até a área urbana de Prudentópolis.

Os ucranianos chegaram ao Município no final do século XIX e início do século XX, quando ocorreram as primeiras levas imigratórias da Ucrânia para o Brasil. Como eram em grande maioria camponeses, esses imigrantes foram direcionados a ocupar lotes rurais que deram origem às chamadas Linhas Coloniais do Município. Fazendo parte do movimento migratório e do processo de colonização do Paraná, esses imigrantes trouxeram consigo a língua materna, a cultura com seus costumes e crenças populares e, principalmente, a religiosidade ancorada na Igreja Greco católica ucraniana de rito bizantino⁵. Todo esse aparato cultural e religioso foi readaptado e ressignificado no novo espaço construído longe da terra natal. Amparados por uma religiosidade baseada em um calendário litúrgico

⁴ Dados relativos à população de Prudentópolis obtidos a partir do Censo de 2010 – IBGE. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_parana.pdf Acessado em: 24 nov. 2013.

⁵ Essa denominação refere-se a uma das Igrejas de Cristianismo Católico Oriental, diferenciada da Igreja Católica Latina pelas práticas religiosas ancoradas no rito bizantino. Sobre essa instituição religiosa e sobre o rito bizantino, trataremos nos capítulos 2 e 3 desse trabalho.

diferenciado da Igreja Latina, esses imigrantes reconstruíram um mundo religioso e cultural particularizado e etnicamente organizado no idioma ucraniano.

Assim, numa análise etnográfica, avaliamos a prática dos rituais religiosos, em destaque as cerimônias de bênçãos entre os fiéis participantes, imigrantes e descendentes de ucranianos da Paróquia de São Josafat de Prudentópolis. Essa comunidade que se representa como um grupo socialmente construído a partir das relações de pertencimento étnico e identitário é também vinculada a religiosidade do rito oriental bizantino ucraniano católico.

O rito, entendido como uma forma de expressar a religiosidade desse grupo étnico através da linguagem, de símbolos, de crenças e de bênçãos particularizadas apresenta uma dimensão religiosa por assumir um caráter simbólico e transcendental e também por reafirmar a identidade étnica de seus participantes por ser uma ação, um momento comunicativo e constitutivo de uma visão do mundo. Assim, faz-se necessário, alguns questionamentos: Qual é o papel dos rituais de bênçãos na manutenção e na reformulação das identidades dos imigrantes e descendentes de ucranianos? Como são representadas e reafirmadas essas identidades a partir da etnicidade ucraniana e do rito oriental bizantino?

Ao analisar as práticas enquanto produtoras de identidade o historiador Michel de Certeau, esclarece que a crença é expressa publicamente nas práticas religiosas. Para Certeau (2011, p.172), “tudo se concentra nas práticas. Através delas um grupo religioso provoca sua coesão. Nelas encontra sua âncora e sua diferença com relação a outras unidades sociais – religiosas ou não. Recebe delas uma segurança que as próprias crenças dão cada vez menos”. Esse pensamento de identidade reafirmada pela exclusão ou pela diferença é perceptível nas relações sociais entre os descendentes de ucranianos que participam dessas cerimônias religiosas em confronto com os demais grupos sociais com os quais convivem. Nesse contexto, as identidades são formuladas e reformuladas no contraste, na oposição ao diferente, ao estranho, fazendo surgir muitas vezes, processos de identificação que excluem ou integram os indivíduos. É o que podemos perceber nos grupos sociais que se identificam etnicamente.

Quando um grupo étnico se identifica a partir de características culturais comuns, como crenças, símbolos, ritos e língua e, principalmente, quando esses traços culturais são embasados num sentimento de pertença que os identifica demarcando fronteiras identitárias, verificamos que ocorre uma reafirmação identitária que segrega, que exclui o diferente. Estudar a etnicidade, então, como argumenta Fredrik Barth (2011)⁶, consiste em perceber

⁶ A tradução da obra de Fredrik Barth, publicada em 1969 está presente em POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011.

como as condições nas quais certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos para diferenciar os grupos a partir de formulações identitárias que se confrontam, que são reafirmadas na oposição, expressando assim, um sistema de contrastes. Mas, também é necessário e inevitável perceber, que além dessas diferenças culturais reafirmadas frente ao outro, ao diferente, uma cultura em comum não é um lugar marcado somente por consensos e partilhas. As fraturas e dissidências dentro do próprio conjunto geram tensões que contribuem para a reconfiguração das identidades.

Portanto, ancorados no conceito de identidade compreendido não como algo dado, estático, mas como tensão, esse trabalho apresenta como temática central a (re) formulação das identidades dos imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis, a partir do impasse entre *traduzir* ou *manter* o idioma ucraniano nas cerimônias religiosas, entre elas, os rituais de bênçãos que começam a ser traduzidos para o português a partir dos anos de 1990. Assim, justifica-se o corte temporal dessa pesquisa que busca analisar as tensões identitárias vinculadas à religião de rito bizantino entre os descendentes de ucranianos no período de 1990 a 2014.

Essas identidades tensionadas oscilam entre a reafirmação identitária pela religiosidade e pela etnicidade, frente a mudanças constantes do mundo globalizado que interfere diretamente na vida desses sujeitos. Pressionados por forças endógenas (local) e por forças exógenas (global), os imigrantes e descendentes de ucranianos gravitam entre a tradição e a modernidade, entre o antigo e o novo, entre o dito e o feito, entre o discurso e a prática, negociando suas identidades num eterno jogo que pluraliza o sentimento de pertença desse grupo que se atribui como étnico.

Como a pesquisa prioriza estudar a comunidade de fiéis imigrantes e descendentes de ucranianos pertencentes à Paróquia de São Josafat a partir do conceito de identidade como tensão, perceptível nas relações sociais com outros grupos e também nas relações estabelecidas entre a instituição (Igreja) e os sujeitos (fiéis) evidenciadas nos conflitos entre os discursos e as práticas, embasamos o nosso estudo na análise de Michel de Certeau, que desenvolve os conceitos de estratégias e táticas. Em “A invenção do cotidiano - artes de fazer”, Certeau (2011, p.113 e 114) usa o conceito de “estratégias” como a arte do forte, daquele que impõe o discurso, as normas, as leis. Mas alerta que a apropriação desses discursos pelo homem comum no seu cotidiano é subvertida. As “táticas”, entendidas aqui, como a “arte do fraco” é inventividade. Para Certeau (2011, p. 108):

Uma sociedade seria composta de certas práticas exorbitadas, organizadoras de suas instituições normativas, [o que entendemos como sendo as estratégias, o discurso, a arte do forte,] e de outras práticas sem-número, que ficaram como “menores”,

sempre, no entanto presentes, embora não organizadoras de um discurso, [o que entendemos como sendo as táticas, a inventividade, a arte do fraco]⁷ e conservando as primícias ou os restos de hipóteses (institucionais, científicas), diferentes para esta sociedade ou para outras.

Assim, o cotidiano também se constitui de rupturas e não apenas de regularidades. O que o discurso impõe o homem não recebe de forma passiva, ele subverte e se apropria dele como “tática”, demonstrando que a recepção é um ato de produção.

Referindo-se aos descendentes de ucranianos de Prudentópolis e à instituição religiosa à qual pertencem e participam, podemos considerar o que segue: as estratégias sancionadas por forças dominantes se manifestam na instituição (Igreja) e nos seus produtos, (as normas, regras, leis, linguagem, rituais), mas a reapropriação desses produtos, na reutilização deles, encontra-se uma abundância de oportunidades para as pessoas comuns subverterem os rituais e suas representações que as instituições buscam impor sobre eles. Assim, mesmo que a Igreja São Josafat estabeleça sobre seus fiéis o discurso de *como se deve ser*, na prática, na reapropriação desse discurso, os fiéis o reelaboram e o ressignificam como táticas para poderem viver o *como se é*, que na vida cotidiana se reestrutura como forma de sobrevivência. Coloca-se, desta maneira, a relação entre a produção e o consumo dos discursos, dos produtos, (normas, regras, leis, linguagem, rituais) como uma tensão constante entre intenções e práticas.

Ao analisar tanto as estratégias impostas pela instituição como as táticas de apropriação dessas estratégias pelos descendentes de ucranianos, nosso interesse é perceber se o discurso religioso imposto pela instituição e todas as normas que trazem regras morais são efetivamente aceitas e praticadas. Existe um foco de tensão entre o ouvir e o agir, entre o que é dito e o que é praticado.

Sustentados, então, no pensamento de autores como Michel de Certeau que discute os conceitos de estratégias e táticas em relação às imposições institucionais sobre o cotidiano do homem ordinário; de E. P. Thompson quando propõe a cultura como sendo um conjunto de valores e significados compartilhados, mas que, além disso, é também, um conjunto de diferenças onde existem elementos conflitivos; de Pierre Bourdieu que nos propõe pensar os conceitos de campo religioso e de capital simbólico; de Stuart Hall que analisa a fragmentação e a multiplicidade das identidades individuais a partir das relações sociais; de Boaventura de Sousa Santos que destaca as identidades tensionadas entre as forças endógenas e as forças exógenas; de Fredrik Barth que discute o conceito de identidade contrastiva a partir da etnicidade; de Roger Chartier que nos propõe pensar nas práticas sociais como

⁷ Acréscimo nosso com o objetivo de relacionar o pensamento do autor com o objeto de pesquisa.

representações e de Aldo Natale Terrin que analisa o rito a partir da antropologia e da fenomenologia, o presente trabalho, numa perspectiva da história cultural busca lançar um olhar sobre a simbologia e as representações das cerimônias de “rezar e benzer” que contribuem para desenvolver um sentimento de pertencimento dos indivíduos a um grupo e de formulação de identidades individuais e também coletiva.

Portanto, como a História Cultural nos propõe “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”, (PESAVENTO, 2008, p. 42) conhecer, analisar e interpretar a realidade dos descendentes de ucranianos a partir de suas representações e do seu imaginário religioso é uma tarefa que nos levou a mergulhar num universo sagrado de rituais e simbologias, a partir de uma pesquisa etnográfica. O trabalho de “olhar, ouvir e escrever”, como aconselha o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1998, p. 18), para a apreensão dos fenômenos sociais, foi primordial nessa pesquisa.

Assim, através da hermenêutica e também de um cruzamento das fontes históricas que propiciaram essa pesquisa qualitativa, adotamos a metodologia da história oral associada à análise dos documentos oficiais da instituição religiosa, de publicações do Jornal Prácia, bem como da bibliografia já produzida e disponível sobre a temática central abordada, ou seja, religiosidade e identidade étnica. Para isso, utilizamos relatos e registros orais a partir da memória dos imigrantes e descendentes de ucranianos, pois segundo Bona (2010, p. 158 e 159), a memória é “a matéria-prima da história, pois ela é a garantia de que algo aconteceu no tempo”. Com relevante papel, a história oral nos possibilitou a produção de evidências relacionadas ao objeto de estudo para compreendermos as representações dos rituais de bênçãos para os descendentes de ucranianos. Ao considerarmos que as fontes orais são tão importantes quanto as documentais, pois, ambas são passíveis de subjetividade e devem ter o mesmo teor de credibilidade para a pesquisa histórica, nos apoiamos na afirmação de Thompson (1992, p. 137), quando diz que “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”.

Confirmando essa importância, Verena Alberti (2005, p.18), explica que a história oral

é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões do mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições,

grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

Nesse contexto, ela cumpre o papel ou a função social de “devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história de um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”. (THOMPSON, 1992, p. 22).

Como o trabalho com fontes orais evidencia questões de memória e identidade onde a produção de documentos históricos é baseada no acúmulo de experiências vividas que são permanentemente ressignificadas, elaboramos um roteiro de perguntas que foi direcionado aos entrevistados. Porém, os questionamentos não eram sempre os mesmos, sendo necessário também, permitir a liberdade de expressão a partir dos sentimentos, das memórias e das representações religiosas vivenciadas pelos descendentes de ucranianos, fiéis participativos dos rituais de bênçãos. Conforme a categoria dos entrevistados, as perguntas eram diferenciadas, pois consideramos a posição dos depoentes em relação à instituição religiosa, ou seja, quando agentes produtores de discursos religiosos (sacerdotes e religiosas) ou quando receptores dos discursos instituídos (fiéis participantes das cerimônias religiosas). Assim, realizamos vinte entrevistas adotando os seguintes critérios e categorias: (a) quatro sacerdotes que atuam diretamente na Paróquia de São Josafat que foram ordenados em décadas diferentes; (b) duas religiosas consagradas que auxiliam no trabalho catequético e no ensino da língua ucraniana, bem como, nas cerimônias e rituais realizados na Paróquia; (c) duas famílias de descendentes de ucranianos da área rural somando cinco entrevistados; (d) quatro famílias de descendentes de imigrantes da área urbana totalizando oito entrevistas; (e) uma imigrante ucraniana.

Propositadamente, todos os entrevistados que participaram da pesquisa tinham idades variadas. Eram imigrantes ucranianos e também descendentes de várias gerações que são fiéis participantes da Igreja Oriental Greco Católica do rito bizantino. Esse propósito intencional foi estabelecido a fim de verificar as continuidades, as ressignificações e as rupturas perceptíveis nas práticas rituais de bênçãos a partir da tensão entre a manutenção e a tradução das cerimônias religiosas da língua ucraniana para a língua portuguesa.

Além disso, a observação participativa e a análise de fotografias e vídeos sobre os rituais religiosos, tidos como práticas culturais dessa comunidade foram de extrema importância para a formulação desse trabalho. A pretensão de realizar uma exploração acerca das relações entre identidade, memória, representações e religiosidade dos imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis nos conduziu a um trabalho empírico que uniu a pesquisa de campo com a pesquisa bibliográfica. Assim, esse trabalho foi articulado por

fontes escritas e orais sustentadas na análise dos relatórios de colonização, de cartas de imigrantes e de religiosos ucranianos publicadas no Jornal ПРАЦЯ⁸ - Prácia (Trabalho), e, ainda e principalmente, nas memórias e representações de imigrantes e descendentes de ucranianos, bem como de religiosos da Igreja Matriz de São Josafat, a partir de depoimentos e entrevistas realizadas. A utilização do Jornal Prácia como uma das fontes dessa pesquisa apresentou um desafio a ser superado: a necessidade de tradução das cartas de imigrantes e de sacerdotes publicadas nesse periódico de língua ucraniana. Também foram consultados os manuais de orações de bênçãos (ТРЕБНИК-Trebnik), a fim de verificar a simbologia, as ressignificações e as exclusões dessas práticas religiosas a partir das traduções dos rituais sagrados, bem como, o livro de registros dos lotes coloniais dos primeiros imigrantes ucranianos com o intuito de analisar se a proximidade desse grupo étnico localizado nas Linhas Coloniais do Município, majoritariamente formadas a partir dessa imigração contribuiu para a manutenção da língua e da religiosidade baseada no rito bizantino. As imagens dos rituais de bênçãos, obtidas através de fotografias apresentam somente um caráter ilustrativo para auxiliar na interpretação dos dados. O intuito do uso dessa fonte imagética é revelar a riqueza de detalhes nessas cerimônias religiosas. Assim, metodologicamente foi necessário agregar diversas fontes para buscar a compreensão desse mundo marcado pela religião e pela cultura.

Numa concepção de que a cultura não é somente um conjunto de significados compartilhados e construídos, mas também, é um conjunto de diferenças onde existem elementos conflitivos que tensionam e reformulam as identidades, para melhor compreensão do mundo religioso vivenciado pelos descendentes de ucranianos a partir dos rituais de “rezar e benzer”, nossa análise foi englobada em quatro capítulos.

No primeiro capítulo **O Imigrante entre dois mundos: de onde vem e para onde vai**, foi abordado o contexto da imigração ucraniana para o Brasil e para o Paraná no final do século XIX e início do século XX bem como o processo de adaptação dos primeiros imigrantes nas colônias de Prudentópolis. A partir da confrontação entre os discursos institucionais elaborados pelo Estado nos relatórios de colonização e as memórias dos imigrantes a partir de cartas publicadas e de entrevistas, tanto de sacerdotes vinculados à Igreja Greco-Católica Ucraniana do Rito Bizantino bem como dos camponeses que se

⁸ O Jornal Prácia começou a ser publicado em Prudentópolis no ano de 1912 pela então Tipografia dos Padres Basilianos, atualmente Gráfica Prudentópolis. Inicialmente as publicações eram quinzenais e a partir de 1915 passaram a ser semanais. Foi publicado somente na língua ucraniana até o ano de 1993 - com exceção de avisos e informes publicitários, - e a partir de 1998 as edições passaram a ser publicadas em ucraniano e também em português.

estabeleceram em terras de colonização a partir de 1895, foi possível verificar as tensões e conflitos entre o que era propagado e a realidade construída e vivenciada no discurso dos colonos.

No segundo capítulo intitulado **Agentes religiosos como produtores de discursos: a presença da Igreja e a religiosidade como afirmação étnica**, destacamos a vinda dos primeiros Padres Basilianos (Ordem de São Basílio Magno) a partir de 1897 para o Município e a instalação da Paróquia de São Josafat em Prudentópolis. Também analisamos a origem da Igreja Oriental Greco Católica Ucraniana e o Rito Bizantino como pertencimento étnico. Ao relacionar o discurso e a atuação dessa Igreja Oriental com a preservação e a rearticulação de práticas rituais evidenciadas no Calendário Litúrgico e no Rito Bizantino foi analisado o capital simbólico dessa instituição religiosa e sua atuação na organização política e econômica da comunidade, fato que contribuiu para desenvolver um vínculo de pertencimento identitário entre os imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis a partir da religiosidade e das tradições preservadas por esse grupo étnico.

No terceiro capítulo, **Entre “crer” e “ser”: os rituais de bênçãos e a identidade étnica** foi abordado o contexto religioso dos descendentes de ucranianos a partir de uma análise teórica para compreender e aprofundar a relação entre os conceitos de identidade, identidade étnica, memória, ritual e traços culturais do grupo étnico vinculando os rituais religiosos praticados pelos primeiros imigrantes e seus descendentes. Assim, o debate central consistiu na avaliação do rito bizantino como elemento constitutivo de um vínculo identitário entre os imigrantes e descendentes de ucranianos. Para isso, foi necessário o estudo do Calendário Litúrgico da Igreja Oriental Greco Católica Ucraniana do Rito Bizantino a fim de compreender os dias em que os rituais de bênçãos são realizados e considerados santificados, bem como situar os rituais de bênçãos no calendário litúrgico descrevendo sua simbologia, suas origens no pré-cristianismo e a incorporação dos mesmos a partir da cristianização da Ucrânia oficializada no ano de 988. Também fez parte dessa discussão os discursos da instituição religiosa referente aos rituais e a recepção dos rituais religiosos pelos descendentes de ucranianos que são fiéis participativos da Paróquia de São Josafat.

No quarto capítulo **Entre a tradição e a modernidade: as traduções rituais e as tensões da identidade étnica**, a análise central foi pautada nas discussões do contexto em que ocorreram as traduções da liturgia e dos rituais de bênçãos do idioma ucraniano para o português, nos motivos explicitados pela instituição religiosa que levaram às traduções e às exclusões de alguns rituais, nas ressignificações dos rituais religiosos e na reafirmação identitária entre os descendentes de ucranianos apoiada na religiosidade. A partir do conceito

de identidade como tensão foi analisado o impasse gerado pelas traduções dos rituais religiosos. Essas tensões entre o traduzir e o manter o idioma ucraniano nas cerimônias religiosas é perceptível entre as gerações de descendentes dos imigrantes, que num mundo globalizado, oscilam entre o tradicional e o moderno, entre o local e o global.

O contato mais intenso com outros grupos sociais evidenciados nas duas últimas décadas (1990/2010), o aumento dos casamentos interétnicos e a influência da mídia, da moda, do ensino laicizado e de toda a tecnologia que afeta de forma direta ou indireta os indivíduos, gera a tensão entre as forças endógenas (família, igreja) e as forças exógenas (sociedade, escola, grupos sociais). Esse processo reconfigura constantemente as identidades desses indivíduos que através da etnicidade e da religiosidade buscam reafirmar esse sentimento de pertença. Esse capítulo também foi contemplado com questões relacionadas às mudanças e adaptações que esses rituais de bênçãos têm sofrido nos tempos hodiernos.

Assim, amparados na história cultural que proporciona o estudo de novos objetos com diferentes abordagens e considerando que a história é uma interpretação do passado a partir da análise e do olhar do historiador que se coloca subjetivamente em seu discurso, buscamos um fazer histórico sem pretensões de verdades, mas que possa excluir falsidades, quando apoiado em vestígios, documentos e memórias que permitam uma fidelidade no trabalho do historiador. E como a história é uma interpretação narrativa do passado apoiada em uma operação historiográfica, ela se difere da literatura pelas suas técnicas e operações específicas. O fazer historiográfico nessa concepção, permite ao historiador separar claramente o que pode ser considerado verdadeiro do que é tido como falso. Roger Chartier (2002) quando discute a história enquanto condição de verdade ou falsidade, lembra que

graças as suas técnicas próprias, a disciplina é apta a fazer com que se reconheçam as falsificações como tais, portanto a denunciar falsários. É retornando a seus desvios e suas perversões que a história demonstra que o conhecimento que produz inscreve-se na ordem de um saber controlável e verificável. (CHARTIER, 2002, p. 99).

Mas também esclarece que é muita pretensão, por parte do historiador, conceber o saber histórico como verdadeiro. É importante lembrar que as fontes históricas são carregadas de representações e não são verdades incontestáveis. Voltando-se ao pensamento de Michel de Certeau sobre a necessidade de uma “operação historiográfica” na escrita da história, Chartier (2002, p. 100) reafirma que:

o historiador tem a tarefa específica de fornecer um conhecimento apropriado, controlado, dessa ‘população de mortos – personagem, mentalidades, preços’ que são seu objeto. Abandonar essa intenção de verdade, talvez desmesurada mas certamente fundadora, seria deixar o campo livre a todas as falsificações, a todos os falsários que, por traírem o conhecimento, ferem a memória. Cabe aos historiadores, fazendo seu ofício, ser vigilantes.

Ao analisar toda essa problemática de como o historiador faz história e com o objetivo de conciliar teoria e prática nesse ofício, confirmamos as palavras que iniciaram essa reflexão: teoria da história e prática histórica não se afastam, não se dispersam e nem se desviam, mas sim, dialogam, interagem, e mantêm entre si, uma relação indissociável.

1. O IMIGRANTE ENTRE DOIS MUNDOS: DE ONDE VEM E PARA ONDE VAI

Arfa no porto o mar.
 Soluçã dentro d'alma do emigrante
 o longo silvo do navio em despedida.
 Treme, na lágrima do olhar
 a paisagem da pátria.
 O apelo fascinante do mar
 acorda seu desejo de aventura,
 o anseio de partir
 em busca duma terra prometida.
 (Emigrante, Helena Kolody, 1995, p. 42)

A imigração é um fenômeno histórico constante. Deixar ou abandonar a terra natal, mesmo não existindo a possibilidade de retorno, na maioria das vezes, é para o emigrante a única alternativa viável.

Em diversos períodos da história é perceptível a necessidade e/ou também a vontade de indivíduos ou de famílias inteiras, deixar as terras que ocupam para buscar a sobrevivência ou então melhores condições de vida em outros lugares. Esse deslocamento contínuo, principalmente em fins do século XIX e início do século XX⁹, período de intensas levas de imigração, possibilitou a movimentação dos povos e a ocupação de espaços por diversas regiões do mundo, entre elas, a América. Em épocas de guerra ou de dominação de uma nação sobre outra, a imigração para diversos países foi concebida como um meio de fuga e também de sobrevivência. Então, por diversas razões, ocorrem e ocorreram as imigrações. Num contexto geral, ninguém emigra somente por questões subjetivas. Outros fatores impulsionam o abandono da Pátria pelos emigrantes.

Assim, com o intuito de compreender os fatores subjetivos e também objetivos da imigração, considerando as particularidades desse processo em relação aos ucranianos que colonizaram as terras paranaenses e também prudentopolitanas no final do século XIX e início do século XX, nos questionamos: O que faz um indivíduo ou uma família deixar a terra onde vive em busca de uma nova Pátria? Quais as expectativas dessa viagem, na maioria das vezes, sem volta? Quais os fatores que contribuem para a busca de uma nova vida em terras desconhecidas, longe de seu país? Como conceber a identidade de imigrante a partir de uma nova realidade construída e que se impõe frente ao estranho, ao diferente?

Refletindo sobre essas questões iniciamos nossa análise para compreendermos o processo migratório que trouxe para o Brasil um grande número de ucranianos que em terras

⁹ Destacamos esse período para nossa análise, devido a pesquisa ser relacionada à grande imigração dos ucranianos para a América e para o Brasil ocorrida principalmente na transição do século XIX para o século XX..

estranhas, sofreram a resignificação de sua cultura e de sua religiosidade, bem como a reformulação e a reconstrução de suas identidades em constante negociação com o outro.

Amparados pela ideia de que o indivíduo não abandona sua Pátria somente por opção ou por aventura, acreditamos ser necessário avaliar os aspectos que levam o emigrante a abandonar sua terra natal, considerando os fatores de repulsão ou rejeição no país de origem, bem como os fatores de atração ou compensação no país de adoção¹⁰. Nessa ambiguidade, analisamos a vinda dos primeiros imigrantes ucranianos a partir de 1895¹¹ para o Paraná e nos anos posteriores, para Prudentópolis. Para isso, é conveniente apresentar os aspectos geográficos e históricos da Ucrânia a fim de contextualizar a imigração dos ucranianos para o território brasileiro.

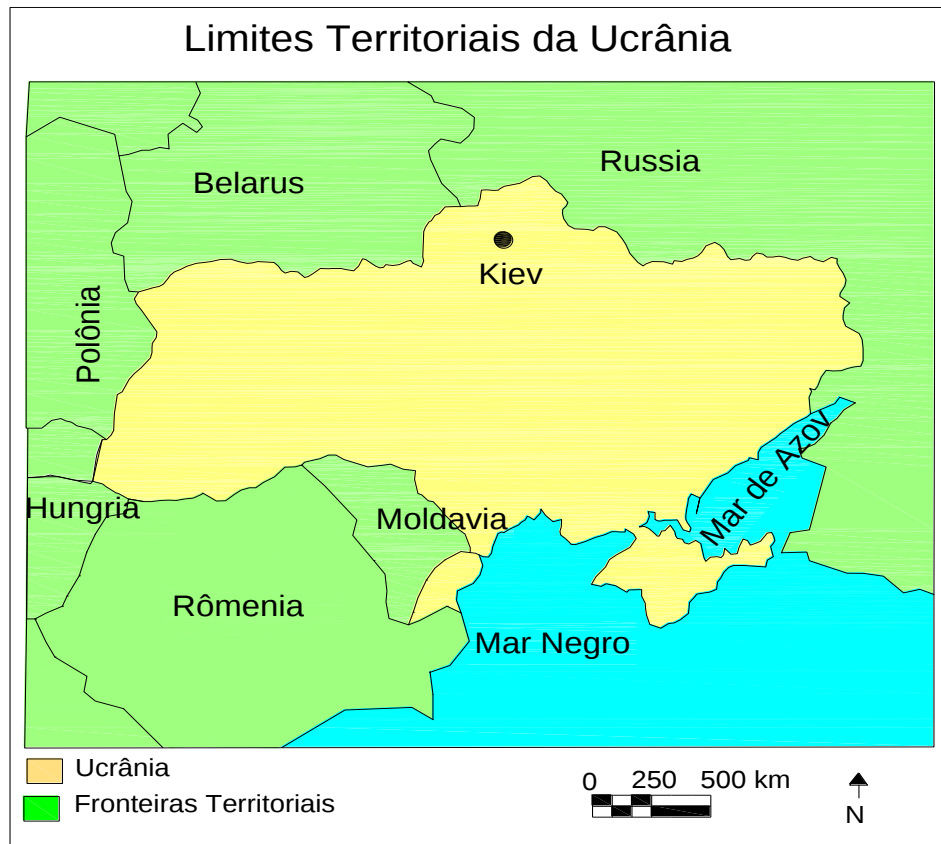
A Ucrânia, antiga república soviética, independente desde 1991 situa-se no centro-leste da Europa. Ao longo de sua história, esse país enfrentou disputas e invasões territoriais que geraram dominações de outros povos e nações. “Sua área, de 603.700km², teve origem no Principado de Kiev, constituído no século IX da Era Cristã”. (BORUSZENKO, 1995, p.03). Recebendo o cristianismo no século X a partir do Império Bizantino, a Ucrânia se estruturou culturalmente e religiosamente com características bizantinas, evidenciadas no rito, nas práticas religiosas e também na arquitetura de suas igrejas. Tendo como capital a cidade de Kiev, seu território está situado entre o Mar Negro e o de Asov. Ao norte a Ucrânia faz fronteira com a Bielorrússia, a leste com a Rússia, ao sul com o Mar Negro, que tem do outro lado de sua margem a Turquia, e a oeste faz divisas com a Romênia, a Hungria, a Moldávia e a Polônia, conforme podemos verificar no Mapa 1.

Por possuir um território abundante em terras férteis, a Ucrânia sempre foi cobiçada pelos países vizinhos, o que gerou inúmeras invasões que ocasionaram transformações geográficas, ora aumentando seus limites e fronteiras, ora diminuindo. Em consequência dessas dominações, inevitavelmente, as fronteiras identitárias do ucraniano também sofreram reconstruções.

¹⁰ A tese de que o processo migratório decorre da interação dos fatores de atração e repulsão foi desenvolvida principalmente por H. Jérôme, na década de 1940. Segundo esta posição, a imigração não se processa apenas pela decisão de abandonar a pátria de origem, mas sim pela imposição simultânea de duas condições: 1- Que a situação dentro do país de origem torne-se intolerável ou, pelo menos, que ela apresente-se como tal para o provável imigrante. 2- Que o outro país ofereça à imaginação do futuro imigrante uma resposta a esta situação, prometendo-lhe a possibilidade de começar uma vida nova e de ter chance de obter aquilo que lhe é negado em seu próprio país. JÉRÔME, H. Migration and bussines cycle. In: CITROEN, N. A. Les migrations internacionales. Paris: Librairie de medicis, 1947, p. 22. Apud: ANDREAZZA, M. L. **O paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana**. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999, p. 72.

¹¹ Os estudos de Oksana Boruszenko apontam que os primeiros imigrantes ucranianos vindos para o Paraná, foram oito famílias que fixaram residência em 1881, na Colônia Santa Bárbara, entre Palmeira e Ponta Grossa. Mas, as principais e maiores levas imigratórias ocorreram a partir de 1895. BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos**. 2.ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, vol.22, nº108. Curitiba: out, 1995, p. 11.

MAPA 1 – Localização da Ucrânia



FONTE: O autor. Adaptado de SIMIELLI, M. H. (2010).

Devido a existência dessas terras férteis, conhecidas como “tchornozem” - terras negras - Burko (1963, p. 16) lembra que “os geógrafos costumam designar o território ucraniano como um dos mais ricos da Europa em vista de seus recursos agrícolas e minerais”. E essa fertilidade, a princípio, foi um dos fatores que contribuiu para as disputas e dominações territoriais do solo ucraniano, fazendo com que nos séculos XIII e XIV, o reino fosse invadido e dominado pelos mongóis e em seguida pelos poloneses e lituanos.

Durante o século XVII, “a Ucrânia fica dividida entre a Rússia (a Leste do Rio Dnieper) e a Polônia (parte Oeste). Com a partilha da Polônia, no final do século XVIII, a Rússia amplia seus domínios, ao mesmo tempo em que a Áustria se apossa de terras do Oeste do país”. (BORUSZENKO, 1995, p. 04). Essa dominação se manteve ao longo do século XIX. E é nesse contexto de conflitos, dominações e invasões que se encontravam os ucranianos que começam a imigrar para o Brasil.

Somando-se a essa situação conflituosa, também é relevante avaliarmos as condições econômicas e políticas em que estavam inseridos os pequenos agricultores ucranianos em

relação às terras agrícolas, haja vista, que grande parte dos imigrantes que chegou ao Brasil, nas primeiras levas migratórias, era originariamente vinculada ao trabalho em pequenas propriedades rurais.

Ainda quando estavam sob o domínio dos poloneses, no século XVII, os camponeses ucranianos vivenciavam uma economia com resquícios feudais, submetidos às obrigações servis. Conforme nos aponta Andreazza (1999, p. 16):

A história vivida pelas pessoas das regiões do leste europeu fez com que, até meados do século XIX, elas mantivessem relações feudais, que só foram legalmente abolidas na esteira das revoluções de 1848. Mesmo assim, em função das dificuldades que vivenciaram como homens livres, no final do oitocentos a servidão era uma memória poderosa.

E essa memória vinculada à servidão, talvez tenha sido um dos motivos que impulsionaram os imigrantes a buscarem uma nova vida de liberdade e melhores condições econômicas na tão propagada “terra prometida”. Essa denominação, relacionada à América e principalmente ao Brasil é constante em relatos de imigrantes que, muitas vezes, entusiasmados com a propaganda realizada na Europa sobre as terras brasileiras, decidiam emigrar deixando para trás, as dificuldades que enfrentavam no país de origem.

Em publicações do Jornal *Prácia* de 1936, percebemos nas memórias desses imigrantes o desejo por uma vida de prosperidade em um mundo novo e desconhecido. Além de deixarem transparecer em seus depoimentos, um misto de angústia e de expectativas ao decidirem emigrar, são evidentes nessas memórias a tensão, o medo e a incerteza de adaptação e sobrevivência em uma nova vida em terras brasileiras. Recordando os motivos que forçaram sua família emigrar para o Brasil, bem como, as expectativas que os imigrantes tinham em relação às novas terras, o senhor Felep Kobren, relata:

Nos primeiros dias do mês de julho de 1896 despedimo-nos de uma vez por todas e para o sempre da nossa aldeia Ostalovitz, na Comarca de Peremeliane. Fomos atropelados pela pobreza e miséria do próprio país, indo como mendigos para o Brasil a procura de sorte e de fortuna.¹² (PRÁCIA, 1936, nº 02, p. 03)

Demonstrando que a busca por uma vida de promessa era o principal fator de abandono da terra natal, os imigrantes também descreviam as dificuldades em deixar para trás uma vida amparada pela religiosidade vinculada à Igreja Greco católica de rito bizantino. Essa instituição era tida como reforçadora da unidade entre os camponeses galicianos e como consoladora da situação de pobreza e exploração em terras ucranianas.

¹² Tradução livre de “В перших днях липня 1896 року прощали ми рас на все наше родиме село Осталовичі, повід Перемишляни, вигнані з рідн го Краю крайньою бідом, нуждою і злиднями, шукаючи в ославненій тоді Бразилії лучшої долі і щастя”. (PRÁCIA, nº 02, janeiro de 1936, p. 03)

Durante o século XIX, a parte Ocidental da atual Ucrânia, formada pelas regiões da Galícia e da Bukovina, estava sob o domínio do Império Áustro-Húngaro¹³. “Os ucranianos, habitantes da parte oriental da Galícia e da parte setentrional da Bukovina, foram denominados pelo governo austríaco de ‘rutenos’”. (SIMPSON, 1953, p. 25). Era também sob essa denominação que esses ucranianos camponeses católicos eram tratados pela Igreja Católica Romana.

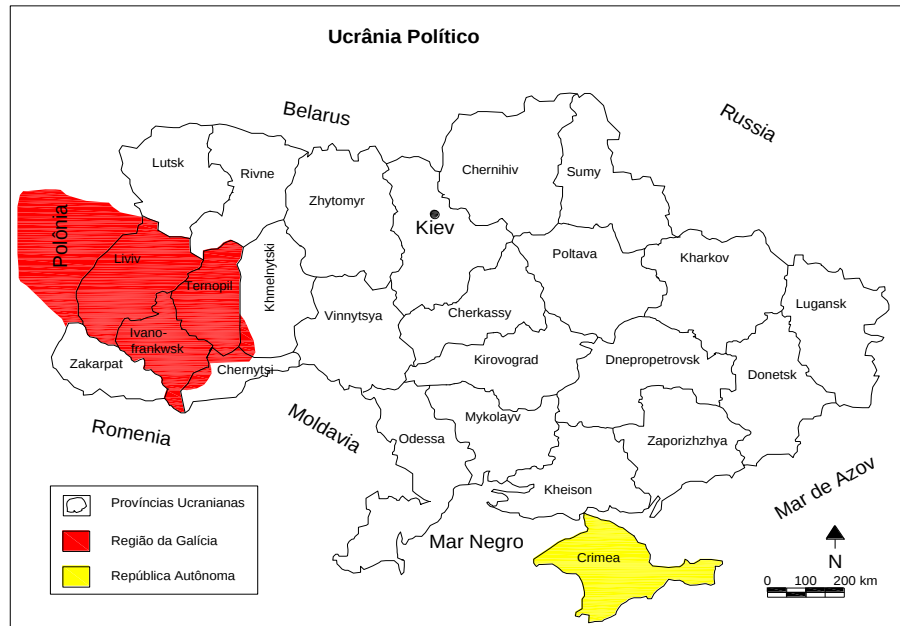
O termo “rutenos” foi utilizado em diversos documentos oficiais no período da imigração para o Brasil e também em documentos de arquivos paroquiais¹⁴, quando se referiam aos ucranianos que emigraram dessas regiões. Esse fato, somado à emissão dos passaportes por autoridades austríacas, quando deixaram a Ucrânia durante a dominação austro-húngara, dificulta a análise da imigração ucraniana para o Brasil, pois esses imigrantes ora foram identificados como austríacos, rutenos ou ucranianos. Nesse espaço geográfico, – Galícia e Bukovina – grande parte dos camponeses ucranianos estava inserida em estruturas econômicas dependentes de uma agricultura não industrializada. Sofrendo as pressões dos povos que dominavam seu território e influenciados pela propaganda de uma vida próspera na América, assim como, “em virtude de condições econômicas em sua pátria, privados da liberdade política e expostos à insegurança constante na prática de sua religião, de seu rito, - muitos ucranianos, (principalmente da Galícia e da Bukovina) -, se viram forçados a se expatriarem”. (HANEIKO, 1985, p. 46).

Integrantes de um grande grupo de famílias que abandonaram as terras da Galícia – parte ocidental da atual Ucrânia – como podemos observar no destaque do Mapa 2, os ucranianos, motivados em construir uma nova realidade em territórios desconhecidos, deixaram sua terra natal, dos quais, grande parte imigrou para o Brasil no final do século XIX, colonizando terras principalmente no Paraná.

¹³ Áustria-Hungria ou Império Austro-Húngaro foi um vasto e importante Estado europeu, sucessor do Império Austríaco. Resultou de um compromisso entre as nobrezas austríaca e húngara em 1867, e foi dissolvido em 1918, após a derrota na Primeira Guerra Mundial, conforme as exigências do Tratado de Versalhes implementadas pelos tratados de Saint-Germain e Trianon.

¹⁴ Exemplo do uso do termo “Rutenos”, referindo-se aos ucranianos das regiões da Galícia e da Bukovina pode ser constatado na abertura do Primeiro Livro de Batismos da Paróquia de São Josafat em 1897 pelo Padre Silvestre Kizema, primeiro padre da Ordem de São Basílio que emigrou da Ucrânia para Prudentópolis.

MAPA 2 - Ucrânia com destaque para a Região da Galícia.



FONTE: O autor. Adaptado de SIMIELLI, M. H. (2010).

Referente a esse contexto, os estudos de Oksana Boruszenko (1995, p. 09) revelam que:

A imigração ucraniana no Paraná realizou-se em três etapas distintas. A primeira data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos (sobretudo lavradores da Galícia e Bukovina, que desde o Congresso de Viena, estavam sob o domínio da Áustria, em consequência da superpopulação agrária e débil industrialização bem como das más condições socioeconômicas) abandonaram as terras negras e transferiram-se para outros países, entre os quais o Brasil, onde se fixaram especialmente no Estado do Paraná.

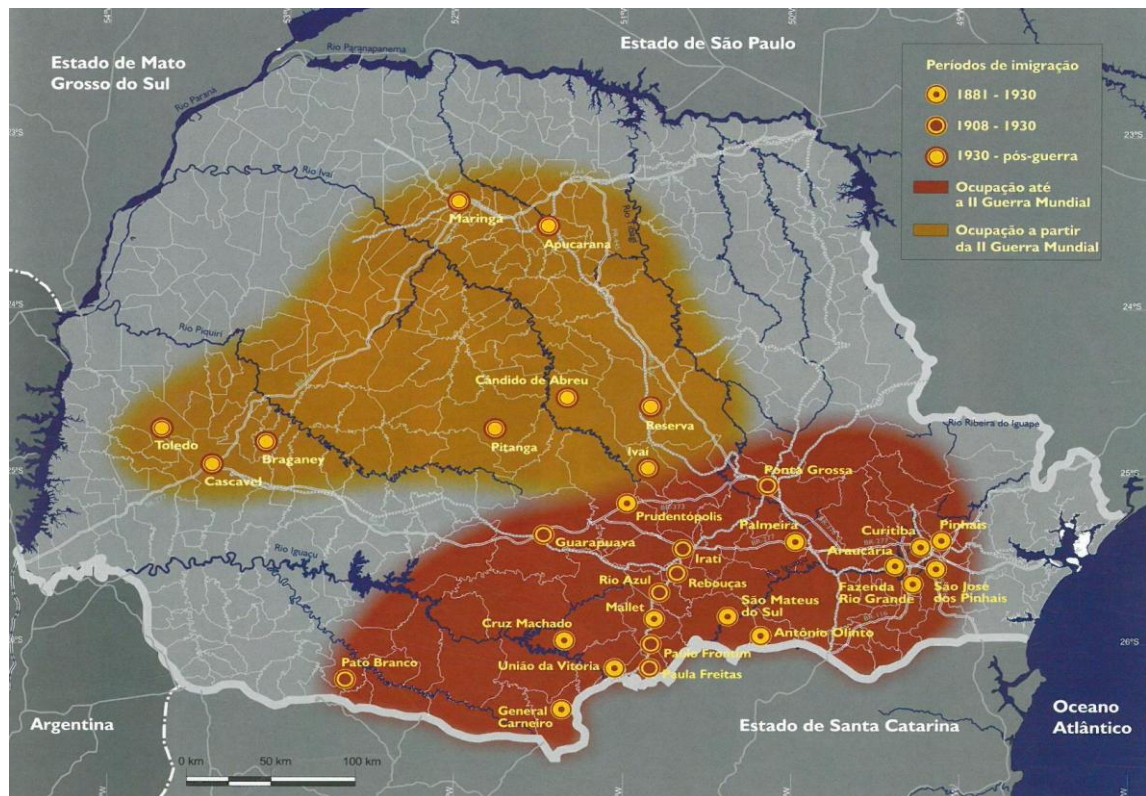
Fazem parte desse primeiro grupo, os imigrantes ucranianos que foram direcionados pela política imigratória brasileira, a ocuparem os lotes coloniais no Município de Prudentópolis.

Ao analisarmos os registros de lotes que foram comprados pelos imigrantes ucranianos nesse município, bem como, os relatórios de colonização elaborados pelos Secretários de Negócios de Obras Públicas e Colonização e enviados aos Governadores do Estado do Paraná entre os anos de 1892 a 1913, percebemos a ocupação e colonização das terras na região centro sul do Estado, em evidência, a formação de linhas coloniais a partir da imigração.

Os imigrantes ucranianos vindos após o ano de 1918 constituíram a segunda etapa da imigração. Nas palavras de Boruszenko (1995, p. 09): “a segunda etapa ocorreu após a Primeira Guerra Mundial”. E segundo a autora, “os motivos, desta vez eram, sobretudo

políticos”. (BORUSZENKO, 1995, p. 09). O que impulsionou a imigração para outros países, nesse período, foi a dominação do território ucraniano pela Rússia e pela Polônia. Em meio aos movimentos liberais do século XIX, a Ucrânia, através de grupos nacionalistas tentou restabelecer sua independência em 1919, fato não consolidado, pois em pouco tempo, os ucranianos acabaram perdendo a soberania sobre o próprio território. Essa nova situação, fez com que muitos ucranianos buscassem emigrar. Os imigrantes que vieram para o Paraná, nesse período, majoritariamente, foram encaminhados para os núcleos coloniais já estabelecidos em várias regiões do Estado. E a terceira etapa da imigração ucraniana, considerada a maior em número de imigrantes, ocorreu no período posterior a Segunda Guerra Mundial. “Eram mais de duzentos mil imigrantes, entre operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos e soldados da Primeira Divisão ucraniana e de outras formações militares, que lutaram contra os russos”. (BORUSZENKO, 1985, p. 10). Desse grupo, boa parte também imigrou para outros países da América, como Estados Unidos, Canadá e Argentina. Em relação ao Paraná, as fases da imigração ucraniana podem ser analisadas no Mapa 3.

MAPA 3 - Imigração Ucraniana no Paraná



FONTE: BATISTA, Fábio Domingos. Igrejas Ucranianas: arquitetura da imigração no Paraná. 2009. p. 39.

1.1. PARANÁ – “TERRA DA PROMISSÃO”: ENTRE A PROPAGANDA OFICIAL E A REALIDADE IMIGRANTE

Em relação aos imigrantes ucranianos que vieram para Prudentópolis, conforme os registros de colonização¹⁵, a grande maioria fez parte da primeira etapa de imigração. Ou seja, eram as famílias de pequenos agricultores que abandonaram a Ucrânia em fins do século XIX e início do século XX, devido às condições de submissão e dominação do território ucraniano, nesse período sob o controle da Áustria e da Rússia. Esses emigrantes, vindos principalmente da Galícia (território dominado pela Áustria), chegam ao Brasil com passaportes austríacos, - como dito anteriormente, - dificultando assim, a elaboração de dados precisos nos levantamentos sobre a imigração ucraniana. Essa situação pode ser constatada nos relatórios de colonização de 28/10/1895 (PARANÁ, 1895, p. 39) e de 01/09/1896 (PARANÁ, 1896, p. 04), onde não encontramos registros de entrada de imigrantes ucranianos no Paraná, e sim, de um grande número de “austríacos e de polacos” entre outros imigrantes, que foram direcionados a ocupar terras que originaram vários núcleos coloniais no Estado. Esses imigrantes, considerados oficialmente como de nacionalidade polonesa ou austríaca, devido os passaportes fornecidos pelos países que nesse período dominavam a Ucrânia, eram em grande parte, ucranianos. A dificuldade em encontrar dados e números exatos sobre a entrada dos imigrantes ucranianos em território brasileiro, sobretudo em terras paranaenses nos registros oficiais, foi suprida a partir dos levantamentos em arquivos paroquiais e em pesquisas onomásticas nas listas de imigrantes. (BORUSZENKO, 1995, p. 12).

Essa política imigratória já incentivada pelo Governo Federal desde o período Imperial do Brasil, a partir de 1892, com a criação da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas e Colonização¹⁶ se intensificou no Paraná como necessidade de legalizar a ocupação das terras públicas do Estado. Em relatório elaborado e encaminhado ao Governador do Estado pelo então secretário nomeado, Engenheiro Cândido Ferreira de Abreu, é perceptível essa preocupação. Referindo-se às terras públicas, o secretário registrou:

Esta é uma das questões mais palpitantes da actualidade para o Estado. A necessidade de uma boa lei de terras, assignalando o direito dos legítimos possuidores de propriedades territoriaes e evitando a criminosa invasão das terras que constituem patrimônio do Estado, faz-se sentir immediatamente desde que o alto valor justamente attribuído ao solo riquíssimo do Paraná, desperta a cobiça e attrahe

¹⁵ Os registros de colonização aos quais nos referimos, constam nos Relatórios dos Secretários da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, elaborados e encaminhados aos Governadores do Estado do Paraná, no período de 1892 a 1913, consultados no Arquivo Público do Estado do Paraná em <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59>. Acessado em: 13 jan. 2014.

¹⁶ A Secretaria de Negócios de Obras Públicas e de Colonização foi criada no Paraná em 27 de abril de 1892 pela Lei nº 1 e reorganizada pela Lei nº 120 de 15 de dezembro de 1894.

um sem número de indivíduos sedentos de possuírem, por qualquer forma, grandes extensões territoriais. (PARANÁ, 1892, p. 05)

Destacando a necessidade de regulamentar a ocupação das terras de patrimônio público, a fim de evitar invasões, o incentivo à imigração europeia foi uma das soluções apontadas nesse contexto. Assim, a propaganda da existência de grandes extensões de terras férteis no Brasil e especialmente no Paraná, associada ao subsídio governamental da viagem e dos custos iniciais na nova terra, foram alguns dos fatores de atração para os camponeses ucranianos que enfrentavam dificuldades de ordem financeira e política em sua Pátria. Conforme Boruszenko (1995, p.08),

A partir de 1895, teve início uma verdadeira debandada de camponeses da Ucrânia para o Brasil, às custas do governo republicano. No decurso de dois anos, mais de cinco mil famílias abandonaram suas aldeias e, na grande maioria, fixaram-se no Paraná; entre 1897 e 1907, mais de mil emigraram às próprias custas. Com a renovação do transporte gratuito em 1907, novas grandes levas de emigrantes dirigiram-se ao Paraná.

Essa situação ambígua entre as dificuldades internas enfrentadas na Ucrânia e as expectativas de uma nova vida longe de seu país de origem, bem como o sofrimento pelo que estavam deixando e a ansiedade pelo que esperavam encontrar, pode também ser notada no relato feito por Miguel Chevtchuk para o Jornal Prácia em publicação referente aos quarenta anos de imigração ucraniana no Brasil. O imigrante relembra:

Certo dia, o pai trouxe não sei de onde uma notícia inesperada - de que nós iríamos para o Brasil, e explicou que precisávamos ir procurar melhor sorte, pois, aqui não temos prosperidade; há muita pobreza; não temos nem no que trabalhar (tínhamos num total 4 morgues) – medida de terreno que equivale a um acre de lavoura. Nós pulamos de alegria! E não se falava de mais nada, além disso. Perguntávamos ao pai quando partiríamos, quando sairíamos e quando chegaríamos.¹⁷ (PRÁCIA, 1936, p. 03).

Pautado na propaganda intensiva de uma terra propícia à prosperidade e ao enriquecimento do imigrante e, também, considerando que o impulso para o desenvolvimento do Estado estaria na imigração, o governo do Estado do Paraná apresentava esse território como a Terra da Promissão. Essa representação relacionada ao trabalho desenvolvido pela Secretaria de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização pode ser verificada na descrição do então secretário Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos em relatório encaminhado ao Governador do Estado Francisco Xavier da Silva em 31 de dezembro de 1908. Referindo-se à imigração, ele escreve:

¹⁷ Tradução livre de: “Одного дня звідкись прийшли тато і принесли нам несподівану новину, що і ми поїдемо до Бразилії, пояснюючи нам, що мусимо їхати в інший край, шукати лучшої долі і щастя, бо тут нема гаразду, біда, й нема на чім робити, (було всього 4 морги поля). Ми з радості й одушевлення аж відскочили! і про ніщо більше не було бесіди, лише про це. Ми розпитувалися тата, коли виїдемо, кудю їхати-мемо, й коли заїдемо”. (Prácia, n. 33, agosto de 1936, p. 03).

O Estado do Paraná tem sido um dos maiores propugnadores dessa aspiração nacional; as suas portas tem-se aberto larga e fartamente à corrente immigratoria, prodigalizando-lhe todas as vantagens e commodidades no que se refere aos auxílios de que tem podido dispor e às múltiplas e variadas riquezas do seu solo. Região feracíssima, com a de quase de todo o território brasileiro, a do Paraná ostenta-se no gardo miraculoso com que se approuve dotal-o a natureza ardente e luminosa do Cruzeiro, fazendo deste abençoado recanto, que já foi chamado *Jardim da América*, um attrahente repasto de mil nobilíssimas aspirações. (PARANÁ, 1909, p. 15)

Apresentada como “desideratum”¹⁸, ou seja, como aspiração e desejo, a imigração era considerada vantajosa para o imigrante e também para o governo do Estado do Paraná. O imigrante buscava nova Pátria e o governo precisava de braços para o trabalho e para a colonização de vastas regiões do Estado.

Nessas condições o Governo realiza a sonhada aspiração entre nós, não oppondo de modo algum desvantagens ou dificuldades à corrente, antes recebendo-a de braços abertos, e collocando-a, localizando-a de maneira a ser uma realidade a segurança, tranquilidade, vida e futuro dos que neste fértil pedaço do Brazil vêm encontrar uma espécie do que nos tempos bíblicos se chamava Terra da Promissão. (PARANÁ, 1909, p. 16)

E, mesmo admitindo a existência de dificuldades financeiras para provocar uma larga corrente migratória, o secretário, referindo-se ao imigrante, sustenta:

Elle encontra entre nós, no Governo do Estado, senda vantajosa aberta, para o desenvolvimento da região, para o seu futuro próspero, nos meios regulares, pacientemente elaborados, de agasalho e repouso, de tranquilidade e de vida, para os que, abandonando os lares pátrios, vêm encontrar nesta salubérrima parte do Brasil, brilhantes e doces perspectivas de nova e acalentadora pátria adoptiva. (PARANÁ, 1909, p. 15)

Todo esse cenário de estímulo à imigração europeia e também de apresentação de vantagens promissoras relacionadas à vinda de imigrantes para as terras brasileiras, pode ser inserido no contexto histórico vivenciado no Brasil e particularmente no Paraná, num período de transformações conjunturais.

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil passava por modificações estruturais, tanto em âmbito político como econômico. Aliada às mudanças que se apresentavam como a transição do Império para a República, a lenta substituição da monocultura de exportação para a policultura e a gradativa abolição da escravatura, a imigração, inicialmente subvencionada pelo governo federal, tinha como objetivos principais a ocupação de vazios demográficos, a substituição da mão de obra escrava e o abastecimento de áreas urbanas, pois as colônias de imigrantes eram organizadas em regiões propícias para a produção rural e próximas aos centros urbanizados. Ainda no período imperial, a necessidade de estimular a imigração para terras brasileiras como promissora de colonização e de

¹⁸ O termo “desideratum” – aquilo que se aspira, que é desejado, - é constante nos relatórios dos Secretários de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização quando se referem à imigração.

desenvolvimento econômico era sentida na aprovação de leis referentes à questão fundiária e ao trabalho livre.

Em 1850, duas leis relacionadas foram promulgadas: a Lei Eusébio de Queiroz que proibia o tráfico de escravos e a lei 601, chamada de lei de Terras, a qual entre outras medidas, regulamentava a colonização das terras incultas do Império e a política de atração de imigrantes europeus em substituição ao trabalho escravo no Brasil. (HAURESKO, 2012, p. 75).

Essas duas leis, concomitantemente, contribuíram para a organização de núcleos coloniais em várias regiões do território nacional.

Em relação ao Paraná, Província criada em 1853, a situação não era diferente. A propaganda migratória se intensificou a partir da emancipação político administrativa, fazendo com que os imigrantes europeus comesçassem a se estabelecer em terras paranaenses.

É nessa conjuntura dominada pelas transformações relacionadas à extinção do tráfico – o que pré-anunciava o fim do regime de trabalho escravo; a expansão do comércio exterior – que no Paraná era representado pelo desenvolvimento da economia do mate; a criação de um novo regime de terras, oriundo em parte da necessidade de modernizar o regime de propriedade no país e da luta política entre os defensores da ‘colonização’ com imigrantes estrangeiros visando à substituição do braço cativo e aqueles que preconizavam a ‘colonização de povoamento’; e tendo ainda como pano de fundo o desenvolvimento de uma sociedade urbana originada do desenvolvimento de uma economia mercantil e da decadência social e política dos antigos criadores de gado, é que foi criada, no território anterior da 5ª. Comarca da Província de São Paulo, a Província do Paraná em 1853. (NADALIN, 2001, p. 71)

Tendo necessidade de mão de obra e dependendo da importação de artigos do exterior e das outras províncias, no Paraná “a introdução de colonos começou a ser vista como um remédio para resolver o problema da carestia e dos altos preços dos alimentos”. (NADALIN, 2001, p. 72). Assim, os estrangeiros pretendidos para a tarefa de colonização e produção precisavam apresentar características específicas. O imigrante deveria ser “agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades” (OLIVEIRA, 2001, p. 29). Essa pretensão também ficou evidente nos contratos firmados entre o Governo do Estado do Paraná com particulares a fim de localizar imigrantes em terras devolutas. Além de diversas obrigações que deveriam ser cumpridas pelo contratado, os imigrantes que poderiam ocupar os lotes de terras, deveriam ser “de preferência imigrantes das nacionalidades Portuguesa, Alemã, Austríaca, Russa e Italiana, sendo estes do Norte, não podendo, todavia, pertencerem todos os imigrantes a uma única nacionalidade”. (PARANÁ, 1896, p. 19)

Percebe-se assim, a preferência por um tipo ideal de imigrante, excluindo a possibilidade de ocupação de terras por outras nacionalidades, senão àquelas determinadas

pelo Governo. Além disso, o receio em organizar os imigrantes de uma mesma nacionalidade, num mesmo espaço geográfico era evidente.

Mas, mesmo com essas restrições, vários núcleos de imigrantes foram formados majoritariamente por indivíduos de uma mesma nacionalidade. E isso é verificado na ocupação do território do Município de Prudentópolis. A grande maioria das Linhas Coloniais, organizadas durante o período da imigração, receberam imigrantes ucranianos, ainda que fossem muitas vezes, denominados poloneses ou austríacos.

Fazendo parte de um “plano de colonização gradual”¹⁹, os camponeses que emigraram da Ucrânia para o Paraná, assim como os demais imigrantes de outras nacionalidades que eram requisitados pelo governo paranaense, eram descritos pelo secretário Cândido Ferreira de Abreu como “homens trabalhadores, de índole pacífica e ordeira, e sobretudo obdientes às Leis, que respeitam tanto quanto veneram o symbolo da nacionalidade perdida. Povo de hebreus, que esmagado pela fatalidade da sorte, encontra no Paraná a terra prometida”. (PARANÁ, 1899, p. 6).

Esse imaginário construído e representado na figura do imigrante que se adaptava continuamente e sem problemas nos núcleos coloniais do Estado também foi descrito pelo mesmo secretário:

As colônias em nosso território desenvolvem-se como fructos lançados em terra abençoada; nenhum immigrante, depois de localizado, soffre as terríveis consequências da nostalgia pátria; nenhuma família abandona o lote que lhe foi distribuído, para procurar em outro Estado melhor collocação. (PARANÁ, 1899, p. 05).

Mas, a nova realidade construída, a partir da descrição do imigrante, não era a mesma propagada pelo governo. Em cartas e depoimentos dos imigrantes ucranianos percebem-se as dificuldades econômicas enfrentadas, os problemas de adaptação na Pátria adotada e a tentativa, na maioria das vezes frustrada, de retorno à terra de origem.

Os conflitos e as tensões entre brasileiros e imigrantes ucranianos também são visíveis no período de colonização em Prudentópolis, ora pelas diferenças culturais, evidenciadas na língua e na religiosidade, ora na posse de terras e de bens econômicos.

Nas cartas dos primeiros religiosos e também de imigrantes vindos para o Município e que foram enviadas para a Ucrânia descrevendo a situação dos colonos, essas tensões foram destacadas.

¹⁹ Termo utilizado pelo Secretário de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Engenheiro Cândido Ferreira de Abreu, no relatório de 1898, apresentado ao então Governador do Estado do Paraná Dr. José Pereira Santos Andrade.

Essas cartas, - uma das fontes utilizadas nesse trabalho, - foram endereçadas para o Jornal religioso da Ordem de São Basílio Magno²⁰ (OSBM) denominado “Micionar” da cidade de Jovkua, na Ucrânia, nos primeiros anos da imigração. Publicadas na Ucrânia nesse período, essas cartas foram republicadas no Jornal Prácia, de propriedade dos Padres Basilianos de Prudentópolis no idioma ucraniano, em várias edições do ano de 1997 em comemoração ao Centenário dos Padres Basilianos no Brasil.

O Padre Silvestre Kizema, primeiro sacerdote da Ordem de São Basílio Magno que chegou em Prudentópolis no ano de 1897, em uma das cartas, relata as divergências entre os estabelecidos e os recém chegados: “Se algum estrangeiro deseja fazer qualquer coisa, os brasileiros encenqueiros logo gritam dizendo que os estrangeiros vieram tirar suas riquezas e enriquecer com seus bens”.²¹ (PRÁCIA, 1997, p.10). Referindo-se às dificuldades de adaptação na nova terra e também contrariando a ideia de que os imigrantes estavam recebendo assistência contínua do governo, o imigrante Gregório Hladkei, descreve:

Ficamos em barracas por quatro meses. Chegamos a Curitiba e aqui escutamos coisas distintas das coisas que havíamos escutado na Galícia: não víamos a fronteira, que falta de sorte a nossa. Por que nos mexemos do nosso ninho. Ficamos três semanas em Curitiba e nas colônias ao redor de Curitiba. Os pioneiros da Galícia estão abandonados, sem esperança e nos assustam dizendo que nós também iremos padecer aqui.²² (PRÁCIA, 1997, p.09).

Assim, percebemos que a construção do imaginário e das representações de uma vida próspera nas terras paranaenses propagadas pelos agentes de imigração e também pelo governo do Paraná, referindo-se a esse território como “Terra da Promissão”, não era compartilhada pelos imigrantes. Muitos colonos demonstravam insatisfação e até arrependimento por terem abandonado sua Pátria. Mas, o retorno para a terra natal não era possível para a grande maioria deles.

²⁰ Nome da ordem religiosa da qual fazem parte os Padres Basilianos que acompanharam a trajetória dos imigrantes ucranianos que se instalaram em Prudentópolis. A presença e a atuação da Ordem de São Basílio Magno serão destacadas no capítulo 2 dessa dissertação.

²¹ Tradução livre de “Если який чуженець хоче братися до чоگونهбудь, то Бразилійці дуже лихі стають на те й кричуть, що чужинці прийшли хапати їх богатства й збогачуватися їх добром”. (PRÁCIA, novembro de 1997, n. 21 (6055), p.10).

²² Tradução livre de “Булисьмо на бараках штири місяці так ми собі гадали, тому нас тримають, вже нема хатів готових. Приїхалисьмо до Куритиби, тут чуємо же не такий гаразд, як в Галичині говорили: не видно стогів, ні вборогів; біда наша, жесьмо сіруили зі свого гнізда. В Куритибі булисьмо три неділи, були по кольоніях недалеко Куритиби, Попередники з Галичини такі опущені, вже без надії і нас налякали, же ми ту загинем”. (Prácia, dezembro de 1997, n. 23 (6057) p. 09).

1.2. COLONIZAÇÃO DE PRUDENTÓPOLIS E IMIGRAÇÃO UCRANIANA: A RELIGIOSIDADE COMO FRONTEIRA IDENTITÁRIA

O Município de Prudentópolis, quando da chegada dos primeiros imigrantes ucranianos em 1896,²³ ainda era conhecido como o antigo povoado de São João de Capanema ou Vilinha (como foi denominado até o ano de 1895). Mas com a decisão do governo federal em colonizar essa região, o então Diretor da Colônia, Dr. Cândido Ferreira de Abreu, em 1896 denominou esse território de Prudentópolis em homenagem ao Presidente da República Dr. Prudente de Moraes. Pertencente ao território de Guarapuava,²⁴ Prudentópolis fazia parte de uma região pouca habitada.

Dentro desse município, do rio dos Patos à Serra da Esperança, até a abertura da estrada da linha telegraphica, poucos moradores existiam, começando a afluir gente para aquela região de florestas virgens no ano de 1882, quando as terras prometiam valorizar-se pela esperada construção da estrada de rodagem. Em fins de 1894 o governo resolveu colonizar a região de S. João de Capanema, cujas terras o governo do Estado lhe havia concedido para esse fim. Em 1895 já o aspecto da “Villinha” era de uma povoação prospera, com suas ruas bem traçadas, casas novas construídas com capricho, movimentada pela contínua chegada de famílias polonezas e ucranianas, que iam ser localizadas nas longas linhas abertas ao norte e a oeste da sede. (PRUDENTÓPOLIS, 1929, p. 11).

Integrantes do projeto nacional de colonização a partir da imigração²⁵, essas terras foram demarcadas e divididas em lotes de aproximadamente 10 alqueires ou “25 hectares” (PARANÁ, 1908, p. 21; GUÉRIOS, 2012, p. 235) que seriam entregues aos colonos. Esses lotes coloniais eram vendidos aos imigrantes e a cobrança da chamada “dívida colonial” era realizada por funcionários públicos nomeados pelos Secretários de Negócios de Obras Públicas e Colonização.

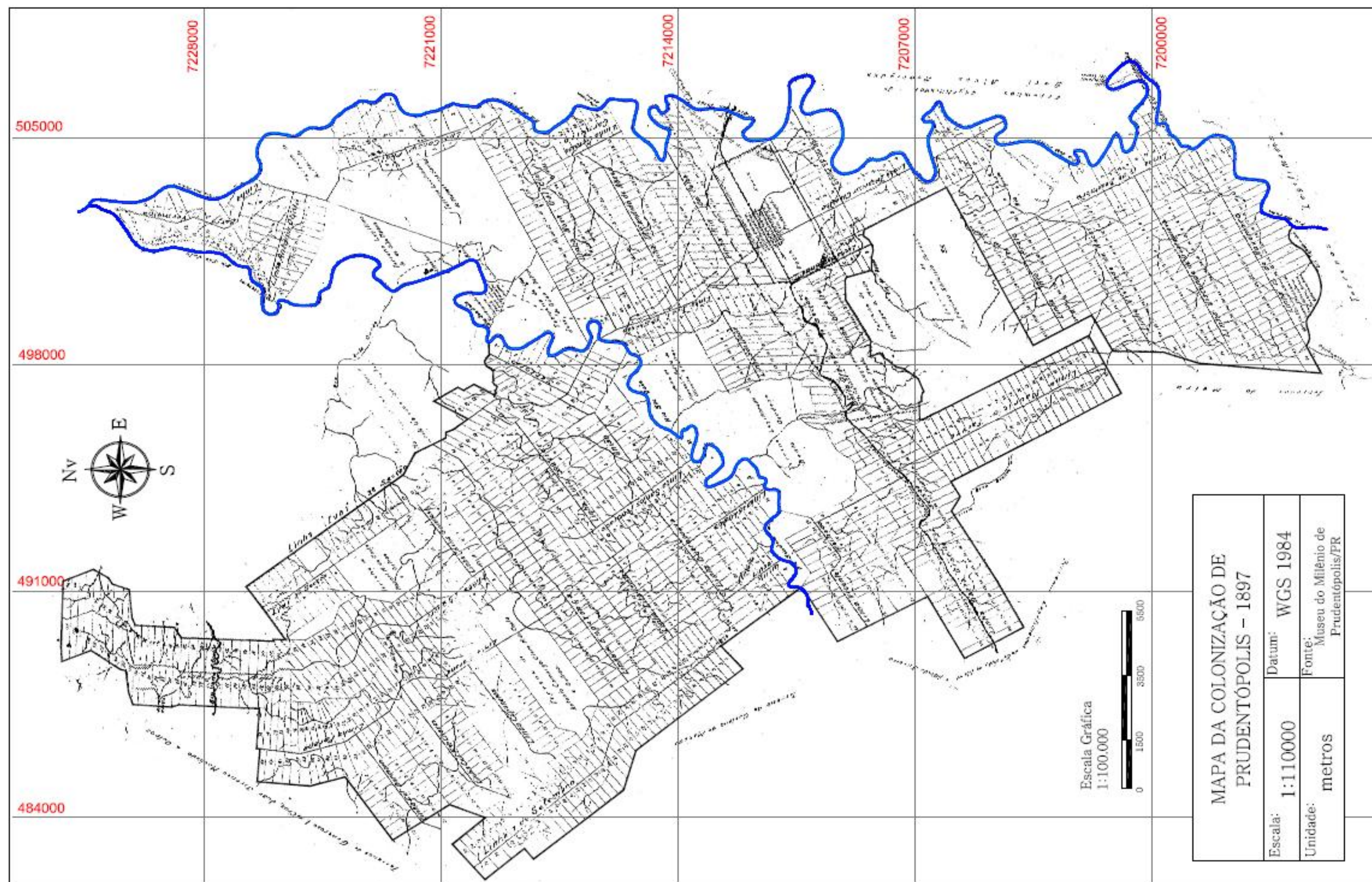
No início da colonização do Município foram organizados dois Núcleos Coloniais denominados Senador Correa e Jesuíno Marcondes que deram origem às diversas Linhas Coloniais ainda existentes em Prudentópolis onde os imigrantes foram estabelecidos. Essa demarcação territorial pode ser visualizada nas Figuras 1 e 2 e no Mapa 4.

²³ Segundo a pesquisadora Dra. Oksana Boruszenko as levas de imigrantes ucranianos que vieram em 1896 e 1897 foram direcionadas para Prudentópolis e Marechal Mallet. (BORUSZENKO, 1995, p. 11).

²⁴ Prudentópolis consegue a emancipação político administrativa através da Lei Estadual nº.615 de 05 de março de 1906, sendo que a instalação do município ocorreu em 12 de agosto do mesmo ano.

²⁵ No Relatório de Colonização de 1907, o então Secretário de Obras Públicas e Colonização, Francisco Gutierrez Beltrão esclarece que a fundação de núcleos coloniais sob a administração direta do Estado e auxílio da União deveria apresentar os planos gerais dos núcleos para a aprovação do Governo Federal. E os dois primeiros núcleos coloniais do município de Prudentópolis que receberam os imigrantes ucranianos faziam parte desse projeto colonial, que a pedido do governo da União foram fundados pelo Secretário de Estado Sr. Dr. Cândido Ferreira de Abreu em 1896. Mas no Relatório de 1908 elaborado pelo bacharel Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, é descrito que o Núcleo Colonial Jesuíno Marcondes foi oficialmente criado e regulamentado pelo Decreto nº. 28 de 26 de março de 1908 e o Núcleo Colonial Senador Correia pelo Decreto nº. 208 de 16 de março do mesmo ano.

MAPA 4 – Colonização de Prudentópolis – 1897 – Mapa Georreferenciado



FONTE: O Autor. Adaptado do Museu do Milênio – Prudentópolis.

Foi nesse espaço territorial que os imigrantes ucranianos reconstruíram um mundo de experiências vivenciadas na religiosidade e em traços culturais vinculados a um passado comum e reforçados em elementos de identificação e pertença, sobretudo, na língua ucraniana e na religião Greco católica de rito bizantino.

Ocupados majoritariamente por ucranianos, os lotes coloniais originaram núcleos rurais constituídos por camponeses que estabeleceram uma relação intrínseca entre terra, trabalho e crenças evidenciadas nos rituais de rezar e benzer. Essa relação entre os rituais religiosos e a vivência dos imigrantes em terras distantes da Ucrânia contribuiu para a reconstrução de um universo religioso ainda persistente em Prudentópolis. Vinculados a uma sociedade tipicamente agrária os rituais de bênçãos praticados pelos ucranianos como a benção da terra, da água, das flores e ramos, das frutas e sementes, dos alimentos e das velas entrelaçaram práticas rituais embasadas em crenças indissociáveis entre religião e natureza.

À medida que os lotes eram ocupados,

os imigrantes ucranianos construíram espaços geográficos e demarcaram territórios sociais, culturais e religiosos. Eles recriaram o universo social, cultural e religioso como um mecanismo de defesa, resistência e de preservação da identidade numa realidade alheia e hostil. Tais espaços (re) construídos e demarcados pelos primeiros imigrantes serviram para imprimir limites, mas não impermeabilizaram o grupo de influências externas nem impediram a mobilidade e a expansão das fronteiras, sobretudo culturais e religiosas. (HANICZ, 2011, p. 01).

Essa demarcação de territórios sociais, culturais e religiosos é evidenciada no rito bizantino adotado pela Igreja Oriental Greco Católica Ucraniana e praticado como pertença étnica. O fato dos imigrantes e descendentes ucranianos usarem a língua materna no cotidiano assim como nas cerimônias religiosas e também, por adotarem um calendário litúrgico particularizado nas datas santificadas, diferente das datas do calendário litúrgico latino adotado no Brasil fez, e continua fazendo com que esse grupo se identifique etnicamente. O vínculo de identificação para muitos desses sujeitos continua sendo a religião e a língua. Esses traços culturais, evidenciados e reafirmados pelos imigrantes e descendentes de ucranianos faz com que suas identidades também sejam reafirmadas etnicamente. Essa reafirmação identitária, promove de certa forma, uma aproximação entre os membros que se identificam etnicamente, mas ao mesmo tempo, provoca uma separação, um afastamento dos indivíduos que são tidos como diferentes. Criam-se fronteiras sociais identitárias. E essas fronteiras estabelecidas por tensões e resistências frente ao outro, ora reforçam o pertencimento étnico entre os descendentes de ucranianos, ora diferenciam e excluem o estranho. “Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para

determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão” (BARTH, 2011, p. 195).

Assim, desde a chegada dos primeiros imigrantes ucranianos em Prudentópolis percebe-se um forte vínculo de pertencimento entre eles. Além da língua, a religiosidade baseada no rito bizantino, serviu como demarcadora de diferenças entre os ucranianos, brasileiros e demais imigrantes estrangeiros. Como essas diferenças culturais persistentes contribuíram para alicerçar uma nova realidade a ser construída e solidificada, os imigrantes vinculados e também identificados por traços e crenças em comum, uniram-se frente às adversidades enfrentadas para conquistar e garantir um espaço social e religioso na nova terra. Esse espaço legitimado mais tarde pela presença e atuação da Igreja Oriental Greco Católica Ucraniana de rito bizantino por meio de um calendário litúrgico próprio, reafirmou a identidade étnica desse grupo através da língua e dos rituais religiosos praticados por seus fiéis. Vale lembrar que o reconhecimento e a legitimidade de uma instituição não se constituem somente pela imposição e pela dominação. Existe um jogo de reciprocidade e negociação constante entre a instituição que impõe os discursos e os sujeitos que reapropriam o discurso instituído.

Quando chegaram em Prudentópolis, após permanecerem em barracos improvisados durante alguns meses aguardando a demarcação das terras, conforme podemos observar na Figura 3, os imigrantes ucranianos foram direcionados a ocupar os lotes coloniais à margem esquerda do Rio dos Patos.

FIGURA 3- Instalação dos primeiros imigrantes ucranianos em barracas – Prudentópolis - 1896



FONTE: Acervo da Gráfica Prudentópolis – Padres Basilianos.

As linhas coloniais que se originaram a partir das divisões territoriais em lotes, majoritariamente, eram compostas por ucranianos. Segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, em 1896 se estabeleceram no Município 1.500 famílias de ucranianos. Aproximadamente 8.000 pessoas dessa mesma nacionalidade²⁶. Essa proximidade entre os lotes dos imigrantes e também o fato de formarem o maior grupo étnico que ocupou as terras do Município - com o aumento do número de famílias que se estabeleceram nos mesmos núcleos coloniais nos anos posteriores, - não pode ser visto como fator determinante de manutenção de traços culturais. A afirmação étnica não ocorre somente pelo isolamento ou pela coesão do grupo, mas, principalmente pelas diferenças que são constantemente reafirmadas frente ao outro. Portanto, esses imigrantes, mesmo estabelecendo formas de defesa e resistência em relação ao estranho, ao diferente, tiveram suas identidades reconstruídas e reformuladas a partir das novas relações sociais estabelecidas, ressignificando suas práticas culturais frente às dificuldades de adaptação apresentadas num novo espaço geográfico e social. Fazendo parte de um grupo, que se autoatribui e que são atribuídos por outros, como étnico, com características de uma cultura comum identificada por traços culturais como crenças, símbolos, rito e língua e, principalmente, porque esses traços culturais são embasados num sentimento de pertença que os identifica demarcando fronteiras identitárias, aproveitamos o pensamento de Fredrik Barth, apontado por Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 11) quando diz que a identidade étnica,

como qualquer outra identidade coletiva (e assim também a identidade pessoal de cada um), é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não. (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011, p. 11)

Quando ocorre esse processo de interação e a identidade ou o sentimento de pertença é construído subjetivamente pela necessidade de construção da diferença, de se estabelecer como o estranho para o outro, verificamos que ocorre uma reafirmação identitária que segrega, que exclui o diferente. “Não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas”. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 2011, p.40). E mesmo que o isolamento e a proximidade entre as colônias formadas por imigrantes majoritariamente ucranianos possa ter contribuído para a manutenção de um sentimento de pertença entre eles, a reafirmação das diferenças perante o outro, reforçou a etnicidade desses sujeitos.

²⁶ Consulta realizada em: <http://www.prudentopolis.pr.gov.br/cidade/historia>. Acessado em: 18 jan.2014.

Assim, podemos perceber como as condições nas quais certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos para diferenciar os grupos a partir de formulações identitárias contrastivas²⁷. Essa identidade contrastiva exprime-se como um sistema de contrastes, de oposições, de diferenciações entre a afirmação do “eu” diante do “outro”.

O Eu se configura em termos sociais de tal forma que, em determinados cenários como o da situação interétnica, o Outro com quem se defronta - o ‘Outro étnico’ - cumpre um papel fundamental na conformação de sua consciência (étnica). Quando esse Eu assume a identidade étnica, ele o faz de modo contrastante de conformidade. (OLIVEIRA, 2006, p.73).

Essas diferenciações entre grupos étnicos e também a reafirmação da diferença frente ao outro, podemos notar nas palavras dos imigrantes que se identificavam através da religião e do pertencimento étnico quando relatavam as dificuldades em conseguir contatos e notícias dos imigrantes ucranianos que foram para outras regiões de colonização no Brasil. Na carta endereçada para a Ucrânia, publicada no *Micronar* em julho de 1900 e republicada no *Jornal Právia* em dezembro de 1997, o imigrante Gregório Hlatkei demonstrava preocupação em não saber como estavam vivendo os ucranianos que foram direcionados pelo governo brasileiro a ocuparem terras no Estado de São Paulo e de Santa Catarina.

Referindo-se a eles como ‘irmãos’, Gregório Hlatkei escreveu: “estão distantes os seus dos seus. Como eles passam os dias santos, se alegres, se tristes, podemos sozinhos concluir que certamente de forma triste. Peçamos juntos, irmãos e irmãs, que Deus lhes conforte, como a nós”.²⁸ (PRÁVIA, 1997, p. 08).

É perceptível nesse depoimento a imposição da diferença e da exclusão perante os outros grupos sociais quando o imigrante considera os demais ucranianos como parte de um mesmo grupo que se identifica. E essa identificação pautada na religião e na língua será o elemento de reafirmação étnica entre os primeiros imigrantes que chegaram às terras que mais tarde, formariam o Município de Prudentópolis.

O estabelecimento dos imigrantes ucranianos a partir de 1896, aos poucos, mudava o cenário do pequeno povoado. Vindos com a expectativa de tornarem-se proprietários rurais que poderiam prosperar economicamente em terras brasileiras, esses imigrantes desembarcavam nos Portos do Rio de Janeiro, Santos e Paranaguá. Os imigrantes que foram direcionados ao Paraná, após a chegada, eram levados à capital, Curitiba, onde ficavam

²⁷ O conceito de Identidade contrastiva é atribuído a Fredrik Barth na obra organizada pelo autor *Ethnic groups and boundaries: the social organizations of culture difference*, citado por Roberto Cardoso de Oliveira em *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*, p. 22 e 73.

²⁸ Tradução livre de “Далеко свої від своїх. Як вони обходять свята чи весело, чи сумно, можемо самі здогадатися, же невесело. Просім, братія-сестри, разом Господа Бога, щоби їх потішив, так як нас”. (Právia, dezembro de 1997, n. 24 (6058), p. 08).

alojados em hospedarias mantidas pelo governo até serem localizados e encaminhados aos barracões provisórios construídos nas regiões de colonização, entre as quais, Prudentópolis.

As primeiras famílias imigrantes que chegaram a Prudentópolis em 1896 foram instaladas em barracas improvisadas e construídas pelos próprios imigrantes (conforme observamos na figura 3). Mas, a partir dos primeiros anos do século XX, os imigrantes eram instalados em barracões comunitários na sede do Município onde ficavam aguardando a demarcação dos lotes rurais que, posteriormente seriam ocupados nas linhas coloniais que estavam sendo organizadas.

Esse alojamento provisório pode ser visualizado na Figura 4.

FIGURA 4: Barracão para abrigo dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis - Início do século XX



FONTE: Acervo da Gráfica Prudentópolis – Padres Basilianos.

Em diversos relatórios elaborados pelos Secretários de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização que foram encaminhados aos Governadores do Estado do Paraná, percebe-se a preocupação com a rápida instalação dos imigrantes em lotes rurais que eram medidos e vendidos a esses estrangeiros para evitar gastos públicos com a assistência e manutenção dos colonos nas hospedarias da capital e nos barracões provisórios. Já em 1897, o engenheiro civil Cândido Ferreira de Abreu, então Secretário dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, referindo-se a essa situação, escreve:

Não sendo conveniente que os imigrantes permaneçam por longo tempo nos barracões, em completa ociosidade, despendendo sommas fabulosas com alimentação a pretexto de não haver lotes demarcados para todos, e considerando que semelhante pratica só serve para agravar as condições financeiras do Estado com o grave inconveniente de se estar contribuindo para que o imigrante perca a noção do trabalho; determino que sejam observadas nas colônias em fundação no

Estado as instruções que com este baixam: 1ª. – Os imigrantes a proporção que forem chegando serão recebidos no barracão geral e ahi permanecerão o menor tempo possível; 2ª. – No dia imediato ou nos subsequentes à chegada dos imigrantes, serão elles empregados na construção de choças, no lugar para isso designado, ou nos lotes que tiverem de ocupar; 3ª. – Para construção da choça terá cada imigrante direito a dous dias de alimentação por conta do Governo, findo os quaes cada família deverá se mudar do barracão para a choça que construiu. Desde então cessará para o Governo o encargo da alimentação aos imigrantes, devendo elles prover a subsistência de sua família, com o salário que receber; 4ª. – No dia 3º. dia apoz a chegada, os Chefes de família serão divididos em grupos constituídos de 10 a 25 pessoas, e lhes serão distribuídos trabalhos convenientes aos diversos misteres da colônia; esses grupos ou turmas serão fiscalizados e dirigidos por feitores; 5ª. – Deverão haver tantas turmas quantas forem necessárias para construcção das casas e estradas; 6ª. – A construcção das casas comprehenderá turmas para tirar taboinhas, ripas e frechames; turmas para serrar taboas ou tirar rachões; turmas para cortar esteios, enfim, as turmas precisas para os trabalhos de localização dos imigrantes; 7ª. – Constituidas as turmas de accordo com a quantidade de serviço, o Diretor ou Encarregado do núcleo ou Colonia marcará o jornal a cada chefe de família. Esse jornal variará de 1 a 3 mil reis. 8ª. – Perceberão dous mil reis por dia de trabalho os chefes de família composta de 2 a 4 pessoas, as de 5 pessoas o jornal será de dous mil e quinhentos reis, e as de seis, trez mil reis. 9ª. – As famílias compostas de mais de seis pessoas, e que tiverem um filho maior de 15 anos, este deverá ser empregado percebendo um razoável jornal, oqual ser á abonado ao chefe da família, para auxilial-o na manutenção da mesma; 10ª. – Os Feitores ou Chefes de turmas possuirão um livro de ponto, onde devem lançar diariamente, ao começar o serviço, o comparecimento ou auzencia de cada imigrante de que se constituir a turma, e bem assim os quartos de dia. (PARANÁ, 1897, p. 65 e 66).

Além da evidente intenção do Estado em localizar os imigrantes e assentá-los o mais rápido possível nos lotes coloniais, o Secretário, em suas determinações, destaca a existência de um controle sobre essa população estrangeira baseado em regras estabelecidas pelo governo. Amparado pela propagação de um discurso onde a imigração era tida como a representação do ‘progresso’ para o Estado do Paraná, o imigrante não poderia ficar por vários meses sem trabalhar, vivendo à custa do erário público. Se ele era representante de um esperado desenvolvimento econômico para o Estado, deveria fazer o seu papel de trabalhador agrícola que iria contribuir para a ocupação das terras e produzir. Mas também é válido destacar que essas regras e prazos determinados pelo governo, na maioria das vezes não eram cumpridos, como pudemos perceber no relato do imigrante Gregório Hladkei, já citado anteriormente.

Para o imigrante, a espera pela ocupação e posse do lote ao qual seria direcionado era angustiante. Essa angústia acompanhava o imigrante desde a sua decisão em partir da Ucrânia até a sua instalação no núcleo colonial que passaria a viver. A tensão, o medo e a incerteza estavam sempre presentes. Com dificuldades de comunicação devido o idioma e também sem conhecer o solo, o clima e as técnicas agrícolas que eram usadas nessas terras, o ucraniano enfrentou muitos problemas de adaptação. Talvez por isso, a religiosidade dos imigrantes ucranianos, destacada nas práticas rituais proferidas pela Igreja Greco Católica Ucraniana, fez

dessa instituição, um agente de auxílio ou de anestesia aos sofrimentos e dificuldades, ora vivenciados, por esses imigrantes no início da colonização de Prudentópolis.

Assim, a religiosidade contribuiu para a resignação dos primeiros imigrantes frente ao sofrimento vivenciado nas regiões de colonização, quando se depararam com uma realidade totalmente adversa: florestas fechadas, animais ferozes, doenças, fome e desilusão. Pensavam estar vindo para uma terra próspera onde poderiam construir uma nova vida longe de perseguições e guerras, mas a realidade do “novo mundo” não era exatamente o que os imigrantes imaginaram ou sonharam. Entretanto, apesar de todas as adversidades enfrentadas, foi possível uma nova vida marcada pelo trabalho, numa pátria adotada, distante da terra natal.

Por isso, a religiosidade dos imigrantes ucranianos, evidenciada nas práticas rituais do rito bizantino pode ser considerada um fator de união e até de alento aos reveses que ora enfrentavam. Oksana Boruszenko (1995), afirma que os primeiros imigrantes ucranianos não tinham assistência religiosa, pois o idioma não permitia o entendimento com sacerdotes brasileiros. Assim, solicitavam incessantemente a vinda de sacerdotes do rito ucraniano através do governo. A partir de 1897 começaram a organizar as primeiras paróquias católicas ucranianas nas regiões de imigração no Brasil, entre elas a Paróquia de Prudentópolis.

Trazendo suas crenças e tradições, e como afirma Hauresko (2009, p.84), “foram logo construindo suas igrejas, suas escolas, suas associações que nada mais eram que um referencial de ligação com o lugar que deixaram para traz fisicamente, mas que simbolicamente seria reconstruído na região de matas do Segundo Planalto Paranaense”.

Com dificuldades de adaptação e também sem a possibilidade de regresso para a Ucrânia por diversas razões, entre elas, econômicas, os imigrantes trabalhavam na abertura de estradas, na derrubada das matas e também na preparação do terreno que iriam ocupar. Buscaram construir um mundo imaginado a partir das lembranças e memórias da terra natal. Por isso, são evidentes nas diversas linhas coloniais do Município de Prudentópolis, os traços característicos de uma cultura material ucraniana.

Essa cultura material traduzida e recriada num novo espaço geográfico ocupado pelos imigrantes é perceptível no estilo da construção e da decoração das casas, nos objetos e utensílios de trabalho, nos bordados típicos e nos quadros religiosos, bem como, e principalmente, na arquitetura das igrejas com cúpulas bizantinas. Na área urbana, assim como no interior do Município, essas construções religiosas destacam-se pela grandiosidade e imponência frente aos demais imóveis que compõem o cenário arquitetônico de Prudentópolis.

Apontado no ano de 1907, pelo Senhor Francisco Gutierrez Beltrão²⁹ como uma das últimas colônias organizadas no Paraná para receber imigrantes, o recém-emancipado Município de Prudentópolis foi apresentado como um território propício para a produção agrícola e para a prosperidade dos colonos. Com “1574 lotes ruraes distribuidos por 41 linhas”, (PARANÁ, 1907, p. 61), as terras coloniais que formavam os dois principais núcleos de colonização do Município – Jesuíno Marcondes e Senador Correia – foram assim, descritas: “são de excellente qualidade, cobertas de extensa e fondosa mattta, onde abundam pinheiraes e imbuiaes, próprias ás culturas de todos os cereaes, batatas, legumes e frutas [...] as terras são de uma fertilidade extraordinaria”. (PARANÁ, 1909, p. 20) E referindo-se aos imigrantes, declarou: “Todos os colonos estão satisfeitos e animados” (PARANÁ, 1909, p. 21) e “a boa situação da colônia, a amenidade do clima e a uberidade do solo, fizeram com que os colonos logo prosperassem e fizessem propaganda das vantagens que obteriam os seus compatriotas que viessem ahi ser localizados”. (PARANÁ, 1907, p.61).

A propaganda do Paraná como “terra da promessa” era um dos recursos utilizados para atrair imigrantes da Europa. E as companhias de imigração, amparadas pelo discurso oficial, fizeram com que essas propagandas se intensificassem, trazendo novas levas de imigrantes ucranianos para Prudentópolis. Em 1910, o Município foi descrito como uma:

Colônia em elevado grau de prosperidade. A sua população aproximada é de 16.637 almas, assim discriminadas: 1.717 familias de ruthenos com 8.588 pessoas; 1.087 de nacionaes com 5.435; 463 polacas com 2.315, seguindo-se algumas famílias, allemães, russas e turcas em numero de 59 com 299 individuos. (PARANÁ, 1910, p. 26).

Nota-se assim, que o número de imigrantes ucranianos estabelecidos em Prudentópolis nesse período, era superior em relação aos demais grupos étnicos que formavam a população do Município. E essa colonização majoritária permitiu a manutenção e a reafirmação identitária desses imigrantes. Não pela proximidade ou pelo isolamento, mas porque, como nos alerta Fredrik Barth (2011, p. 196), a etnicidade se impõe pela exclusão do diferente, pela afirmação da pertença, pela imposição de fronteiras étnicas e pela persistência das diferenças culturais.

Esses limites culturais resistentes entre os imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis são reafirmados na língua e na religião. Assim, a Igreja de rito bizantino que através de uma linguagem autorizada estabelece o poder simbólico sobre os seus fiéis, instaura prescrições e padrões valorativos que são acionados como pertença e identificação. E é essa relação entre instituição e sujeitos que será contemplada no seguinte capítulo, onde

²⁹ Secretário de Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização no ano de 1907.

nossa análise será concentrada na instalação da Paróquia de São Josafat e na atuação dessa Igreja Oriental ucraniana de rito bizantino, que por intermédio de seus agentes religiosos, legitima os discursos sobre a etnicidade ucraniana através da religiosidade e do capital simbólico que é reconhecido e aceito pelos seus fiéis.

2. AGENTES RELIGIOSOS COMO PRODUTORES DE DISCURSOS: A PRESENÇA DA IGREJA E A RELIGIOSIDADE COMO AFIRMAÇÃO ÉTNICA

Vim da Ucrânia valorosa,
Que foi Russ e foi Rutênia.
Povo indomável, não cala
A sua voz sem algemas.
Vim das levas imigrantes
Que trouxeram na equipagem
A coragem e a esperança.
(Saga, Helena Kolody, 1997, p. 21)

A grande maioria dos imigrantes ucranianos que se estabeleceram nas Linhas coloniais do Município de Prudentópolis era integrante da primeira leva de imigração para o Brasil ocorrida em fins do século XIX e início do século XX. Nesse período, conforme aponta a imigrante Oksana Boruszenko, “só vieram imigrantes da Ucrânia Ocidental, ou seja, da Galícia, que eram todos greco católicos”.³⁰

Essa denominação “greco católicos ucranianos” está relacionada a uma “*Igreja Particular Católica de Rito Bizantino Ucraniano, vinculada canonicamente ao Arcebispo Maior, com sede em Kiev, Ucrânia*”.³¹ É uma igreja católica de rito oriental em plena comunhão com Roma desde o acordo firmado pela União de Brest entre os anos de 1595 e 1596 quando parte da Ucrânia Ocidental, em sua maioria, uniu-se a igreja católica romana e à jurisdição do Papa. Referente a esse acordo, Hanicz (2013, p.4) afirma: “Esta união envolveu o metropolita de Kiev, bispos, príncipes, imperadores, monges, nobres e representantes do papado romano e o papa. A união foi motivada por uma crise na Igreja da Ucrânia do século XVI, com sede metropolitana em Kiev” e está relacionada a fatores políticos e eclesiásticos. Como o território ucraniano em diversos períodos de sua história enfrentava invasões e divisões impostas ora pelo domínio russo, polonês ou austríaco, a união com Roma era vista por parte da igreja ucraniana, - principalmente da Ucrânia Ocidental que já sofria influências da igreja romana devido a sua proximidade com a Polônia, - como a alternativa mais segura para a continuidade de suas práticas religiosas sem as imposições da ortodoxia russa. Apesar de toda a igreja ucraniana ainda estar vinculada ao Patriarcado de Constantinopla, “a parte oriental estava sob o domínio russo com predominância de uma ortodoxia radical”. (HANICZ, 2013, p. 05)

Nesse contexto, a igreja também enfrentava problemas eclesiásticos. Devido às dominações constantes da Ucrânia pelos países vizinhos, as jurisdições eclesiásticas também

³⁰ Entrevista realizada pela autora em 23 de agosto de 2013 com a Prof. Dra. Oksana Boruszenko.

³¹ Entrevista realizada pela autora em 21 de agosto de 2014 com o Bispo da Eparquia da Imaculada Conceição Dom Meron Mazur em Prudentópolis.

sofriam alterações, ocasionando muitas vezes, falta de referência e de segurança para a Igreja Ucraniana. Assim, no ano de 1590 o Metropolita de Kiev, Michael Rahoza, no Sínodo de Brest³² propõe reformas institucionais e entre elas, a união com a igreja de Roma. Em discordância com a proximidade da Igreja Ucraniana com Roma, parte dos bispos, do clero e também do povo ucraniano, sobretudo, da parte oriental desse território, decidem não participar dessa união. “Era uma encruzilhada na Igreja ortodoxa que iria abrir um novo caminho rumo a uma nova Igreja”. (HANICZ, 2013, p. 05). Sendo assim, a partir da União de Brest, assinada em 1595 e promulgada oficialmente em 1596, a Igreja da parte Ocidental da Ucrânia passou a ser conhecida como Igreja Ucraniana Uniata e a partir de 1774 foi denominada Igreja Greco Católica Ucraniana. Essa união com Roma dividiu a Igreja Ucraniana e a partir de então, seus fiéis que aderiram ao catolicismo romano foram denominados católicos e os ucranianos que não aceitaram essa união, continuaram sendo conhecidos como ortodoxos³³.

Vale lembrar que mesmo após a união com Roma a Igreja Greco Católica Ucraniana continuou adotando o rito oriental bizantino particularizado na liturgia, no calendário eclesiástico, na língua e nos rituais de bênçãos que estão enraizados em tradições e costumes populares. Também foi preservado, na Ucrânia, o clero casado e toda a estrutura eclesiástica da Igreja Ucraniana.

Assim, os ucranianos que emigraram da Galícia - parte Ocidental da Ucrânia - para as terras paranaenses a partir de 1895, e, sobretudo, para o território de Prudentópolis em 1896, já estavam vinculados, em sua maioria, à Igreja Greco Católica Ucraniana de rito bizantino. Habitados a uma religiosidade já vivenciada na Ucrânia, esses indivíduos buscaram reconstruir em terras brasileiras essa identidade étnico-religiosa. À medida que iam se instalando nos lotes coloniais aos quais foram direcionados, os imigrantes, concentrados em comunidades majoritariamente ucranianas, readequaram esse espaço territorial para reelaborar um universo simbólico sustentado pela religiosidade que deixaram no país de origem para reconstruí-lo e readaptá-lo nas terras de colonização que ocuparam.

³² Sínodo é a palavra que designa uma assembleia eclesiástica com a participação de representantes da igreja. E Brest é uma cidade que no século XVI pertencia ao Império Polono onde ocorreu essa assembleia eclesiástica. Atualmente está situada na Bielorrússia. (HANICZ, 2013, p. 04).

³³ WELYKYJ, Atanasius G. (org.) Documenta Unionis Berestensis Eiusque Auctorum 1590-1600. Analecta OSBM, Series II, Sectio III. Roma: PP. Basiliani, 1970, p. XI-XV Apud HANICZ, Teodoro. Ucranianos Greco-católicos no Paraná: hibridismo, rito, religiosidade e outras misturas In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR), v. V n.15, jan/2013.p.05. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> Acessado em: 21 set. 2014.

A visibilidade desse universo religioso reconstruído nos anos posteriores à imigração, atualmente está representada nas inúmeras igrejas com arquitetura bizantina edificadas nas diversas linhas colônias do Município de Prudentópolis bem como, nas instituições religiosas e culturais que estão vinculadas etnicamente à Paróquia de São Josafat.

Mas, quando começaram a chegar as primeiras famílias de imigrantes ucranianos em 1896, a realidade religiosa encontrada nessas terras era totalmente diversa. Além de não se identificarem com a Igreja Católica Brasileira, o rito latino adotado por essa instituição religiosa não era reconhecido e nem praticado pelos imigrantes recém-chegados. Sentiam-se desamparados e desintegrados ao viver em uma sociedade baseada em preceitos e rituais religiosos tão diversos aos deles.

Ao destacar a ausência de igrejas e sacerdotes do rito bizantino em terras brasileiras e, demonstrando dificuldades de aceitação e adaptação ao rito latino, o imigrante ucraniano Felep Kobren, referindo-se ao ano de 1896, em relato publicado no Jornal *Prácia* em comemoração aos quarenta anos de imigração, recorda:

Nós íamos à missa na igreja latina. Sim! Nós íamos até lá, pois sabíamos que todos nós ajoelhávamos para o único e mesmo Deus. Sabíamos também que as palavras proferidas com tanta fé pelo padre: *Gloria in excelsis Deo – Pater Noster...* dentre outras, são palavras essenciais das santas orações, palavras de louvor Divino, no entanto, elas eram estranhas para nós, não entendíveis e não nos tocavam da mesma forma que as nossas canções religiosas com as quais crescemos e nas quais fomos educados³⁴. (*PRÁCIA*, 1936, nº. 39, p. 03).

O rito bizantino diferenciado do rito latino pelos dias santificados instituídos no calendário eclesiástico e particularizado no uso da língua ucraniana e em práticas rituais sempre foi considerado o sustentáculo da religiosidade imigrante. Fundamentado em um calendário litúrgico que destaca as “Doze Grandes Festas Cristãs”³⁵, - nas quais ocorrem alguns dos rituais de bênçãos relacionados com práticas rurais vinculadas à natureza, - o rito bizantino torna-se um elemento de identificação e de reafirmação identitária entre os ucranianos e seus descendentes. O rito, nesse sentido integra um conjunto de “ações rituais realizadas no seio de uma religião ou de uma cultura reconhecidas como tais. Trata-se de ações que são diferentes das ações da vida ordinária e se distinguem do comportamento

³⁴ Tradução livre de “Ми ходили на набоженство все до костела. Так! Ми там ходили, бо знали, що всі ми кланяємося одному і тому самому Богові. Знали ми також, що і ті слова які так “велегласно” виголошував священик : *Gloria in excelsis Deo – Pater noster...* і інші, то суц слова святих молитов, слова Божої хвали, а однак... були вони для вас якісь чужі не свої, незрозумілі і не так мило і чаруюче відбивались о наші уха, як наші родимі пісні і співи церковні, з якими ми зрослись і виховались”. (*PRÁCIA*, nº. 39, agosto de 1936, p. 03).

³⁵ O Calendário Litúrgico da Igreja Bizantina contempla as chamadas Doze Grandes Festas sendo 09 delas com datas fixas e 03 com datas móveis. Em algumas delas, ocorrem os rituais de bênçãos, objeto dessa pesquisa que será destacado no capítulo 3 desse trabalho.

comum”. (TERRIN, 2004, p. 19 e 20). São momentos de identificação entre os membros de um grupo que pratica a mesma religião embasada nas mesmas crenças. E essa pertença étnica vinculada ao rito, podemos perceber nos relatos dos primeiros imigrantes como nos depoimentos dos descendentes de ucranianos que ainda frequentam as cerimônias religiosas da igreja ucraniana de rito bizantino. Ao destacar as dificuldades de convivência com os demais grupos sociais e, sobretudo ao descrever a falta e a saudade da ritualidade que os imigrantes vivenciavam em sua Pátria antes da imigração, o senhor Felep Kobren, quando relembra os primeiros anos no Brasil, demonstra tristeza e sofrimento em não poder contar com a presença da sua Igreja e de seu rito religioso em terras adotadas. Assim, o imigrante escreve em 1936: “Quando uma árvore é replantada em outro lugar ela não cresce imediatamente. Assim murchava nossa alma, nosso coração atrás de tudo que era nosso – a igreja, o rito, os cantos, as orações e tudo o que nós vimos e ouvimos desde crianças na nossa igreja.”³⁶ (PRÁCIA, 1936, nº 39, p.03).

Da mesma forma, ainda é comum entre os descendentes de ucranianos de Prudentópolis, existir um forte vínculo identitário com o rito bizantino e com a igreja ucraniana. Essa evidência é percebida na utilização constante e enfática das expressões: “o nosso rito” ou “a nossa igreja”, assim como na expressão “nasche lhude³⁷”, ouvida principalmente nas comunidades rurais e que serve para identificar quem faz parte desse grupo étnico. Carregadas de um sentimento de proximidade com a igreja e com a comunidade ucraniana, essas expressões também criam laços de pertença e de identificação. E essa relação de pertença étnico-religiosa é destacada no depoimento do Senhor Demétrio Kolitski, descendente de imigrantes de 77 anos, quando questionado sobre a diferença em participar de celebrações na igreja ucraniana de rito bizantino e na igreja de rito latino. Destacando que a língua ucraniana é primordial nos rituais religiosos, o descendente de ucranianos, fala:

*É uma alegria para a gente quando está participando da missa que é em ucraniano. Como eu sou descendente de ucranianos, eu me sinto muito feliz. Não me sinto feliz lá no rito latino. É muito esquisito para mim. Para eles, eu acho que não. Mas para mim é muito diferente, é muito esquisito. Assim... eu acho que não “me cala”, não me sinto bem. Não é que eu não gosto, porque se eu falar que não gosto, é porque eu estou falando contra Deus. Mas eu não me sinto bem. Mas na **minha igreja** eu me sinto satisfeito, me sinto feliz da vida! Eu sinto como se estivesse dentro da **minha casa!**”³⁸*

³⁶ Tradução livre de “Як дерево пересад же не в друге місце не росте відразу - а в'яне - так в'яла наша душа і серце за всім, що своє, - отже і за своєю церквою, обрядом, співами, молитвами і за всім, що ми з роду виділи і чули в своїй церкві.” (PRÁCIA, nº 39, agosto de 1936, p.03)

³⁷ Termo em ucraniano que significa “nossa gente”.

³⁸ Entrevista concedida a autora em 05 de junho de 2014.

Ao demonstrar satisfação em participar das cerimônias religiosas na língua ucraniana, percebemos a existência do sentimento identitário com a igreja e com o rito bizantino. Essa subjetividade é mais aparente quando o entrevistado deixa explícito em seu depoimento a vinculação entre a descendência e a ritualidade e a identificação da igreja e da casa como espaços de pertença étnica e religiosa. E essa associação entre a igreja e a casa está presente na decoração dos lares de alguns descendentes de ucranianos que ostentam nas paredes de suas residências os quadros de santos, os ícones bizantinos, os bordados típicos e também os objetos sagrados que são constitutivos dos rituais de bênçãos como símbolos religiosos que os identificam étnica e religiosamente.

Ao concordarmos com Terrin (2004, p. 24) que “o rito é o mundo da expressão cultural comunitária”, percebemos então, que o rito bizantino enquanto expressão da vida religiosa desses fiéis estabelece uma relação de proximidade entre eles e a instituição religiosa à qual estão vinculados. A presença da Igreja Greco católica na vida desses imigrantes e descendentes de ucranianos é centralizadora das suas experiências cotidianas. Isso é perceptível no relato do ucraniano Miguel Chevchuk, imigrante que foi direcionado a ocupar lotes coloniais na comunidade de Antonio Olinto. Sobre os dias que antecederam a saída de sua família da comunidade rural de Obaríntia, pertencente à Comarca de Ternópil na Ucrânia nos primeiros anos da imigração para o Brasil, o imigrante recorda:

De repente vieram os compradores de Ternópil e compraram as lavouras. O dia da nossa partida se aproximava. À noite veio até nós, **o padre** pároco e o professor, para despedirem-se. Eis que já é o último dia; cedo devemos partir. Na parte da tarde começaram a chegar os vizinhos para despedirem-se. Já é tarde e duas charretes aguardam carregadas. Finalmente sentamos e a charrete começou a andar. Pela última vez vemos a casa, a escola e **a igreja**, pois certamente nunca mais teremos a oportunidade de ver³⁹. (PRÁCIA, 1936, nº. 33, p. 03)

Abandonando um espaço de sociabilidade onde a articulação entre a casa, a escola e a igreja eram centrais na vivência desses imigrantes, os ucranianos ao chegarem às novas terras não encontraram o amparo e a assistência religiosa sustentada na língua materna e no rito bizantino. E como o povo ucraniano era “profundamente religioso, praticante e acostumado às práticas espirituais” (HANEIKO, 1985, p. 47) a preocupação em construir os seus templos religiosos, locais de devoção, era prioridade. A prática da religião fundada na Igreja Greco católica ucraniana de rito bizantino era considerada pelos imigrantes a ligação

³⁹ Tradução livre de “Нарешті приїхали купці з Тернополя і закупили все поле й обістя. День нашого виїзду наближається, за 3 дні виїздитимемо. В вечір прийшли О. Парох і учитель, щоб в останнє попрощатись з нами. Ось і вже останній день, рано маємо виїсдити. Пополудні почали сходитися до нас сусіди, щоб в останнє попрощатися з нами. Вже пізна година, 2 вози вже стоять навантажені, врешті ми сідаємо на віз і рушаємо. Останній раз поглядаємо на рідну хату, на церкву й школу, бо з певністю ніколи не доведеться вже більше побачити”. (PRÁCIA, n. 33, agosto de 1936, p. 03).

entre dois mundos: aquele que deixaram ao emigrar e o mundo que estavam construindo em terras distantes. Logo que eram assentados em seus lotes rurais, conforme aponta Hanicz (2011, p. 05) os imigrantes procuravam um

espaço para expressar a sua religiosidade conforme os rituais que são próprios da sua cultura. Eles recriaram o universo social e religioso vivido no seu país de origem. A recriação desse espaço era uma necessidade porque iria desempenhar a função de vincular os imigrantes ao seu passado cultural e de aglutiná-lo em seu novo habitat para preservar [a religião e o rito bizantino]⁴⁰, os costumes e a tradição. Foi um mecanismo de resistência para enfrentar o processo de desestruturação das fronteiras simbólicas a que estavam expostos como também foi o lugar que serviu para redefinir e preservar a identidade individual e coletiva.

Por isso, nos primeiros anos de imigração, os ucranianos solicitavam a vinda de padres ucranianos para as áreas colonizadas. Alegando dificuldades de adaptação com o rito latino e também com a língua portuguesa, os imigrantes, através de cartas enviadas às autoridades eclesiásticas da Ucrânia pediam o envio de missionários para o trabalho espiritual. Referente a essa situação, Szewciw (1987, p. 76 e 77) explica:

No fim do ano de 1895, os ucranianos de Rio Claro (Mallet) encaminharam, por iniciativa de alguns líderes, uma solicitação ao Metropolita Silvestre Sembratovetch, Cardeal e Arcebispo de Lviv, para que sem delonga, enviasse sacerdotes ao Brasil, missionários que pudessem servir ao povo no seu próprio rito. Uma solicitação idêntica, em 1896, foi dirigida pelos líderes do núcleo de imigrantes de Prudentópolis, e a 17 de maio de 1910, pelos imigrantes de Dorizon – esta última endereçada ao Metropolita de Lviv, André Sheptëtskey.

Atendendo ao pedido dos imigrantes ucranianos, inicialmente, para as regiões de colonização de Prudentópolis foi enviado o Padre Diocesano Nicolau Michailevicz. Como na Ucrânia era comum que padres diocesanos fossem casados, (prática ainda persistente), o Padre Nicolau não se adaptou às imposições da Igreja Latina - à qual teve que se submeter no Brasil, - que exigia o celibato. Assim, em pouco tempo, retornou para a Galícia (Ucrânia). “Em julho de 1896 veio da Galícia para atender o povo ucraniano o Padre Nikon Rozdolski, que era viúvo. Ele ficou alguns meses em Prudentópolis e em seguida mudou-se para Rio Claro”⁴¹. (BASILIANOS, 1998, p. 21). Portanto, por razões doutrinárias, a vinda dos Padres Basilianos que faziam parte de uma congregação celibatária, foi a solução encontrada para o trabalho espiritual com os imigrantes ucranianos em terras brasileiras.

Essa congregação, denominada de Ordem Basiliana foi fundada pelo Bispo e posteriormente Arcebispo da Cesaréia, na Ásia Menor, São Basílio Magno (329-379) e

⁴⁰ Acréscimo nosso com o objetivo de relacionar o pensamento do autor com o objeto de pesquisa.

⁴¹ Tradução livre de: “У липні 1896 року прибув з Галичини повдовілий О. Никон Роздольський. Він побув у Прудентополі кілька місяців а потім перенісся на Ріо Кларо”. (BASILIANOS, 1998, p. 21).

reformada por São Josafat Kuntzevitch entre os anos de 1607 a 1623⁴². Conhecida como Ordem Basiliana de São Josafat, seus membros professam os votos de pobreza, castidade e obediência. Vivem em mosteiros e o carisma dos Basilianos, conforme explica o Padre Eufrém Krefer *“é viver em comunidade, pregar missões, retiros e escrever livros. Por isso, nós temos a gráfica. Mas como não tem número suficiente de padres diocesanos para atender todas as paróquias, então aqui, [referindo-se a Prudentópolis] nós trabalhamos com a pastoral”*.⁴³

Ao justificar o trabalho espiritual desenvolvido pelos Padres da Ordem de São Basílio Magno nas comunidades ucranianas do Município de Prudentópolis, o Pároco da Igreja de São Josafat, esclarece que por forças das circunstâncias, esses sacerdotes assumiram funções religiosas diferenciadas das regras da congregação. Como o primeiro padre ucraniano que chegou ao Município não foi aceito pela Diocese de Curitiba, à qual a região de Prudentópolis estava submetida até o ano de 1926⁴⁴, o Padre Basiliano Silvestre Kizema (OSBM) foi o sacerdote que se fixou nesse núcleo colonial para oferecer assistência religiosa e atender às necessidades dos imigrantes ucranianos. E esse trabalho espiritual desenvolvido pelo primeiro padre da Ordem de São Basílio é relatado em cartas enviadas por ele ao jornal religioso denominado “Micionar” da cidade de Jovkua, na Ucrânia.

Após ser recebido no Rio de Janeiro por representantes da Igreja Católica Romana de rito latino, o Padre Silvestre Kizema (OSBM) relata a sua chegada ao Paraná em 1897 e descreve as primeiras impressões do que seria a sua Paróquia:

Dia 21 de junho [de 1897] cheguei a Curitiba e fui até o Bispo. Após cinco dias, me arrumei e seguí viagem para a cidade de Prudentópolis, onde encontram-se alojadas a maioria das nossas pobres pessoas abandonadas. Aqui está a minha Paróquia – grande, grande, pois acolhe 30 mil rutenos provindos de Paraná e Santa Catarina, não contando os trabalhadores (alguns mil) da vizinha Província de São Paulo, Rio Grande do Sul, dentre outras. Era preciso iniciar as atividades o quanto antes. Demorei-me dez dias em Curitiba e arredores. Desde a madrugada até o anoitecer ouvi confissões das nossas pessoas às quais vinham de todos os cantos, com alegria no rosto e consolo de alma; no entanto, não pude confessar nem metade do povo. Por nove dias andei por florestas mais distantes à procura dos nossos pobres. Eles saíam sozinhos e em lágrimas ao meu encontro. E forçosamente juntavam meus pertences e levavam para si, implorando para ficar com eles. Muitos há anos não se confessavam, estavam abandonados, sem nenhum cuidado espiritual. [...] Até agora, a metade dos imigrantes que chegaram até aqui já se perderam de corpo e alma.⁴⁵ (PRÁCIA, 1997, nº 13 e nº 14, p. 08)

⁴² Consulta realizada em <http://www.eparquiaucraniana.com.br/eparquia/site/?p=conteudo&id=53>. Acessado em 22 de abril de 2014.

⁴³ Entrevista concedida a autora em 11/07/2013.

⁴⁴ Após esta data (1926), os padres ucranianos de Prudentópolis ficaram submetidos à Diocese de Ponta Grossa.

⁴⁵ Tradução livre de: “21 червня приїхав я до Куритиби й прийшов до Єпископа тамошнього, а по п'ятьох днях зібрався я в дальшу дорогу до міста Прудентополіс, де наших людей найбільше осіло й де вони найбільшні й цілком опущені. Тут моя парохія – велика, велика, бо обіймає 30 тисяч Русинів в самій країні Парана і Санта Катарина, не рахуючи кільканайцять тисяч робітників руских в сусідних

Ao narrar o encontro com os primeiros imigrantes ucranianos no Paraná, o Padre Kizema demonstra em seus escritos, a situação vivenciada nessas terras no início da imigração. Alerta a Igreja, da qual ele era o primeiro representante, sobre o trabalho que precisava desenvolver para amparar espiritualmente os ucranianos que abandonaram sua terra natal e a religião praticada na Ucrânia. Na sua concepção, a Igreja exerceria o papel de auxiliar esses imigrantes que “estavam perdidos” sem religião e sem esperança. Por isso, solicitava assistência na realização desse trabalho contando com a vinda de mais sacerdotes ucranianos para “recuperar essas almas perdidas”: “É preciso tomar medidas extremas para corrigir essas almas sem sorte. A presença de mais padres é necessária com urgência enquanto a fé vive em algumas pessoas”⁴⁶. (PRÁCIA, 1997, nº 14, p. 08)

No discurso elaborado por esse agente religioso era evidente a preocupação em recuperar a religiosidade que na visão do sacerdote estava sendo esquecida pelos imigrantes ucranianos na nova terra. Por isso, era necessário que alguns líderes dessas comunidades demonstrassem também, o interesse em solicitar mais padres para o trabalho missionário. Assim, na carta encaminhada por um grupo de fiéis ucranianos de Prudentópolis, provavelmente no ano de 1902, os imigrantes rutenos – como eram denominados os ucranianos católicos – deixaram evidente a preocupação em evitar a proximidade dos fiéis católicos do rito bizantino com a Igreja Católica brasileira de rito latino. Além de reclamarem pela vinda de padres greco católicos para o Brasil e para os países vizinhos, outra preocupação era constante: fazer com que os imigrantes ucranianos continuassem professando a fé católica, pois alguns fiéis utilizavam escritos e livros relacionados a ortodoxia ucraniana. Como o rito bizantino é usado nas duas igrejas, - católica e ortodoxa, - era necessário manter a religiosidade ucraniana amparada por Roma, a fim de garantir a atuação dos Padres Basilianos em terras de colonização no Paraná. Essa situação ficou evidente na carta (Anexo A) elaborada e enviada às autoridades eclesiais da Ucrânia em [1902 ?]⁴⁷, por alguns fiéis da

провінціях: Сан Павло, Ріо Гранде до Сул й інші. До праці треба було братися чим скорше. В Куритибі і в околиці забавив я найперше десять днів. Від досвіта до темної ночі слухав я сповідей наших людоньків, котрі збігалися зі всіх закутків, зі сльозами радості й утіхою душ - але висно відатине міг я навіть половини. По девятьох дях мусів я вибратися в дальші ліси та вертепи, шукаючи наших бідаків. Вони виходили самі мені на зустріч, з плачем. І на силу забирали мої пакунки й тягнули до себе, благаючи, щоб у них лишитися. Повнісінько їх тут літами не сповідані, опущені, занедбані, без жадної духовної опіки.[...] Половина наших імігрантів шо тут зайшли вже до тепер пропала на віки з душею й з тілом”. (PRÁCIA, nº 13 e nº14, julho de 1997, p. 08)

⁴⁶ Tradução livre de: “Крайній час зарадити біді тих нещасних душ. Священиків тут треба чим скорше доки ще живе у декого віра”. (PRÁCIA, nº 14, julho de 1997, p. 08).

⁴⁷ A reprodução dessa carta, provavelmente enviada para a Ucrânia em 1902, está no Arquivo do Museu do Milênio, em Prudentópolis.

Igreja Greco católica que solicitavam a vinda de padres ucranianos católicos de rito bizantino. Assinada por 108 imigrantes de diversas comunidades ucranianas, os fiéis escreveram:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!
Sua Excelência Reverendíssima!
Os rutenos instalados no Brasil pertencentes a nossa Igreja Rutena do Rito Greco Católico Ucraniano encontram-se em milhares esparramados pela floresta cerrada, e por isso vos pedimos:
Sua Excelência Reverendíssima! Não esqueça-nos. Consigam do Santo Padre Papa para que nos envie alguns padres. Temos aqui quatro padres Greco Católicos para todo o Brasil e Argentina. Estes não nos são suficientes nem mesmo para atender metade do Paraná e o que dizer do restante do povo nas províncias de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e o grande número de rutenos instalados na Argentina os quais até agora não viram seu padre por aquelas regiões.
Começam a aparecer por lá escritos e livros ortodoxos. Quem nos defenderá e nos afirmará na fé Greco Católica?
Sua Excelência Reverendíssima! Sinceramente pedimos também conseguir para nós Rutenos Americanos, um bispo Greco católico com o qual possamos nos entender na nossa língua materna, para que seja o nosso pastor e nos confirme na fé conforme a nossa igreja Greco católica. Os bispos de outros ritos não conhecem o nosso povo o qual é capaz de entregar a vida pela fé Ucrâino Católica. Não sabem seus desejos, sua língua. Consigam para que até que tenhamos o nosso Bispo estejamos ligados ao episcopado de Galícia.
Excelência Reverendíssima! Apresente o nosso pedido ao Santo Padre. Digam que neste ano do Grande Jubileu nós Rutenos aqui no país selvagem não esquecemos que somos da fé Greco Católica, filhos de uma única igreja. E se acaso não tivermos capela ou igreja própria vamos rezar na cruz em meio a floresta virgem, implorando ao Todo Poderoso, pedindo saúde ao Santo Padre, cabeça da igreja Católica.
Excelência Reverendíssima! Nós não estamos em condições para custear a vinda dos padres nem para construir igrejas porque as relações com a América do Sul estão ruins, talvez exponham ao Reverendíssimo Santo Padre.
Sabemos, Reverendíssima Excelência, do Vosso sincero trabalho em prol do bem da igreja e do nosso Santo Rito Greco Católico. Esperamos que nossos pedidos sejam ouvidos em Vosso coração e também estaremos convictos que alcançaremos os nossos desejos por inteiro.
Rutenos no Paraná⁴⁸
(Seguem assinaturas).

Assim, desde a vinda dos primeiros padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) em 1897, a Igreja é concebida pelos fiéis como sendo uma das instituições responsáveis pela manutenção da religiosidade e da cultura ucraniana. A relação entre a religião e a língua e, sobretudo, o vínculo identitário dos ucranianos com o rito bizantino, já praticado na Ucrânia antes da imigração para o Brasil, ainda está presente entre os descendentes de ucranianos de Prudentópolis, tanto em palavras como em práticas rituais que expressam um mundo de simbologia e significados. Para os fiéis que vivenciam o rito como um conjunto de crenças particularizadas e alicerçadas em um passado tido como comum, o momento dos rituais religiosos enquanto ações que fundamentam o rito bizantino adquire o ápice da religiosidade. E como o rito num contexto religioso

é uma *remissão mística, totalizante* (o momento de referências a crenças em ‘seres místicos’) e *jogo* (ação expressivo-simbólica), num abraço e num entrelaçamento

⁴⁸ A cópia da carta redigida na língua ucraniana está em anexo A dessa dissertação.

único entre os sinais do mundo no nível empírico e o significado do mundo no nível metaempírico,[...] ele se constitui em uma ação que se realiza com objetos e com gestos, em relação a pessoas e a situações desse mundo [...] no diálogo entre o natural e o sobrenatural. (TERRIN, 2004, p. 30 e 31)

Nesse contexto, o rito bizantino entendido como um conjunto de práticas religiosas que expressam crenças fortemente carregadas de simbologia e de significados contribui para elaborar uma visão de mundo regradada na religiosidade e na etnicidade ucraniana. Ancorado na linguagem e em discursos institucionalizados e reproduzidos pelos agentes religiosos geram vínculos de identificação e de pertencimento. E como os ritos e a natureza se fundem para dar significação a existência humana, os rituais de bênçãos onde elementos da natureza e objetos são abençoados, tornam-se práticas de devoção e de ligação entre o mundo natural e o mundo sagrado.

2.1. IGREJA GRECO CATÓLICA UCRANIANA: CONSTRUÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO E DO PODER SIMBÓLICO

Quando o primeiro padre da Ordem de São Basílio Magno chegou ao então povoado de Prudentópolis em julho de 1897, a colonização que estava sendo organizada nessas terras ainda era incipiente. A primeira leva de imigrantes ucranianos direcionados para essa região do Paraná chegou em 1896, quando o então Secretário de Estado de Obras Públicas e de Colonização Sr. Dr. Cândido Ferreira de Abreu por ordem da União, fundou os dois núcleos coloniais denominados Jesuíno Marcondes e Senador Correia em terras que mais tarde formaram o Município de Prudentópolis⁴⁹.

Acompanhando a trajetória desses imigrantes desde o início da colonização, a Igreja Greco Católica Ucraniana marcou a sua presença religiosa, inicialmente através de missões organizadas pelo Padre Silvestre Kizema. Percorrendo os núcleos coloniais onde estavam instalados os fiéis ucranianos, além de levar assistência espiritual para amenizar o sofrimento descrito pelos imigrantes, o referido padre, - mais tarde auxiliado pelo Padre Antonio Martenhuk (OSBM) e pelo frade Sofron Horostchuk (OSBM) que chegaram a Prudentópolis em setembro de 1898, - também reforçava a religiosidade de rito bizantino e a língua ucraniana como pertença étnica. Amparado pelos discursos, doutrinas e ritos constitutivos da religião Greco católica o sacerdote legitimava a sua presença nas relações sociais estabelecidas com os fiéis. Esse agente religioso reforçava a sua autoridade como

⁴⁹ Dados extraídos do Relatório de Colonização do Estado do Paraná de 1907.

representante de uma igreja que já era aceita e reconhecida como instituição legitimadora da religiosidade ucraniana.

E como a religiosidade greco católica está vinculada à língua ucraniana, ao rito bizantino e ao calendário eclesiástico diferenciado em dias santificados e cerimônias religiosas, o Padre Kizema (OSBM) demonstrava em seus escritos, a necessidade de manter todo esse aparato religioso entre os fiéis ucranianos. Demonstrando a preocupação em reaproximar os imigrantes da sua “verdadeira fé e verdadeira Igreja”, - a Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino - o padre relata os conflitos e as disputas entre instituições religiosas para estabelecer o domínio da palavra e o poder simbólico sobre os fiéis. Assim escreveu o Padre Silvestre Kizema em carta enviada para a Ucrânia em 15 de abril de 1900:

Não há com quem se possa desabafar, a não ser que alguns Bispos rutenos vindos da Galícia pudessem nos ajudar, se quisessem. Se eles escrevessem para Roma ou se Roma os responsabilizasse pelos nossos rutenos aqui – isso nos ajudaria. Mas se os Bispos rutenos da Galícia não fizerem nada, logo cantarão – Eterna Memória. Precisamos de mais padres que nos auxiliem e para cá ninguém vem. E nós em dois, aqui estamos padecendo sob o peso do trabalho e enquanto isso, ao redor de nós, os padres latinos arrastam os rutenos para o rito latino. Nem sabemos o que fazer primeiro, se arrancar a libertinagem dos brasileiros, a maçonaria, a falta de fé e as diversas seitas ou se socorrer o nosso pobre rito. A não ser que voltemos para a Galícia, pois daqui a pouco a própria miséria nos atropelará daqui.⁵⁰ (PRÁCIA, 1997, nº 22, p. 08)

É evidente nessa carta a tentativa dos agentes religiosos em manter sobre os imigrantes ucranianos um controle moral e também um poder já adquirido pela instituição religiosa ainda na Ucrânia. Esse poder simbólico imposto pela instituição só pôde ser exercido com a cumplicidade dos indivíduos que estavam sujeitos a ela, pois o poder simbólico é um “poder invisível”, (BOURDIEU, 2010, p. 7) mas, reconhecido como tal e perceptível nas relações estabelecidas entre os sujeitos e a instituição. É um poder com dominação consentida que permite a aceitação de regras e crenças partilhadas, muitas vezes, concebidas como naturais.

Assim, através de preceitos e de discursos religiosos e morais, a Igreja interferiu diretamente na vida social dos imigrantes ucranianos e também dos seus descendentes contribuindo para a reafirmação identitária desses indivíduos, principalmente ao utilizar o rito bizantino como pertença étnica. Integrantes de um mesmo grupo linguístico que emigrou de

⁵⁰ Tradução livre de: “Нема перед ким пожалуватися. Хиба одні рускі єпископи з Галичини могли би нам помочи, як би схотіли. Як би вони написали до Риму, аби Рим заопікувався нашими тут Русинами - то би то одно нам помогло. А як рускі єпископи з Галичини нічого не зробять - то нам тут незадовго заспівають вічну пам'ять. Священиків нам тут треба до помочі, а тут ніхто не приїздить. А нас тут двох, гинемо під тягаром праці, а тимчасом навколо нас священики латинські перетягають Русинів на обряд латинський. Ми не знаємо навіть до чого братися; чи викорінювати бразилійську розпусту, чи масонство, чи невіру й різні секти, чи рятувати бідний наш обряд. - Жиба вертати нам до Галичини - бо незадовго біда поневоли нас звідси вижене”. (PRÁCIA, nº 22, novembro de 1997, p. 08).

uma mesma região da Ucrânia (Galícia), trazendo costumes, crenças e tradições para as áreas rurais de Prudentópolis os imigrantes se identificavam em suas práticas religiosas. E a igreja, através das relações de poder instituídas com os fiéis reforçava essa identificação.

Após receber a autorização⁵¹ do Bispo da Diocese de Curitiba Dom Jaime de Barros Câmara para ministrar determinados sacramentos e desenvolver algumas atividades religiosas entre os imigrantes ucranianos, o padre basiliano começou a organizar a Paróquia de Prudentópolis. Contando com o auxílio dos fiéis na construção da Capela dedicada a São Basílio Magno edificada nos últimos meses de 1897, o Padre Kizema comunica os seus superiores sobre essa realização, em carta enviada para a Ucrânia em 1898:

Com a graça de Deus eu já consegui construir uma capela simples para o meu povo onde além de duas sacristias, presbitério e coro, acomodam-se umas 700 pessoas. A capela levará o nome de São Basílio Magno. A primeira Divina Liturgia celebrarei no dia dos Três Santos, tão somente, não tenho nenhum quadro⁵². (PRÁCIA, 1997, nº15, p 08)

A edificação desse primeiro templo religioso, (no destaque da Figura 5) concluído no início de janeiro de 1898, marca o início da construção de um espaço simbólico que irá legitimar o discurso religioso que se estruturou entre os ucranianos de Prudentópolis.

FIGURA 5: Primeira Capela Ucraniana de Prudentópolis dedicada a São Basílio Magno.



FONTE: Acervo da Gráfica Prudentópolis – Padres Basilianos.

⁵¹ A cópia dessa carta de autorização está em anexo B dessa dissertação.

⁵² Tradução livre de: “За Божою помочню я вже побудував для нашим лю--доньків простору каплицю де крім двох захристій і пресбитерів та хору поміститься до 700 людей. Каплиця буде під візванням Святий Василь Великий а перші богослуження буду мати в день Трьох Святителів. Лиш образне маю жадного”. (PRÁCIA, nº 15, julho de 1997, p. 08).

É nesse lugar que as relações entre a instituição e os sujeitos serão reforçadas a partir de práticas rituais e celebrações religiosas, pois:

Erigir a igreja vai validar a posse do espaço e fazer com que esse espaço, de algum modo, se torne sagrado. Assim, o espaço sagrado será uma das dimensões na qual a religiosidade vai se redefinir, assegurar sua autonomia, se impor e se reproduzir. (HANICZ, 1996, p. 14 e 15).

A existência da igreja, por si só, já é um fator de legitimidade social, mas a atuação dela a partir dos seus agentes religiosos que através da imposição de regras morais e preceitos religiosos que são compartilhados pelos seus fiéis faz com que ela exerça sobre eles, a integração e a reprodução de seus discursos.

Baseada num calendário litúrgico que estabelece diferenças rituais na forma de expressar a religiosidade, a Igreja Ucrâniana foi a instituição que centralizou a recriação de um universo simbólico e religioso vinculado a um passado comum vivenciado pelos ucranianos antes da imigração. A reconstrução desse universo foi sustentada no rito bizantino que os identificava pelas crenças, cerimônias religiosas e rituais de bênçãos já praticados na Ucrânia e ressignificados nesse novo espaço geográfico. Reconstruíram um mundo que foi desestruturado quando abandonaram a terra natal em busca de melhores condições de vida a partir da relação com a igreja que cooperou para a elaboração e a imposição de mecanismos de resistências frente a nova realidade vivenciada. E o mecanismo de defesa que reafirmou a união entre os imigrantes e ao mesmo tempo, a exclusão de quem não pertencia a esse grupo étnico foi a religiosidade sustentada no rito bizantino.

Considerado um conjunto de práticas religiosas diferenciadas culturalmente pelo modo de expressar a religiosidade e de estabelecer uma relação entre o mundo vivido e o mundo imaginado, ou então, entre o mundo natural e o sobrenatural, onde a linguagem, os gestos e os símbolos são elementos constitutivos da experiência religiosa, o rito bizantino se constitui num sistema simbólico estruturado e compartilhado entre os fiéis. Diferenciado pelos rituais particularizados de uma tradição ou cultura, o rito bizantino demarca limites e estabelece fronteiras étnicas, integrando os fiéis que fazem parte dele e excluindo os que estão alheios a ele. Nessa perspectiva etnográfica, Terrin (2004, p. 71) afirma que o rito torna-se “um poderoso veículo da tradição”, onde as práticas rituais de uma cultura são repetidas e transmitidas entre as gerações. Assim sendo, “o rito é como que um documento escrito, mas é mais do que um testemunho, é algo que representa e expressa uma cultura em sua inteireza”. (TERRIN, 2004, p. 71).

Em 1901 foi iniciada a construção da igreja que substituiria a primeira capela ucraniana de Prudentópolis. Consagrada a São Basílio Magno em 29 de maio de 1904⁵³, essa igreja maior e mais alta, já ostentava uma cúpula bizantina, característica das construções religiosas do rito ucraniano, conforme podemos visualizar na Figura 6.

FIGURA 6 - Primeira Igreja Ucraniana de Prudentópolis consagrada a São Basílio Magno – 1904



FONTE: Acervo da Gráfica Prudentópolis – Padres Basilianos.

A partir de então, esta igreja planejada pelo Padre Silvestre Kizema se constituiria no espaço sagrado dos fiéis ucranianos até a construção da atual Igreja de São Josafat durante a década de 1930. Relatando o trabalho desenvolvido por ele, o sacerdote destaca a participação dos fiéis na edificação da Igreja de São Basílio ao escrever uma carta enviada para os seus superiores na Ucrânia, em 15 de abril de 1900:

Este ano eu quis começar a construir uma igreja de tijolo e um mosteiro. O pobre povo, como formiga, traz seus donativos e alegram-se, pois talvez logo nós nos enalteceremos com a nossa própria Casa de Deus em terras estranhas. Quando saem para o trabalho não voltam apenas com as suas doações, mas ainda pedem esmolas para a construção da igreja. Todos os sábados saem com seus santinhos – blocos para arrecadar fundos para a construção da igreja. Sinceramente em palavras não consigo dizer o quão são boas as pessoas que temos aqui. Mas do que isso adianta? Se não tivermos que deixar a ideia de construir a igreja, já que estas leis injustas condenaram a nós, rutenos, à morte! Escrevam por favor, dizendo se ao menos

⁵³ Informações contidas no Histórico da Construção da Paróquia de São Josafat elaborado no ano de 2014 pelo Padre Atanásio Antonio Kupicki (OSBM) a partir das publicações do Jornal Prácia.

alguém pensa sobre a situação do povo brasileiro, se podemos ter esperança em receber ajuda e proteção dos nossos bispos? ⁵⁴ (PRÁCIA, 1997, nº22, p. 08)

Nesta carta, podemos notar que existiam tensões entre os agentes da igreja greco católica ucraniana com o clero da igreja católica latina brasileira. Submetidos à Diocese de Curitiba, os sacerdotes ucranianos reivindicavam uma Eparquia Ucraniana⁵⁵ de rito bizantino no Brasil, pois as dificuldades de adaptação às regras instituídas pela diocese latina eram muitas, a começar pelos diferentes ritos adotados pelas duas igrejas. Mesmo tendo a liberdade de praticar o rito bizantino, a Igreja Ucraniana adotava um calendário litúrgico diferenciado em dias santos, pois ainda utilizava o calendário juliano nos rituais religiosos. Além disso, as funções sacerdotais dos padres Greco católicos estavam condicionadas a uma fiscalização do Vigário da Igreja Latina de Guarapuava e da renovação anual da autorização para ministrar determinados sacramentos entre os fiéis ucranianos, conforme podemos observar na Carta de Provisão enviada por Dom José de Camargo Barros ao Padre Silvestre Kizema no ano de 1898. (Anexo B). Nesse contexto, o celibato dos padres exigido pela diocese latina não interferia nas funções religiosas dos sacerdotes ucranianos que aos poucos se estabeleciam em Prudentópolis, pois os Padres Basilianos já eram integrantes de uma Ordem religiosa celibatária.

Somente em 1958, Dom José Martenetz (OSBM) foi nomeado Bispo Auxiliar do Arcebispo do Rio de Janeiro para os fiéis do rito bizantino do Brasil e em 1971 foi criada a Eparquia Ucraniana de São João Batista⁵⁶ com sede em Curitiba. Assim, o clero da Igreja Greco Católica Ucraniana passou a contar com um Bispo ucraniano do rito bizantino para

⁵⁴ Tradução livre de: Сього року я хотів розпочати будувати з цегли церкву й монастир. Бідні люди як мурашки зносять свої лепти й тішаються дуже, що може вже незадовно повеличаємося на чужині величавим домом Божим. А коли розходяться по роботах, то не тільки вертаючи приносять лепту свою, але шей вижебрану на муровання своєї церкви. Кожний йде в суботу з образками і продає їх за різні ціни на фонд будови церкви. Справедливо, не можу навіть словами висказати, яких ми тут тепер маємо красних людей. Но що з того? Чи не прийдеся закинути гадки о будову церкви - если ті несправедливі для нас закони засудили нас Русинів на не повольну смерть! Чи не прийдеся закинути гадки о будову церкви - если ті несправедливі для нас закони засудили нас Русинів на не повольну смертью Напишіть ласкаво чи там кому бодай лежить в голові справа Бразилійських людей - чи можемо мати надію на поміч і оборону у наших єпископів?”. (PRÁCIA, nº 22, novembro de 1997, p. 08)

⁵⁵ Eparquia é o termo utilizado pelas igrejas orientais que designa uma circunscrição eclesíastica que corresponde a uma diocese no rito latino e Arquieparquia ou Metropolia corresponde a uma Arquidiocese.

⁵⁶ Em 1971 é nomeado pelo Papa Paulo VI como Bispo Coadjutor Dom Efraim Basílio Krevey (OSBM). Com o afastamento de Dom José Martenetz em 1978, Dom Efraim assume a função de novo Eparca. (HANEIKO, 1985, p. 92, 93 e 94). Dom Efraim Krevey permanece no cargo até 07 de fevereiro de 2007 quando é afastado por motivos de saúde. Assume a Eparquia Dom Volodemer Koubetch (OSBM) que em 12 de maio de 2014 é nomeado Arquieparca e a Eparquia de São João Batista é elevada à Arquieparquia para os ucranianos greco católicos do Brasil. A partir de então, foi criada uma nova Eparquia Ucraniana em Prudentópolis denominada Imaculada Conceição tendo como primeiro Eparca Dom Meron Mazur (OSBM).

desenvolver suas atividades pastorais, não havendo mais necessidade de submissão eclesiástica às Dioceses de rito latino.

A partir do ano de 1923 foi iniciada a edificação de uma nova igreja ucraniana em Prudentópolis. Após a construção do fundamento da igreja, a obra sofreu várias interrupções, sendo reiniciada somente em 1928. Construída em uma região elevada da área urbana do município, a Igreja consagrada a São Josafat – santo ucraniano considerado mártir pela união das igrejas - foi projetada com todas as características arquitetônicas do estilo bizantino, como observamos na Figura 7.

FIGURA 7: Igreja Matriz de São Josafat em 1930.



FONTE: Acervo da Gráfica Prudentópolis – Padres Basilianos.

A planta da construção em cruz grega centraliza uma grande cúpula que é acompanhada por cúpulas menores e “o volume determinado pela cruz foi completado com quadrados menores às laterais do santuário, para formar as duas sacristias”. (BATISTA, 2009, p. 118). Essas características arquitetônicas estão relacionadas com um universo simbólico e sagrado.

A Igreja representa a cosmologia do universo para os cristãos: as quatro partes da igreja simbolizam as quatro direções do mundo. O Santuário (Santo dos Santos) representa o paraíso, que está no Oriente (onde o sol nasce – direção das luzes). O Ocidente, onde o sol se põe e onde se localiza a porta de entrada da igreja, é a região da escuridão, onde os mortos aguardam a ressurreição que ocorrerá no Juízo Final. O meio do edifício representa a Terra, que é quadrada, limitada por quatro paredes rematadas por uma cúpula. Percorrer o templo simboliza o movimento de saída das trevas para atingir o paraíso (oeste-leste). (BATISTA, 2009, p. 51).

Na parte interna da Igreja se destaca o Iconostáse. Talhado em madeira e ornado de ícones que simbolizam Jesus Cristo e a Virgem Maria, essa divisória de madeira separa o espaço que é considerado sagrado na igreja. O espaço reservado ao celebrante é denominado presbítero e o espaço destinado aos fiéis denominado de nave. “O presbítero simboliza o céu; a nave, a terra; porém ambos se encontram sob o mesmo teto, para indicar que na liturgia nós da terra estamos unidos com o céu” (KOUBETCH, 2004, p. 189). Com paredes decoradas e com a representação celeste na abóboda central, a igreja exprime uma atmosfera de plenitude e introspecção que é reforçada através dos rituais religiosos.

Consagrada em 27 de agosto de 1939, a nova Igreja Ucraniana passou a representar o lugar simbólico e sagrado para os fiéis Greco católicos ucranianos que apoiados nos discursos de seus agentes religiosos, reafirmavam suas crenças e seus rituais. E esse discurso construído na etnicidade ucraniana e na religiosidade de rito bizantino aceito e reconhecido pelos fiéis a partir do poder simbólico exercido por essa instituição, fez com que o campo religioso se estruturasse a partir regras, princípios e hierarquias.

Nesse contexto, analisamos o campo religioso construído pela igreja ucraniana em Prudentópolis nos primeiros anos da imigração e persistente ainda nos tempos hodiernos, mesmo que com ressignificações. Detentora de um capital simbólico sustentado no rito bizantino e na língua ucraniana, a Igreja ao ocupar um espaço e elaborar seus discursos baseados na etnicidade e em crenças particularizadas assume a posição de reafirmadora da identidade étnica. E o poder simbólico reconhecido e legitimado pelos fiéis a partir do discurso institucionalizado pelos agentes religiosos permite a manutenção dessas identidades, pois “o discurso supõe um emissor legítimo dirigindo-se a um destinatário legítimo, reconhecido e reconhecedor”. (BOURDIEU, 1983, p. 161).

Portanto, os imigrantes e descendentes de ucranianos que se identificam como um grupo étnico que pratica a religião Greco católica de rito bizantino e que aceita e reconhece a instituição como detentora de uma linguagem autorizada sobre os discursos religiosos, torna essa instituição legítima nas suas ações.

Assim então, consideramos que o campo religioso é “um sistema específico de relações objetivas que podem ser de alianças e/ou conflito, de concorrência e/ou de cooperação, entre posições diferenciadas, socialmente definidas, largamente independentes da existência física dos agentes que as ocupam”, (BOURDIEU, 1983, p. 83). O campo integra, mas também desintegra; é um espaço de colaboração, mas também permite rompimentos. Sendo um lugar de desvios, de oposições e de conflitos que geram modificações nas relações de poder, o campo religioso se constitui como um lugar de disputas pela manutenção do poder

simbólico onde os agentes atuam conforme as suas posições e interesses. É um espaço de relações de forças entre os impositores de discursos e os receptores desses discursos instituídos. E mesmo que as imposições estabelecidas pela igreja sejam legitimadas a partir do reconhecimento dessa instituição, regras são rompidas a partir das relações sociais com os demais grupos com quem os imigrantes e seus descendentes passaram a conviver, ora por necessidade, ora por discordância.

2.2. RITO E RELIGIOSIDADE: A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO COMO PERTENCIMENTO ÉTNICO

Para analisarmos uma comunidade étnica que se identifica a partir da língua e da religiosidade como suportes de pertença avaliamos as particularidades dos rituais religiosos praticados pelo grupo, bem como a atuação da instituição que coordena essas práticas através de discursos constitutivos dos rituais. Como o rito é uma ação ordenada onde se busca estabelecer uma ordem harmoniosa entre as partes e o todo, a ação ritual é a “expressão e síntese do *ethos* cultural de um povo, portanto expressão de sua vida” (VILHENA, 2005, p. 55). Assim, as crenças e as práticas religiosas passam a ser vistas e tidas como um conjunto de ações carregadas de simbologia que conjugam significados, experiências e vivências dentro de um grupo social e de um sistema de religião.

Essa compreensão nos leva a perceber que os rituais realizados em âmbito religioso, instituídos nos discursos e reconstituídos nas práticas, interferem na vivência cotidiana dos indivíduos a partir da construção de um universo simbólico que faz sentido para quem participa e vivencia a religião enquanto experiência humana. Essa experiência religiosa manifestada através de rituais inclui crenças, gestos, objetos, imagens, símbolos e principalmente palavras que legitimam os discursos enquanto linguagem autorizada para dar significação ao sagrado. E como “o acesso ao sagrado é legítimo e possível, quase sempre, através de rituais”, (ORO, 2013, p. 31), o rito passa a ser considerado o caminho para atingir aquilo que é considerado sagrado numa religião. Sendo assim, os ritos, “para serem vividos e compreendidos, devem ser localizados em suas dimensões espaciais e temporais”. (VILHENA, 2005, p. 22). Eles podem ser vivenciados na natureza, nas casas e também em igrejas. Geralmente organizados em datas consideradas apropriadas ou então, destinadas para a sua realização, os ritos são embasados em discursos que legitimam e orientam essas ações.

Portanto, ao analisarmos a atuação da Igreja Greco Católica Ucrâniana que em Prudentópolis é representada pela Paróquia de São Josafat, podemos notar que a etnicidade

ucraniana está presente nos discursos vinculados às práticas religiosas que são adotadas e reproduzidas por essa instituição. O uso da língua ucraniana e de um calendário litúrgico particularizado onde se destacam as práticas rituais realizadas por fiéis que se identificam como “ucranianos”, reforça a ligação entre religiosidade e nacionalidade. Isso pode ser verificado nas palavras do Padre Soter Schiller (OSBM), liturgista e tradutor, membro integrante da comissão litúrgica eparquial e estudioso das traduções da liturgia dos sacramentos, bênçãos e orações da Eparquia Ucraniana de São João Batista. Ao explicar o forte vínculo entre Igreja e etnia e também a legitimação do discurso religioso como pertença étnica, o referido padre diz,

As Igrejas Orientais, - que é uma cristandade muito grande, - todas elas estão praticamente vinculadas a uma etnia, a uma nacionalidade: o ucraniano, ou seja, lá onde for, né? Isso cria laços, cria raízes; praticamente cria uma identificação, quase, né? Faz parte de uma etnia, a Igreja. A etnia, uma nacionalidade e a religião. Tanto que se fala: a nossa Igreja. A nossa Igreja, a nossa religião. Então, tudo é nosso e isso significa que é da nacionalidade, o “nasche lhude”. Enquanto que isso, não existe no rito latino. O rito latino universalizou-se, né? Ninguém diz a minha igreja, não no sentido particular, de igreja mais próxima. Mas no rito latino não acontece isso, essa vinculação muito estreita entre etnia, um povo e nacionalidade. E por isso, acarreta todo esse problema para nós especialmente aqui, (referindo-se ao Brasil) que a questão de que isso torna-se uma coisa do fundo da alma... Faz parte da alma ucraniana também a Igreja. É nossa Igreja. Quase que ela significa a alma ucraniana.⁵⁷

Assim, ao conceber a Igreja Greco Católica Ucraniana de rito bizantino como instituição mantenedora de uma pertença étnica e como reafirmadora dessa etnicidade a partir do discurso instituído, podemos analisar a sua atuação entre os fiéis, enquanto construtora de identidades a partir de narrativas culturais.

Ramalho (2011, p. 549), afirma que, “quem constrói as identidades é quem detém o poder e o saber de controlar a linguagem, quem está de posse, afinal das palavras para dizer a identidade – para dizer a sua própria identidade ou mesmo (ou, sobretudo) para dizer a identidade dos outros”. E reafirma: “construção de identidades são narrativas de uma *construção cultural* de identidades – e, por isso mesmo, narrativas abertas e não fixas, e passíveis, ou *ameaçadas*, de releitura, interpretação, interpelação e reconstrução”. (RAMALHO, 2011, p. 557). Nota-se aí, a importância da linguagem, do discurso, como constituidores de sujeitos e produtores de sentido. A linguagem então, exerce o papel estruturante, mas também é ressignificada no cotidiano dos sujeitos.

Se os processos de identificação entre os sujeitos são acionados por expressões identitárias dominantes, quem exerce o discurso fazendo com que ele seja reproduzido, é quem tem o poder da linguagem. No caso específico da comunidade de descendentes de

⁵⁷ Entrevista concedida a autora em Curitiba no dia 27 de agosto de 2013.

ucranianos, os discursos religiosos que estão sob o poder da instituição, Igreja, são reforçados através da religiosidade, do rito bizantino, da língua ucraniana, da simbologia dos rituais e também do como deve ser a participação dos sujeitos, dos fiéis, nas cerimônias de bênçãos. Percebe-se então, que “a posição no espaço social, o capital simbólico de quem diz o quê, condiciona a construção, legitimação, apresentação e manutenção das identidades”. (MENDES, 2011, p. 505).

Mesmo que os descendentes de ucranianos (os que são participativos das cerimônias religiosas) tenham uma vinculação identitária por fazerem parte de um grupo étnico ou porque se identificam como fiéis da referida instituição, a permanência e a manutenção identitária é reforçada pelo discurso. Como atesta Mendes (2011, p. 506):

As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas. A circulação crescente de discursos públicos, de narrativas centrais, fornece recursos individuais e coletivos para afirmar ou reafirmar essas identidades.

Nesse contexto, a Paróquia de São Josafat que congrega 42 Igrejas e capelas⁵⁸ distribuídas nas áreas de colonização ucraniana de Prudentópolis, através do controle do ritual reforça a etnicidade e a língua como sendo pontos de sustentação da religiosidade estabelecendo um forte vínculo entre rito, religião e identidade étnica. E essa vinculação intrínseca é evidente quando a catequista Nadir Vozivoda, religiosa de 49 anos, afirma: “*Nas cerimônias religiosas do rito ucraniano as melodias e os cantos são cheios de palavras emotivas. E quando traduzidas, perdem o sentido. Por isso, o rito é tão vinculado à língua. Porque o nosso povo se reconhece na língua e no rito*”.⁵⁹

Ao considerar que os ritos são maneiras ordenadas e oficiais de manifestar publicamente um sistema de condições, e que a partir de uma linguagem, o rito institui diferenças e estabelece fronteiras entre indivíduos, Bourdieu (1983, p.160)⁶⁰, esclarece que a “relação da produção linguística depende da força simbólica entre os dois locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade” para que a linguagem seja oficiada por alguém reconhecido e tido como legítimo. Essa linguagem autorizada torna-se uma ferramenta de poder. E quem tem o poder da palavra é reconhecido e aceito por quem ouve. Nesse contexto, tomaremos a instituição, Igreja, como agente de linguagem autorizada e legítima dos rituais

⁵⁸ Informação fornecida em entrevista realizada com o Pároco da Paróquia de São Josafat, Padre Eufrém Krefer em 11 de julho de 2013. O referido padre explica que em algumas comunidades não existem igrejas edificadas, por isso, as cerimônias religiosas são realizadas em capelas, em associações ou ainda, em escolas rurais.

⁵⁹ Entrevista realizada pela autora em 29 de julho de 2014.

⁶⁰ O pensamento de Pierre Bourdieu está presente em ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia.** Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

de bênçãos. É essa instituição que tem a palavra, que explica as significações do “rezar e benzer” a partir de sua autoridade, exercendo um poder simbólico através da linguagem. A instituição quer ser ouvida, acreditada, obedecida e reconhecida. Mas, a recepção das significações nas cerimônias religiosas pelos participantes, pelos que recebem o discurso são ressignificadas. Assim, o discurso não está só em si. Ele também está fora de si. Está nas condições sociais de reprodução. E como as identidades são “resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SANTOS, 1999, p. 119), essas identidades construídas no discurso e pelo discurso são tensionadas por forças centrípetas (locais) e centrífugas (globais), transformando-se continuamente e gerando permanências ou recriações.

O discurso do *como deve ser* e a prática do *como se é*, vivem em eterno conflito e fazem com que os indivíduos assumam identidades múltiplas, de acordo com o espaço e o tempo em que estão inseridos. Então, mesmo sofrendo a ação dos discursos proferidos pela Igreja e pela família vinculando os descendentes de ucranianos como membros que se identificam étnica e religiosamente, as relações sociais e o contato intenso com outros grupos e com o mundo globalizado que permitem uma troca constante de informações e práticas culturais, interferem na reconstrução de suas identidades bem como nas representações de sua religiosidade evidenciada em práticas rituais particularizadas pelo rito bizantino. Isso é perceptível nas representações e significações dos rituais de rezar e benzer entre os descendentes de ucranianos de gerações diferentes. Para os descendentes mais idosos, os elementos da natureza e os objetos que são bentos carregam a representação do sagrado, a significação da fé. Enquanto que para os descendentes mais jovens, o ato de benzer é a representação de uma tradição, como explica a jovem Bruna Lupepsa Latyki de 21 anos. Referindo-se ao significado dos rituais de bênçãos, a descendente de quarta geração, diz: “Para os meus pais é muito mais crença e para mim, é muito mais tradição”.⁶¹

O rito então, entendido num contexto religioso apresenta-se como “uma forma específica, um jeito próprio de expressar a religiosidade e de se relacionar com o sobrenatural conforme a cultura”. (HANICZ, 1996, p. 22). Culturalmente diferente, o rito passa a ser visto como demarcador de fronteiras identitárias. Assim, o rito bizantino adotado pela Igreja Greco Católica Ucraniana vincula-se ao grupo étnico, no caso, o ucraniano, que além do aspecto religioso também é evidenciado no aspecto cultural, como nos aponta o Padre Soter Schiller ao lembrar que “*existe um laço de afetividade com a igreja, com o rito, com a expressão*

⁶¹ Entrevista concedida a autora em 30 de junho de 2014.

religiosa nossa”.⁶². Referindo-se aos rituais de bênçãos e costumes populares ucranianos que estão intrinsecamente ligados às práticas religiosas, o mesmo padre completa:

*Afinal de contas tem muitos aspectos populares, também, em comum: a Páscoa e o Natal são celebrações quase nacionais. Tem o aspecto religioso, mas tem o aspecto cultural junto. É muito misturado: pëssanka, kolhadá e tudo aquilo. Então o cultural e o religioso estão muito misturado.*⁶³

Essa vinculação entre religião, etnicidade e nacionalidade é presente nos países orientais. Existe uma forte relação entre nacionalismo e religiosidade no oriente, diferente do universalismo expresso no rito latino do ocidente. E essa relação, no caso dos fiéis participantes da Paróquia de São Josafat se consolida pelo uso da língua ucraniana nos rituais litúrgicos e nas práticas de rezar e benzer.

Como Prudentópolis se estruturou a partir da imigração, majoritariamente ucraniana, no Município são praticados dois ritos cristãos católicos. O rito latino adotado pelos fiéis da Igreja Latina com o uso da língua vernácula e o rito bizantino adotado pelos fiéis da Igreja Greco Católica com o uso da língua ucraniana. Sendo um dos conjuntos de expressões religiosas das Igrejas Orientais, o rito bizantino, já praticado na Ucrânia anteriormente à emigração, foi também instituído nas regiões de colonização ucraniana no Brasil. A partir da vinda dos Padres Basilianos (OSBM) e da construção de Igrejas Greco Católicas Ucranianas em Prudentópolis, o rito bizantino e o uso da língua materna dos imigrantes passaram a demarcar diferenças e fronteiras étnicas. O rito bizantino associado à língua ucraniana estabeleceu (e ainda estabelece) a proximidade e a inclusão entre os imigrantes e descendentes de ucranianos assim como, o afastamento e a exclusão dos demais grupos sociais que conviviam (e ainda convivem) nesse mesmo espaço de relações sociais. Essa situação, podemos perceber no depoimento do Sr. Antonio Muzeka:

*Nós somos ucranianos, então participamos da Igreja Ucraniana. A missa em ucraniano eu dou valor. É outro sentimento. E na sequência, fala: Deus é um só, nós todos somos como irmãos: os latinos, os ucranianos, sabe, somos todos irmãos, mas só que a linguagem é diferente, o rito...*⁶⁴

Portanto, o ritual diferenciado nas práticas religiosas de culto “se constitui num sistema simbólico estruturado e funciona como um princípio de estruturação /desestruturação, inclusão/exclusão, associação/dissociação, integração/desintegração não somente do mundo religioso, mas também do mundo social da comunidade”. (BOURDIEU, 1992, p.30).

Considerando o contexto de inclusão e aproximação que a língua ucraniana e o rito bizantino desenvolvem entre os que se identificam etnicamente a partir da religiosidade,

⁶² Entrevista concedida a autora em 27 de agosto de 2013.

⁶³ Entrevista concedida a autora em 27 de agosto de 2013.

⁶⁴ Entrevista concedida a autora em 23 de fevereiro de 2014.

também é proeminente notar que o uso constante do idioma ucraniano e a participação nas mesmas práticas rituais entre os membros desse grupo étnico, não geram somente consensos e integração. Existem conflitos e tensões internas que desestruturam o grupo. Ocorrem dissidências e resistências perceptíveis no cotidiano das pessoas que partilham uma mesma crença, uma mesma cultura. Essas tensões e fraturas dentro do próprio conjunto, enfatizadas nesse trabalho a partir das discordâncias entre os descendentes de ucranianos em traduzir as celebrações litúrgicas e os rituais de bênçãos, serão analisadas no capítulo 4 deste trabalho.

Na possibilidade de também entender a religião como um campo de relações de forças onde os conflitos, as tensões e resistências são evidentes, as práticas rituais partilhadas por um grupo, tornam-se então, momentos rituais que buscam apagar essas diferenciações e disputas entre os membros que compartilham crenças e que se reconhecem como pertencentes ao mesmo grupo étnico. Apoiados na ideia de que o ser humano busca construir um mundo onde haja o cosmos ao invés do caos, o rito passa a ser considerado o caminho para se atingir essa ordem. E como a religiosidade é considerada e representada como fator de unicidade entre os descendentes de ucranianos, mas que também se constitui num campo de diferenciações e negociações às vezes não perceptíveis a eles, as práticas rituais tornam-se elos de reafirmação identitária. A experiência religiosa é fértil em produzir campos de significação.

Os rituais de bênçãos entendidos como práticas religiosas carregadas de simbologia, de significados e de representações para os indivíduos que deles participam, ocupam espaços e tempos definidos tornando o momento do ritual diferenciado da ordem diária. Terrin (2004, p.19), afirma que “o rito nos permite viver num mundo organizado e não caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível”. Assim, o rito bizantino que ora é investigado, será tratado como um conjunto de práticas religiosas ancoradas na linguagem e nos discursos institucionalizados e reproduzidos que geram vínculos de identificação étnica entre os fiéis que delas participam. Baseadas em rituais da Igreja do Rito Oriental, essas práticas religiosas que sempre estiveram ligadas à natureza, ao cultivo da terra, serão analisadas à luz dessa relação entre religiosidade e etnicidade.

3. ENTRE “CRER” E “SER”: OS RITUAIS DE BENÇÃOS E A IDENTIDADE ÉTNICA

A luz da lamparina dançava
frente ao ícone da Santíssima Trindade
Paciente, a avó ensinava
a prostrar-se em reverência,
a persignar-se com três dedos
e a rezar em língua eslava.
De mãos postas, a menina
fielmente repetia
palavras que ela ignorava,
mas Deus entendia.
(Lição, Helena Kolody, 1995, p. 42)

Quando consideramos que a realidade é socialmente construída e que esse processo é constantemente reformulado, admitimos igualmente, que a identidade é uma construção social a partir da relação com o outro. Encontrar-se com a alteridade⁶⁵ é uma maneira de se posicionar diante dos sentidos e recriar um mundo de fenômenos que nem sempre se apresentam semelhantes para os indivíduos. É um olhar sobre o outro que não requer estabelecer verdades ou falsidades, nem tanto julgamentos.

A alteridade nos possibilita interpretar um mundo religioso construído a partir de rituais realizados no seio de uma cultura, considerados como elementos constitutivos do processo de criação e manutenção de uma realidade social. Os rituais de bênçãos, objeto dessa pesquisa, são concebidos como um

ato de adoração, um momento de expressão de um ‘Todo’ no nível comunitário, um ato de culto que tem a sua *direção intencional metaempírica* e, como tal, é capaz de unificar de maneira profunda a experiência do real. É direta ou indiretamente um ‘voltar-se para o Outro’. (TERRIN, 2004, p. 35).

Com o intuito de compreender o sentimento identitário construído a partir dos rituais considerados sagrados em uma comunidade que compartilha crenças, práticas, memória e representações, mas que também vivencia dissidências e resistências dentro do próprio conjunto, estaremos descortinando um dos aspectos de sua cultura enfatizado na religiosidade.

Refletindo sobre as palavras de Chartier (1990, p.183), quando explica a “cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”, e como a representação é o modo pelo qual uma realidade é construída, pensada e entendida, analisar a religiosidade e suas representações através dos rituais religiosos é uma forma de interpretar um conjunto de relações entre indivíduos que desenvolvem entre si, um sentimento de pertença. Mas, concomitante a esse sentimento de identificação é necessário

⁶⁵ Caráter ou estado do que é diferente; que é outro; que se opõe a identidade. É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença.

considerar que mesmo existindo certa homogeneidade nas práticas culturais e um pertencimento étnico reafirmado na língua e na religiosidade de um grupo, é perceptível nas relações sociais estabelecidas entre os seus membros, ou seja, entre os indivíduos que compartilham a mesma cultura de crença e etnicidade, um mundo também construído e marcado por conflitos e tensões internas. Portanto, essa cultura que muitas vezes é concebida como homogênea e consensual onde são vivenciados “costumes em comum”, é ao mesmo tempo conflitiva e tensionada, como nos alerta E. P. Thompson (2011, p. 17), quando diz: “o próprio termo ‘cultura’, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto”.

E isso é o que se apresenta entre os imigrantes e os descendentes de ucranianos, fiéis participativos da Paróquia de São Josafat, que a partir de práticas religiosas evidenciadas nos rituais de “rezar e benzer”, constituem uma cultura partilhada na religiosidade do rito bizantino e da língua ucraniana que contribui para reafirmar a identidade desse grupo étnico, mas que, ao mesmo tempo, também coopera para a construção e para a recriação de um mundo religioso tensionado entre o crer e o ser, entre o discurso e a prática, entre o dito e o feito. Essa tensão entre as forças endógenas (locais) e as forças exógenas (globais)⁶⁶, a partir das relações sociais estabelecidas num mundo dito globalizado ou então, inserido em globalizações contribui para a reformulação do conjunto de hábitos, tradições e crenças que definem uma comunidade.

Usamos o termo globalização no plural, por considerar que esse movimento que tem se intensificado gradativamente nas últimas três décadas e que pressupõe uma aproximação de países e de pessoas, num mundo que se apresenta interligado e unificado, não é homogêneo e nem linear. Ele expressa conotações e intensidades diversas a partir dos impactos sentidos e vivenciados em diferentes espaços geográficos e sociais. Ao analisar o processo de globalização e reafirmando essa tese, Boaventura de Sousa Santos (2011, p. 26) aponta que, “estamos perante um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo. Por essa razão, as explicações monocausais e as interpretações monolíticas deste fenômeno parecem pouco adequadas”. Alertando que a globalização não é assentada na homogeneização e na uniformização, o referido autor nos revela que no mesmo movimento e ao mesmo tempo, esse processo “parece combinar a universalização e a eliminação de fronteiras nacionais, por um lado, o

⁶⁶ Esses conceitos, propostos por Boaventura de Sousa Santos serão definidos e exemplificados no decorrer do texto.

particularismo, a diversidade local, a identidade étnica e o regresso ao comunitarismo, por outro”. (SANTOS, 2011, p. 26) O que teoricamente é demonstrado como consensual e uniforme numa perspectiva de globalização hegemônica, na prática é sustentado por um campo de conflitos e diferenças marcado por desigualdades econômicas, sociais, políticas e culturais entre países e grupos sociais, sempre favoráveis aos interesses dos dominantes. Então, ao conceber a existência de heterogeneidades, diferenças, contradições e diversidades no mundo globalizado, Boaventura de Sousa Santos (2011, p. 55) esclarece que “o que designamos por globalização é, de fato, uma constelação de diferentes processos de globalização e, em última instância, de diferentes e, por vezes, contraditórias, globalizações”. Assim, em convivência com o pensamento desse autor, usaremos como conceito mais adequado à nossa análise, o termo globalizações, a fim de relacionar os impactos que esse fenômeno múltiplo exerce em âmbito cultural, intermediando o que pode ser definido como culturas locais e culturas globais.

As culturais locais sofrem interferência constante das culturas concebidas como globais fazendo com que elas se desestruem e se reformulem a partir dessa relação entre o que é exógeno e o que é endógeno. E assim, o confronto entre o que concebido como local e o que é recebido como global faz com que ocorra, entre os indivíduos que sofrem essas interferências, a reconfiguração de suas identidades.

Relacionando esse contexto com a comunidade de imigrantes e descendentes de ucranianos, percebemos a atuação constante dessas forças, aqui verificadas, nas tensões e nos conflitos vivenciados a partir da religiosidade desse grupo étnico. As forças endógenas (ou locais) atuam no indivíduo a partir de uma interioridade onde as regras estabelecidas na família e na Igreja reforçam a identidade étnica dos indivíduos que frequentam os rituais de bênçãos. Tendo como um dos recursos básicos o discurso reproduzido por essa instituição, o indivíduo reafirma-se como descendente de ucraniano, buscando cumprir com as regras instituídas para que seja aceito e considerado membro do grupo étnico. Já as forças exógenas (ou globais) atuam no indivíduo a partir de uma exterioridade onde regras são rompidas a partir da convivência com o outro, com o diferente.

Assim, aquelas identidades que eram centradas no sujeito, no eu, no interior, tidas como fixas e unificadas até a modernidade, estão sofrendo transformações e consequentemente, reconstruções. O sujeito do mundo globalizado apresenta uma identidade fragmentada, contraditória, deslocada e em tensão constante. Ele não tem identidade fixa, essencial ou permanente, pois assume identidades diferentes em diferentes momentos. A

identidade do indivíduo forma-se e transforma-se continuamente, ou seja, torna-se uma “celebração móvel”. (HALL, 2006, p.13).

Ao analisar o atual estágio de integração econômica e de avanço tecnológico possibilitado pelas globalizações, Mendes (2011, p. 503) comenta que a cultura e as identidades estão em trânsito constante, intensificando-se também os fluxos culturais e simbólicos nesse contexto globalizado. Ao comentar o pensamento de Stuart Hall e concordando com ele, o referido autor diz que:

a identidade é um conceito crucial, porque funciona como articulador, como ponto de ligação, entre os discursos e as práticas que procuram interpelar-nos, falar-nos ou colocar-nos no nosso lugar enquanto sujeitos sociais de discursos particulares, por um lado, e, por outro, os processos que produzem a subjetividade, que nos constroem como sujeitos que podem falar e ser falados. (HALL, 1996, p.5 apud MENDES, 2011, p. 503)

Assim, a identidade individual e também coletiva são socialmente construídas e reconstruídas a partir das relações sociais estabelecidas e vivenciadas nas tensões constantes entre os discursos e as práticas, entre o que é instituído como regra a ser cumprida e o que é desregrado. Nesse sentido, a identidade não é “natural”, nem inerente ao indivíduo. Ela preexiste a ele. É uma construção social relacionada com a vivência e com a memória.

Jöel Candau (2012, p. 16) nos apresenta a relação entre memória e identidade como sendo dialética. Para ele, a identidade e a memória “se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa”. (CANDAU, 2012, p. 16). Essa relação intrínseca entre memória e identidade faz com que ambas se fortaleçam, se alimentem para dar sentido à construção de uma realidade social. Portanto, a identidade tanto individual como coletiva, só pode existir nessa conexão com a memória. A memória atua na construção identitária do sujeito ou do grupo social, mas também é construída nessa relação. E como as relações com o outro, são constantes no cotidiano dos indivíduos, as identidades acabam por se tornar inconstantes, variáveis, mutantes e fragmentadas. Para Hall (2006), o sujeito pós moderno, vive nesse dilema identitário, onde assume constantemente identidades diferentes, formadas e transformadas de acordo com as suas relações sociais. Então,

a assim chamada ‘crise de identidade’, é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 07).

Como essas identidades se deslocam continuamente, tornam-se problemáticas, tensionadas entre o global e o local. A globalização que pressupõe a ideia de homogeneização global, inversamente, contribui para o surgimento de movimentos de resistência ou de reação

defensiva dos grupos étnicos, como forma de manutenção de domínios frente ao outro, que se apresenta como culturalmente diferente. E essa reafirmação da etnicidade ucraniana é evidenciada em diversos momentos religiosos e também festivos que congregam os fiéis da Paróquia de São Josafat.

Exemplo marcante de resistência ou de reação defensiva frente aos demais sujeitos que não se identificam etnicamente com esse grupo é a organização da Semana da Comunidade Ucraniana realizada anualmente em Prudentópolis. Vinculada à Igreja e às demais instituições mantenedoras da etnicidade ucraniana, como o Museu do Milênio e o Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, durante a última semana do mês de agosto são realizados diversos eventos e atividades que objetivam a preservação das tradições e da religiosidade desse grupo étnico. Envolvendo os fiéis de todas as comunidades ucranianas do Município, são realizados encontros, oficinas culturais, palestras, apresentações musicais, cerimônias religiosas e eventos gastronômicos direcionados, sobretudo, aos jovens e crianças, filhos de descendentes de ucranianos. A realização desses eventos contribui para desenvolver e reforçar a identidade ucraniana entre os descendentes, bem como para reafirmar os laços de pertença étnica através de vínculos ainda persistentes: a origem, a religiosidade, o rito e a língua. Esses traços culturais, transportados entre as gerações através da família e da igreja, atuam como força de ligação a um passado comum. Mas essa identidade étnica é constantemente dispersada na convivência com os demais grupos sociais. E essa convivência negociada com o outro, consequentemente contribui para a elaboração de identidades híbridas.

Seguindo o pensamento de Robins (1991), Hall (2006, p. 87) diz que algumas identidades gravitam ao redor da tradição tentando recuperar a pureza anterior e outras gravitam ao redor da tradução. Etimologicamente, a palavra tradução significa “transportar”, “transferir”, o que se entende como sendo indivíduos que migraram, deixaram sua terra natal por diversos fatores, mas que tentam manter fortes vínculos com os lugares de origem. Passam a viver em dois mundos ao mesmo tempo, sendo forçados a negociar suas identidades. Reforçando esse pensamento de identidade como tradução, Hall (2006, p.88 e 89) explica:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no

velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas são irrevogavelmente *traduzidas*.

Essas identidades traduzidas e negociadas com outras culturas podem ser constatadas entre os imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis que ainda preservam em grande parte, a cultura religiosa através de crenças, língua e rituais nas cerimônias realizadas na Paróquia de São Josafat. Convivendo com as transformações impulsionadas pelas relações sociais, com as mudanças evidenciadas no desenvolvimento tecnológico que afetou efetivamente a vida desses sujeitos, tanto na área rural como na área urbana, a religiosidade e os rituais religiosos de bênçãos praticados pelos primeiros imigrantes são recriados e ressignificados pelos seus descendentes a partir de uma nova realidade construída nas áreas que ocupam. Não se reconhecendo mais como ucranianos e nem como brasileiros, integralmente, os descendentes de ucranianos de Prudentópolis, buscam reafirmar suas identidades híbridas e constantemente reelaboradas a partir da religiosidade, mesmo que tensionadas pela convivência com o outro, com o diferente, com o estranho, ou seja, na alteridade.

Assim, para analisar essas identidades pluralizadas que se apoiam na linguagem como constituição dos sujeitos que estão inseridos em estruturas de poder, nossa reflexão é ancorada no conceito de identidade compreendido não como algo dado, estático, mas como tensão que é alimentada nos confrontos entre o local e o global, entre o discurso e a prática, entre o tradicional e o moderno, entre o contínuo e o descontínuo, entre o semelhante e o diferente, entre o ser e o não ser, onde a religião de rito bizantino e a etnicidade ucraniana desempenham simultaneamente, papel preponderante nesse contexto de identidade étnica.

3.1. CALENDÁRIO LITÚRGICO E RITUAIS DE BÊNÇÃOS: “OS RITOS COMO ESPELHO DA SOLIDARIEDADE ENTRE RELIGIÃO E NATUREZA”⁶⁷

Desde a formação dos primeiros núcleos rurais dos imigrantes nas linhas coloniais de Prudentópolis, a religiosidade foi praticada como recordação da terra natal ou então pelo forte apego ao sagrado e ao trabalho agrícola. Isso pode ser constatado em rituais e cerimônias que eram (e ainda são) preservados como parte de um conjunto de concepções herdadas. Bênçãos

⁶⁷ Conceito e análise dos ritos a partir da vinculação e do entrelaçamento entre religião e natureza, propostos por Aldo Natale Terrin em sua obra **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**, 2004, p. 126.

da terra, da lavoura, da colheita, da água, da casa, de velas, de frutos, de flores, dos alimentos, das pessoas e dos falecidos em dias por eles considerados santificados, são exemplos dessas práticas religiosas diferenciadas pelo calendário litúrgico do rito bizantino e relacionadas com o ucraniano. São práticas que,

visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002, p. 73)

Essas práticas rituais institucionalizadas pela Igreja e vivenciadas pelos fiéis, antes da cristianização da Ucrânia eram costumes pagãos, já realizados pelos ucranianos. Referindo-se a Quaresma, período que antecede a Páscoa Cristã, quando são realizados diversos rituais de bênçãos pelos ucranianos e seus descendentes, no Jornal *Prácia*, a partir das explicações sobre a vinculação entre elementos pré-cristãos e cristianismo, encontramos:

Quando o cristianismo chegou à Ucrânia, no fim do primeiro século da era cristã, tanto no Oriente quanto no Ocidente o tempo quaresmal já era definido quanto à duração e quanto ao modo de ser vivido. Mas como havia entre as tribos ucranianas cristianizadas tradições pré-cristãs profundamente enraizadas na alma do povo, estas tiveram grande influência na inculturação do cristianismo entre a população. Portanto, as tradições pascais ucranianas, sem deixarem de ser construídas sobre as verdades cristãs, não deixam de conter muitos elementos pré-cristãos. (PRÁCIA, [1998?], p.1)⁶⁸

Essas tradições ou costumes pré-cristãos que foram incorporados aos rituais de bênçãos a partir da cristianização da Ucrânia, foram reformulados e ressignificados em Prudentópolis. Adaptando-se muitas vezes, à realidade construída e vivenciada pelos imigrantes e descendentes, essas cerimônias se completam entre a vivência religiosa na Igreja como local sagrado, e, se estendem no cotidiano dos fiéis, que dão continuidade a esses rituais em suas casas e no local de trabalho, constituindo assim, um prolongamento da experiência religiosa. Ao conceber os rituais de bênçãos enquanto práticas pagãs herdadas e incorporadas ao cristianismo, o Padre Tarcísio Zaluski, liturgista e estudioso do rito bizantino, explica,

Essas bênçãos já existiam, desde os tempos mais antigos. No paganismo até, nós encontramos que certos objetos e principalmente os quatro elementos: a água, o fogo, o ar e a terra, (se não me engano) sempre tinham um valor muito grande. E nos rituais pagãos também, tinham grande significado e eram também praticamente não abençoados, mas eram considerados como coisas sagradas que provêm dos deuses, da eternidade, da divindade. E por isso, as religiões, algumas mais, outras menos, se aproveitam das mesmas tradições. É claro, cristianizam. Por exemplo, tem muitas coisas pagãs que foram cristianizadas, até no nosso rito. Tem muitas cerimônias, muitas bênçãos que aconteciam antigamente de uma outra maneira,

⁶⁸ Encarte do Jornal *Prácia*, [1998?], explicando a vinculação dos costumes populares com o cristianismo da Igreja Oriental Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino.

*mas atualmente elas são cristianizadas, são transferidas e para elas, é dado um sentido cristão.*⁶⁹

Percebemos então, que esses costumes pré-cristãos já apresentavam um forte vínculo com a natureza e foram incorporados ao cristianismo na Ucrânia desde a sua oficialização no ano de 988⁷⁰. Anterior a esse período, nas palavras do Padre Tarcísio,

*existiam diversos deuses cultuados. Cada povo, cada cultura tinha seus deuses... Na Ucrânia também tinham diversos deuses. Tinha o deus do tempo, da cultura, da alimentação; deus da chuva, do trovão, da água. Diversos deuses... Mas os rituais que hoje são usados na Igreja, eles encontram suas raízes já na Ucrânia nos tempos pré cristãos ainda... Que eram usados como coisas sagradas.*⁷¹

Essa relação dos rituais religiosos com a natureza é encontrada em diversas religiões. Ao analisar os ritos como espelho da solidariedade entre religião e natureza, Terrin (2004, p. 126 e 127), aponta que: *“os ritos nas várias religiões antigas, como também nas religiões etnológicas e em nosso próprio mundo religioso secularizado, jamais perderam a sua relação mediata ou imediata com a natureza, com o elemento biológico, com o reino animal e vegetal”*. A necessidade de vincular a religiosidade humana com o mundo ao qual o homem está inserido faz com que essa relação seja inevitável. Nas palavras do autor, *“os ritos vivem num entrelaçamento vital e indissolúvel com a natureza”*. (TERRIN, 2004, p.127). Os rituais de bênçãos ainda praticados entre os descendentes de ucranianos de Prudentópolis demonstram essa relação.

Assim, os ritos e a natureza se fundem para dar significado a existência humana, e essa significação do rito para quem participa dele, é diferenciada em relação a quem o observa.

O rito não é um fato isolado no nível religioso, mas se faz veículo das concepções fundamentais, dos dogmas, dos mitos, das experiências que existem dentro de cada religião, e emerge cada vez mais como um todo religioso capaz de recompreender o todo da experiência religiosa. (TERRIN, 2004, p.127)

Com o objetivo de evidenciar e perpetuar o conhecimento socialmente adquirido e até reafirmar um sentimento de pertencimento, os rituais são eventos mais formalizados e que apresentam uma forma conatural de expressão simbólica das experiências religiosas e que os difere dos eventos ordinários. É um momento excluído da rotina, destacado, e com propósito coletivo.

⁶⁹ Entrevista concedida a autora em 21 de junho de 2013

⁷⁰ O marco referencial da Cristianização da Ucrânia, quando ainda chamada de Império Rus de Kiev, foi o Batismo do príncipe Valdomiro, o Grande (980-1015) no ano 988. Esse fato é considerado como demarcador para a oficialização da religião cristã nesse território.

⁷¹ Informação fornecida pelo Padre Tarcísio Zaluski em entrevista realizada pela autora em 21 de junho de 2013.

Integrados ao Calendário Litúrgico da Paróquia de São Josafat, os rituais de bênçãos fazem parte das cerimônias religiosas definidas pelo rito bizantino. Esse calendário das Igrejas Orientais, oficializado pelo Concílio de Nicéia, no ano de 325⁷², tem início no primeiro dia do mês de setembro e término no dia trinta e um do mês de agosto do ano subsequente. Esses rituais, atualmente incorporados ao calendário gregoriano para os ucranianos católicos⁷³, foram vinculados às chamadas Doze Grandes Festas Cristãs, que serão destacadas adiante. Em algumas dessas festas, ocorrem essas práticas rituais marcadas pelo ato de benzer. Sendo práticas religiosas somente do rito bizantino, elas tornam-se definidoras de diferenças e impositoras de limites étnicos. São cerimônias que estão vinculadas ao ucraniano e seus descendentes em Prudentópolis.

O Calendário Litúrgico evidencia e recorda os acontecimentos da vida de Jesus Cristo, de Maria Santíssima e também dos principais santos para os ucranianos. Destaca a relação constante entre o ‘Criador e sua Criatura’, como aponta, Julian J. Katrij, (1983, p. 16),

O nosso Ano Litúrgico é um poderoso hino de honra e glória a Deus, na qual a tríplice Igreja participa – a Igreja Triunfante no céu, a Igreja Sofredora no purgatório, e a Igreja Militante na terra. No ano da Igreja, o total conteúdo da nossa sagrada fé encontra a sua mais bela expressão. Como um colorido arco-íris no nosso Ano Litúrgico que conecta a terra ao céu, e ilumina, purifica, santifica e nos eleva à Deus.⁷⁴

Adotado pela Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino, desde a sua incorporação até a atualidade, esse calendário ainda mantém uma organização e distribuição de datas santificadas para uma sociedade tipicamente agrária. Assim, a prescrição de um grande número de dias santificados durante o ano⁷⁵ é respeitada pelos fiéis mais devotos, principalmente da área rural. Considerados “dias de guarda”, segundo a tradição ucraniana, essas datas são marcadas por orações e celebrações litúrgicas. Em entrevista realizada com um morador da Linha Nova Galícia, comunidade rural do Município, quando questionado sobre o cumprimento do calendário litúrgico em relação aos dias de guarda, o Senhor Antonio

⁷² Os padres do Primeiro Concílio Ecumênico em Niceia no ano de 325 adotaram o dia primeiro de setembro como a abertura do Ano Novo da Igreja e este dia tem sido seguido pela Igreja Oriental até o presente tempo. A Igreja Latina abre o Ano Litúrgico no primeiro dia do Advento, o início da preparação para o Natal. (KATRIJ, 1983, p. 13).

⁷³ O Calendário Litúrgico dos Ucranianos Ortodoxos é o mesmo em relação à celebração das Doze Festas e dos santos cultuados. A diferença está na adoção das datas a partir do calendário juliano enquanto que os ucranianos católicos adotam o calendário gregoriano diferenciado em treze dias.

⁷⁴ Tradução livre de: “Our Liturgical Year is a mighty hymn of honor and glory to God, in which the threefold Church takes part – the Church Triumphant in heaven, the Church Suffering in purgatory, and the Church Militant on earth. In the Church Year, the entire content of our holy faith finds its most beautiful expression. Like a colorful rainbow our Liturgical Year joins earth to heaven, and enlightens, purifies, sanctifies and lifts us up to God” (KATRIJ, 1986, p. 16).

⁷⁵ São considerados dias santificados mais de 20 datas relacionadas com os acontecimentos da vida de Cristo, de Maria Santíssima e dos santos mais venerados pelos ucranianos, sem contar com os domingos e demais datas vinculadas ao período da Quaresma, onde acontecem celebrações diferenciadas.

Muzeka, responde: *“Aqui todo mundo respeita, todo mundo ‘guarda’. Se tiver missa aqui, todo mundo vai”*⁷⁶. Mesmo admitindo existir um elemento facilitador que não gera prejuízo econômico dispensar o trabalho agrícola nesses dias, por serem pequenos proprietários rurais, o descendente de imigrante concorda que vários moradores da comunidade que trabalham na cidade não podem participar dessas cerimônias religiosas em função do emprego. Também esclarece que na Igreja de sua comunidade, algumas cerimônias rituais não ocorrem necessariamente no “dia santo”. Isso acontece, segundo ele, devido o número reduzido de padres que precisam atender espiritualmente várias comunidades. Mas, ao ser questionado sobre a realização dos rituais de bênçãos, lembra: *“Se não fazem no mesmo dia, no próximo domingo após o dia santo é realizado”*⁷⁷. Assim, percebemos que o calendário litúrgico baseado em rituais vinculados ao trabalho agrícola, aos poucos, tende a sofrer reformulações. Ora, pela falta de disponibilidade de maior participação dos fiéis, ora pela ausência ou pelo número reduzido de padres para atender com frequência todas as igrejas pertencentes à Paróquia de São Josafat. Mas, também é importante lembrar que esse calendário que prevê dias santificados com cerimônias rituais particularizadas é ao mesmo tempo, definidor do tempo e regulador do comportamento e da vida desses fiéis.

Sendo assim, o calendário litúrgico “vai caracterizar formas de expressões religiosas próprias. Ele propõe normas de conduta individuais e sociais, ou seja, propõe um ethos a ser seguido, em última análise, uma visão própria de mundo”. (HANICZ, 1996, p, 122). Como o calendário está associado à noção de tempo, os descendentes de ucranianos orientam-se a partir do tempo litúrgico como referencial de localização evidenciado nas Festas Cristãs. Essa orientação a partir do calendário litúrgico é perceptível no cotidiano dos descendentes de ucranianos, com maior frequência, das áreas rurais, quando relacionam diversos acontecimentos aos dias santificados. É comum entre eles, se referir a algum acontecimento rotineiro sempre destacando uma festa religiosa ou um “dia santo” como marco temporal. Além disso, os dias santificados são respeitados como datas sagradas e destinadas às cerimônias de bênçãos sendo marcadas por rituais que apresentam uma dimensão religiosa de caráter simbólico e transcendental que reafirma a identidade étnica de seus participantes a partir de uma ação, de um momento comunicativo e constitutivo de uma visão do mundo. O Calendário Litúrgico ou Eclesiástico adotado pela Igreja Greco Católica Ucraniana de rito bizantino é diferenciado da Igreja Católica Latina a partir dos significados, das representações

⁷⁶ Entrevista concedida a autora na comunidade de Linha Nova Galícia, Prudentópolis, no dia 23 de fevereiro de 2014.

⁷⁷ Entrevista concedida a autora no dia 23 de fevereiro de 2014.

e da forma peculiar com que as práticas religiosas são realizadas em locais considerados sagrados (Igreja, Cruzeiro, Cemitério). Esses rituais são formas de culto com marcante presença de uma religiosidade popular que congrega orações, bênçãos e crenças. São ações rituais que estabelecem uma conexão e uma circularidade entre o sagrado e o profano que, posterior aos eventos religiosos, tem continuidade na vida cotidiana desses sujeitos.

As práticas religiosas, de acordo com Terrin (2004, p. 24),

são ‘comportamentos rituais’, são ‘ações’ que adquirem um particular significado dentro da tradição de cada religião, tendo frequentemente mantido um lugar firme e uma linguagem estável durante séculos e milênios, na história das religiões, independentemente das teorias e das mudanças linguísticas e culturais.

Mas apesar das tentativas do rito ser mantido no decorrer dos séculos, ele acaba sendo, mesmo que inconscientemente, ressignificado pelos seus praticantes.

O rito bizantino tido como patrimônio cultural e religioso para os fiéis que participam dele é apoiado no Calendário Litúrgico adotado pela Igreja Ucraniana tanto ortodoxa como católica. Em relação à Igreja Greco Católica Ucraniana, vinculada e em comunhão com o Vaticano, o rito bizantino praticado por essa Igreja Oriental desde a cristianização da Ucrânia, foi orientado, valorizado e reafirmado por Roma durante o Concílio Vaticano II. Realizado entre os anos de 1962 a 1965, o Concílio Vaticano II redefiniu algumas orientações da Igreja Católica em relação aos diferentes ritos existentes e praticados pelas igrejas orientais. O *Orientalium Ecclesiarum* ou Decreto sobre as Igrejas Orientais estabeleceu que mesmo sendo diferenciadas pelos ritos, essas igrejas católicas que são confiadas ao Pontificado Romano, devem preservar suas tradições rituais. Em relação à conservação e restauração das antigas tradições do rito oriental, o decreto proclama:

Saibam e tenham por certo todos os Orientais que sempre podem e devem observar os seus legítimos ritos litúrgicos e a sua disciplina; e que não serão introduzidas modificações a não ser em razão de um progresso próprio e orgânico. Tudo isto, pois, deve ser observado pelos próprios Orientais com a maior fidelidade. E de tudo isto devem eles adquirir um conhecimento cada vez maior e uma prática cada vez mais perfeita. E se indevidamente os abandonaram em vista das circunstâncias de tempos ou pessoas, procurem regressar às tradições ancestrais. Aqueles, porém, que, por motivos do ofício ou do ministério apostólico, têm contato frequente com as Igrejas Orientais ou seus fiéis, busquem um melhor conhecimento e prática dos ritos, da disciplina, da doutrina, da história e da índole dos Orientais, de acordo com a importância do cargo que exercem. (VATICANO II, Decreto sobre as Igrejas Orientais)

Assim sendo, o rito, considerado pela Igreja Católica Romana como patrimônio teológico, litúrgico, espiritual e disciplinar se diferencia culturalmente. E é, a partir de práticas religiosas singulares, que os fiéis pertencentes a determinado rito, expressam sua fé no modo de crer e viver. Essa diferenciação ritual, comparada às igrejas ocidentais de rito latino continua a ser praticada e preservada nas igrejas orientais católicas.

Em Prudentópolis, a comunidade de imigrantes e descendentes de ucranianos faz parte desse contexto religioso. O rito oriental bizantino, legitimado e reafirmado pelo Concílio Vaticano II é adotado pela Paróquia de São Josafat⁷⁸ que através da língua ucraniana se diferencia na forma de expressar a fé e de celebrar os cultos. É uma forma de expressão ritual trazida como parte integrante da cultura religiosa dos primeiros imigrantes ucranianos que vieram ao Brasil durante o processo da imigração no final do século XIX e início do século XX. Essa cultura “traduzida”⁷⁹ e constituída “a partir de um cruzamento de tradições, práticas e costumes herdados de seus antepassados com elementos recolhidos da situação real do cotidiano” (HANICZ, 1996, p. 122), foi ressignificada num novo espaço geográfico e social.

Por ter sido oficialmente cristianizada em 988 a partir do Império Bizantino, a Ucrânia cristã, dividida em cristãos ortodoxos e cristãos católicos posteriormente, adotou o rito bizantino como forma de expressar a religiosidade popular. As particularidades simbólicas dos rituais litúrgicos são destacadas desde a cerimônia da divina liturgia até os rituais de bênçãos que ocorrem em alguns dias do calendário litúrgico. Como afirma Boruszenko (1995, p. 25):

A liturgia bizantina, da qual a ucraniana é um dos ramos, tem origem na de Jerusalém, de São Tiago, e foi reformada por São Basílio Magno e abreviada por São João Crisóstomo no século IV. De imediato aprovada pela igreja, até hoje é seguida por grande número de cristãos do Oriente e pelos fiéis do rito ucraniano, todo celebrado nessa língua. O rito oriental foi transplantado para os locais de imigração, e foram preservadas todas as suas particularidades.

Além de um aparato religioso enraizado no Oriente e encarnado na cultura grega, “a Igreja Bizantina foi a grande líder da Antiguidade Oriental, estendendo largamente suas influências sobre outras regiões que foram evangelizadas por missionários procedentes da Grécia. Por isso mesmo, o rito greco-bizantino é o maior rito oriental”. (SCHILLER, 2008, p. 27). Como a Ucrânia e demais nações eslavas foram cristianizadas a partir do Império Romano do Oriente (Império Bizantino), se estruturaram religiosamente no rito bizantino, que é um dos ritos orientais⁸⁰. Portanto, os rituais religiosos praticados pelos imigrantes e

⁷⁸ A Paróquia de São Josafat do rito bizantino ucraniano católico atualmente está vinculada a Eparquia da Imaculada Conceição em Prudentópolis, criada em 12 de maio de 2014. Até essa data, pertencia à Eparquia Ucraniana de São João Batista, fundada em 1971, com sede em Curitiba. Antes da fundação dessa Eparquia, as igrejas ucranianas católicas instaladas no Paraná eram submetidas à Diocese de Curitiba até o ano de 1926 quando passaram a ser vinculadas à Diocese de Ponta Grossa, criada nesse ano. (DIOCESE DE PONTA GROSSA: Cinquentenário 1926-1976. Curitiba: Vicentina, 1976, p. 23)

⁷⁹ Os termos ‘cultura e identidades traduzidas’, nesse contexto, são expressões apropriadas a partir dos apontamentos de Stuart Hall quando explica que não existem culturas puras e isentas de interferência. São elas, produto de várias histórias e culturas interconectadas; são culturas híbridas.

⁸⁰ Distinguem-se no Oriente duas famílias de tradições litúrgicas: a família antioquena e a família alexandrina. A família antioquena congrega os ritos: caldeu, malabarês, sírio, malancarês, armênio, maronita e o bizantino. Nesse último, inclui-se um sub-rito: o melquita. A família alexandrina congrega os ritos: copta e etíope.

descendentes de ucranianos fazem parte de um conjunto de crenças “transportadas” ou “traduzidas”, que foram reformuladas nos locais ocupados pela imigração. Essa diferenciação e singularidade ritual faz com que os fiéis participativos das cerimônias religiosas desenvolvam entre si um sentimento de pertença, evidenciado principalmente no uso da língua ucraniana e nas práticas de bênçãos.

Mas, mesmo que todas essas cerimônias religiosas estabeleçam uma vinculação étnica entre os descendentes de ucranianos de Prudentópolis, também é relevante considerarmos que

a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de ‘traços culturais’ (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinárias etc.), transmitidos da mesma forma de geração para geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir. (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011, p. 11)

Por isso, ao analisar o rito bizantino como um conjunto de práticas rituais transmitidas entre as gerações de ucranianos e também como um agrupamento de traços culturais que reforçam a identidade étnica desse grupo, é eminente destacar o acionamento da memória como produtora de sentidos e de criação de um imaginário coletivo. De acordo com Baczko (1985, p. 309) “é assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns”.

Portanto, como o imaginário atua na memória através das representações, entender como ocorre a relação entre o imaginário coletivo e as representações dos rituais de bênçãos para os fiéis, é nosso interesse. E o calendário litúrgico, em consonância com a língua, com a simbologia e com o rito, reforça a construção desse imaginário social.

3.2. RITUAIS DE BENÇÃOS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

Estudar as práticas culturais de um grupo social ou de uma comunidade é a maneira de recriar um mundo que pode ser compreendido através de sentidos, de vivência, do cotidiano, da memória e das representações sociais de *uns*, que muitas vezes estão invisíveis para os *outros*. E como a história cultural nos permite analisar, compreender e conhecer uma realidade social pensada e construída por meio de “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”, (CHARTIER, 1990, p.17) as representações são concebidas como construções elaboradas e reafirmadas num campo de lutas e disputas. Essas representações,

socialmente construídas, como aponta Chartier (2002) não são produzidas por discursos neutros. Elas são forjadas a partir de discursos instituídos considerando as “estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade”. (CHARTIER, 2002, p.73). Assim, os discursos elaborados e a posição “de quem diz o que”, somando-se ao poder simbólico dos agentes ou instituições exercido sobre os sujeitos, faz com que a linguagem autorizada se institucionalize e muitas vezes, seja naturalizada. Com base em Pesavento (2008, p. 41), “as representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”.

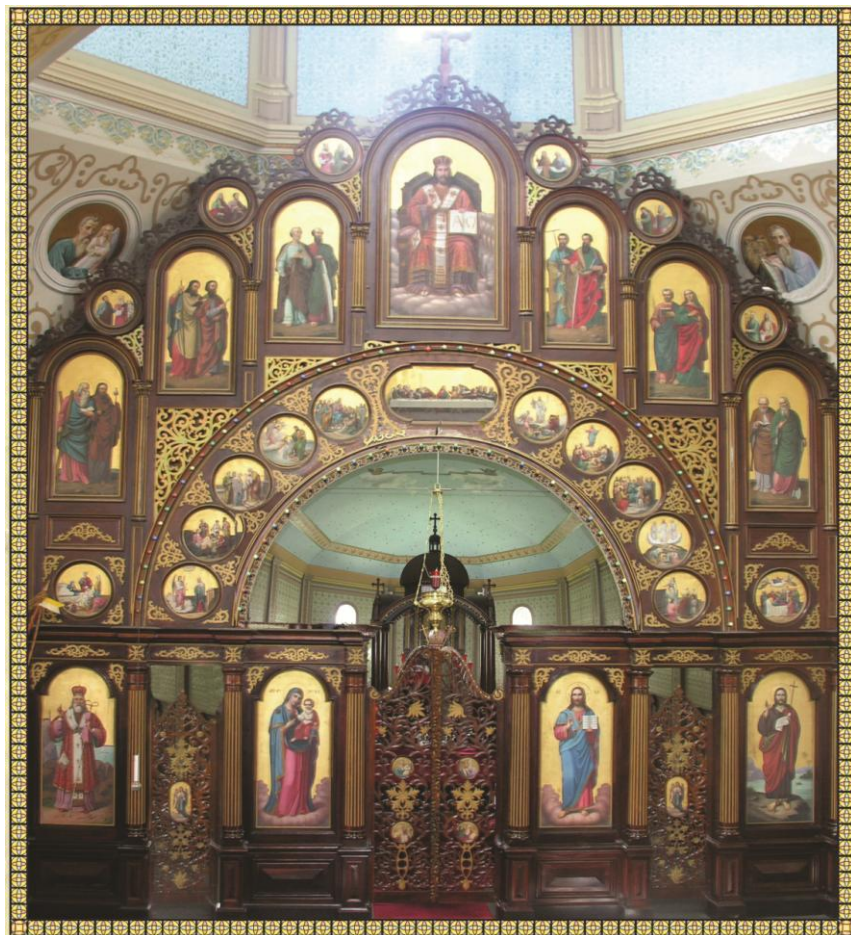
Como os agentes da Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino chegaram a Prudentópolis nos primeiros anos de colonização, acompanhando a trajetória dos imigrantes que ocuparam terras rurais nesse Município a partir de 1896, os discursos religiosos associados às cerimônias realizadas na língua ucraniana e aos rituais de bênçãos com simbologias, gestos, imagens e objetos que os identificavam como grupo étnico e os diferenciavam frente aos demais grupos sociais com os quais conviviam, fizeram com que as representações sociais desse grupo fossem construídas a partir da religiosidade ucraniana embasada num discurso de unificação étnica. Portanto, esse vínculo com o sagrado permitiu “a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma”. (CHARTIER, 2002, p.73). Esse pertencimento identitário entre os imigrantes e seus descendentes, vinculado às práticas religiosas como representações coletivas era (e ainda é) considerado por esses sujeitos, um forte elo de manutenção e de reafirmação de suas identidades.

Assim, a instituição religiosa amparada por um discurso étnico-religioso estruturado no rito bizantino apresenta o Calendário ou Ano Litúrgico em três ciclos: o ciclo pascal, com data móvel, o ciclo das festas com data fixa e o ciclo semanal e dos oito tons. “A Páscoa é a primeira festa cristã por importância e antiguidade. Dela desenvolveu-se, paulatinamente, todo o ano litúrgico”. (DONADEO, 1998, p. 17). A celebração da Páscoa nas Igrejas Ortodoxas que adotam o rito bizantino, segue o calendário juliano, atrasado em treze dias em relação ao calendário gregoriano usado atualmente pelas Igrejas Orientais Católicas de rito bizantino. Diferenciando-se do calendário civil que marca o início do Ano Novo no dia primeiro de janeiro de cada ano, o calendário eclesiástico bizantino inicia suas celebrações litúrgicas no mês de setembro. Esse calendário que contempla as chamadas Doze Grandes

Festas (sendo 09 delas com datas fixas e 03 com datas móveis), tem em algumas delas, os rituais de bênçãos como cerimônia destacada.

Para melhor identificarmos no calendário litúrgico, os rituais que contemplam o ato de rezar e benzer - foco de nosso estudo - iremos relacioná-los para posteriormente, analisar e refletir sobre o papel dessas cerimônias religiosas como mantenedoras e reafirmadoras da identidade dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis. Para isso, adotamos como cronologia de análise o Calendário Litúrgico Bizantino que tem início no dia 01 de setembro e término em 31 de agosto do ano subsequente, baseado nas Doze Festas Cristãs que são representadas no Iconostás⁸¹ da Igreja Matriz de São Josafat. (Figura 8).

FIGURA 8 – Iconostáse da Igreja de São Josafat.



FONTE: Frade Eutêmio Denichevicz (OSBM) – Acervo da Gráfica Prudentópolis - Padres Basilianos

Todos os rituais de bênçãos, incorporados às datas consideradas santificadas no Cristianismo Oriental tem relação com o trabalho agrícola e as estações do ano na Ucrânia.

⁸¹ Iconostás ou Iconostase em ucraniano *іконостас* é o conjunto de ícones bizantinos pintados sobre painéis de madeira. O Iconostás na Igreja Ucraniana de rito bizantino separa a nave dos fiéis do altar principal onde o sacerdote celebra a liturgia.

Eram práticas rituais com simbologias e significações pagãs já realizadas nas regiões que atualmente congregam a Ucrânia, anteriormente à sua cristianização pelo Império Romano do Oriente (Império Bizantino) no século X. Referindo-se a esse contexto de conversão do paganismo ao cristianismo, utilizamos as palavras de Procek (1997, p. 03):

O encontro de Bizâncio com a Ucrânia não foi um encontro do rico e do pobre, mas um encontro de iguais, porém, com características específicas, próprias. Ainda hoje, os ucranianos têm em sua cultura fortes marcas deste encontro – a união das culturas pré-histórica, pré-cristã e cristã, na Ucrânia. É difícil, porém determinar, nas tradições e costumes ucranianos, o fim da cultura pré-cristã e o começo da cultura cristã. Isto porque a cultura pré-cristã se encarnou de tal maneira nas tradições e costumes ucranianos, que é difícil imaginar o Natal sem ‘kutiá’ (trigo batido e cozido para ser degustado na ceia de Natal), a Páscoa sem ‘pêssanka’ (ovos pintados à mão) e a festa de Pentecostes sem ‘kletchánha’ (ramos verdes), entre outros.

Considerados pelos imigrantes e descendentes de ucranianos como tradição, crença, fé ou ainda, costumes, os rituais de bênçãos passaram a fazer parte do cotidiano desses sujeitos de tal maneira que não é difícil vincular essas práticas ao misticismo e a poderes sobrenaturais.

No dia 08 de setembro a Festa da Natividade de Nossa Senhora abre o calendário eclesiástico. O dia 14 de setembro é dedicado à Exaltação da Santa Cruz e o dia 21 de novembro é considerado o dia santificado que lembra a Apresentação de Nossa Senhora ao Templo. Em consonância com essas festas religiosas, durante os meses de setembro e outubro, em algumas áreas rurais do Município, onde a maioria dos agricultores é descendente de ucraniano, é realizada a benção das sementes, terras e lavouras.

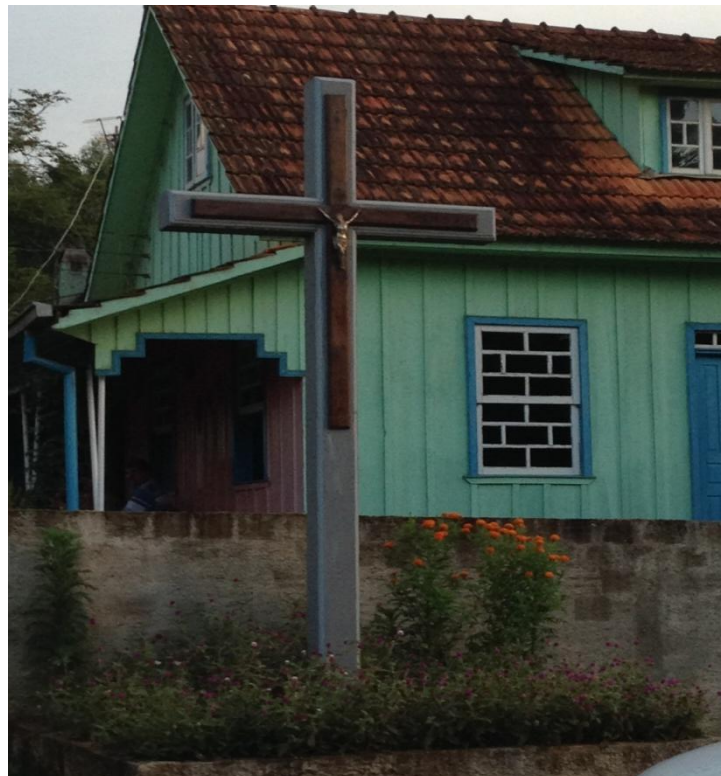
Como a maioria dos imigrantes que se estabeleceram em Prudentópolis no início do século XX eram pequenos agricultores ucranianos que foram direcionados a ocupar lotes rurais no Município, a relação e o vínculo da religião com a natureza é constante. Os rituais religiosos praticados por esses imigrantes, ainda na Ucrânia, entrelaçados por elementos pré-cristãos e pelo cristianismo recebido a partir de Bizâncio, acabaram sendo transferidos para os novos locais que ocuparam. E a relação intrínseca entre terra, trabalho e religião continuou sendo parte integrante desse complexo mundo religioso alicerçado em práticas agrícolas. Assim, a terra sempre foi e continua sendo, para os ucranianos das áreas rurais, a responsável pelo sustento e sobrevivência, por isso, “os agricultores divinizam-na, pois todos os dias quando se começa o trabalho na lavoura, é costume tirar o chapéu e, com reverência persignar-se, como que pedindo licença para poder trabalhá-la e, ao mesmo tempo, invocando a benção divina”. (PROCEK, 1997, p.13)

Por isso, em algumas comunidades rurais de descendentes de ucranianos, no dia da Festa da Natividade de Nossa Senhora (08 de setembro) ainda é costume “levar sementes para

serem benzidas pelo sacerdote. Levam poucas de cada espécie, porém misturam-nas a outras milhares que são lançadas na terra – todas abençoadas por Deus”. (PROCEK, 1996, p. 13).

Nesses locais, onde existe o cruzeiro (cruz em madeira ou concreto, colocada nos entroncamentos das lavouras), os fiéis camponeses participam do ritual de benção da terra e das lavouras precedido pelos sacerdotes. (Figura 9).

FIGURA 9 - Cruzeiro da Linha Nova Galícia em Prudentópolis.



FONTE: A autora.

Acreditando que essas bênçãos contribuem para bom clima e terra fértil para a prática agrícola, os fiéis acompanham orações de exorcismo que objetivam “arrancar todo o mal da terra”. Sendo um dos sacerdotes da OSBM que realiza essas bênçãos em áreas rurais de Prudentópolis, o Padre Atanásio, defensor desse ritual, explica:

*A benção da lavoura é dirigida em quatro direções: Norte, Sul, Leste e Oeste. Então, tem orações especiais e o padre também caminha em certa direção. Não fica sempre no mesmo lugar. E tem as orações de esconjuro. Orações de exorcismo, fortes, para cada lado. Espíritos maus eu te esconjuro. Que você não tenha poder de produzir tempestades, ventanias, granizos e outros para prejudicar os fiéis, essa região. Eu abençoo.*⁸².

⁸² Entrevista realizada pela autora em 03 de agosto de 2013.

Essa benção é realizada solenemente em algumas linhas coloniais do Município, por ocasião da Festa de Nossa Senhora do Patrocínio, no dia 01 de outubro. Geralmente, a comunidade escolhe a lavoura de um dos fiéis para a celebração e “a bênção divina ‘espalha-se’ por todas as lavouras da redondeza” (PROCEK, 1996, p.14). Todo esse ritual é acompanhado com cânticos religiosos na língua ucraniana e também com aspersão de água benta. Na crença de que esse ritual de bênção protege a terra de todo o mal permitindo uma boa colheita, os agricultores de algumas comunidades rurais do Município recorrem anualmente ao sacerdote para a realização dessa cerimônia.

Esse ritual de benção das lavouras está associado a outras cerimônias religiosas que são realizadas durante o calendário litúrgico bizantino. Os ramos benzidos no domingo que antecede a Páscoa, - Domingo de Ramos - (bem como os ramos que ornamentam os altares das celebrações) e também as flores que são bentas no dia santificado de Assunção de Nossa Senhora em 15 de agosto, são usados nas lavouras como símbolo de proteção e fartura. Sobre essa relação e a importância desses rituais para os fiéis, o agricultor, descendente de ucranianos da Linha Nova Galícia, Senhor Antonio Muzeka fala:

Quando fazem os altares e enfeitam com flores e ramos, tudo é benzido. Se você pegar e enterrar em quatro cantos da roça... Pode ficar ciente que para quem tem fé, tormenta não dá. Não estraga. Não é só eu, tem mais vizinho que já fez aqui. E é por isso que usam também na casa: vela benta, água benta e queimam ramos.⁸³

Também nas comemorações do Natal os objetos abençoados durante as festas religiosas do ano são utilizados pelos fiéis ucranianos. As velas bentas fazem parte da decoração da mesa onde acontece a ceia natalina. A Noite Santa - “Sviatci Vétchir” – também é marcada por rituais que vinculam religiosidade e natureza, quando um feixe de trigo denominado “Diduch”, simbolizando prosperidade e boa colheita, é colocado em lugar de destaque na sala de jantar, onde toda a família está reunida. Mas, essa prática persiste atualmente entre poucas famílias de descendentes de ucranianos das áreas rurais.

No dia 06 de janeiro, na Teofania (manifestação de Deus ao mundo na pessoa de Jesus) onde se recorda o “Iordán”, ou seja, o Batismo do Senhor no Rio Jordão, ocorre a Benção das Águas e das Casas. Denominado de “Bohoyavlénha”, esse ritual, ainda preservado pelos imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis tem início com a celebração da Divina Liturgia. Após essa celebração, ao amanhecer do dia, em procissão, os fiéis acompanham o padre celebrante que se dirige até uma fonte próxima a Igreja onde a água é benta e depois distribuída aos fiéis participantes, conforme visualizamos nas Figuras 10, 11, 12, 13, 14 e 15.

⁸³ Entrevista realizada pela autora no dia 23 de fevereiro de 2014.

FIGURA 10 - Procissão do Iórdan na Igreja Matriz de São Josafat – 06 de janeiro de 2014.



FONTE: Nestor Lucavei.

FIGURA 11 - Celebrantes do Ritual de Benção da Água no ano de 2014.



FONTE: Padre Januário Lucavei (OSBM)

FIGURA 12 - Celebração do ritual de Benção da Água



FONTE: Nestor Lucavei.

FIGURA 13 - Benção da Água



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias.

FIGURA 14 - Benção dos participantes do ritual



FONTE: Padre Januário Lucavei (OSBM)

FIGURA 15 - Distribuição da água benta aos fiéis.



FONTE: Padre Januário Lucavei (OSBM)

Essa água utilizada pelos padres que visitam e benzem as casas dos paroquianos no período da Teofania, é símbolo de bênçãos para o ano que se inicia. É costume entre os fiéis desse ritual, nesse dia, oferecer a água benta para todos os membros da família, em sinal de

proteção divina. O ritual de benção das casas pelos sacerdotes é popularmente conhecido como “kropêlo”, que significa aspersão, ou seja, o ato de aspergir água benta sobre as pessoas e as residências. A água que é abençoada no “Iordán” torna-se símbolo de proteção, de fartura e de cura para os fiéis. Muitos deles costumam aspergir a água benta em toda a propriedade e sempre que necessário, usam para os mais diversos fins. Quando questionado sobre a utilidade e o significado dessa água em sua família, o Senhor Josafat Muzeka nos relata que a água benta *“serve para, às vezes, benzer a casa, às vezes a gente não está bom, aí toma. Antes tempo, uma criança quando se assustava, primeira coisa, corria para pegar a água benta”*⁸⁴. Além disso, a água benta é considerada por muitos fiéis o símbolo da proteção e da prosperidade, como fala o Senhor Demétrio Kolitski: *“A água benta evita muitas desgraças, doenças e muitas coisas ruins. Com a água benta você se defende de muitas coisas ruins e atrai coisas boas”*.⁸⁵

No dia 02 de fevereiro, considerado dia santificado que relembra a Apresentação do Senhor no Templo é também a data em que os fiéis levam até a Igreja velas para serem abençoadas. A celebração religiosa chamada de “Strítenha”⁸⁶ tem início com a divina liturgia. Muitos fiéis que moram nas linhas coloniais de Prudentópolis onde não são realizadas celebrações nesse dia, participam desses rituais na Igreja Matriz de São Josafat.

Trazendo velas, muitas vezes enfeitadas e ornadas por flores e ramos, após a cerimônia religiosa, os fiéis aguardam o ritual da benção de velas conforme podemos observar nas Figuras 16, 17 e 18.

Durante o ritual de benção o sacerdote celebrante asperge água benta sobre as velas acesas, denominadas “hromnêtsi” que são símbolos de proteção e fé durante tempestades, trovões e raios como explica a descendente de ucranianos, Senhora Nadia Morskei Stasiu:

*Eu tenho o costume de acender essa vela quando vem a capelinha em minha casa ou o quadro. Quando está para chuva forte, essa vela eu acendo. Tenho o costume e não estrago. Cuido e zelo até ficar o último pedaço. Não jogo. Na vela eu me identifico muito, porque para mim, luz é Cristo. E tem que ser vela de cera de abelha.*⁸⁷

Assim, as velas que são abençoadas nesse dia santificado do Calendário Litúrgico são guardadas pelos fiéis e utilizadas em diversos rituais particulares no decorrer do ano.

⁸⁴ Entrevista realizada pela autora no dia 23 de fevereiro de 2014.

⁸⁵ Entrevista realizada pela autora no dia 05 de junho de 2014.

⁸⁶ O termo “Strítenha” – encontro – deve-se ao fato de que nesse período na Ucrânia acontece o encontro, ou seja, a passagem das estações do inverno para a primavera.

⁸⁷ Entrevista realizada pela autora no dia 24 de julho de 2014.

FIGURA 16 – Celebração que antecede a benção das velas na Igreja Matriz de São Josafat



Fonte: Padre Januário Lucavei (OSBM)

FIGURA 17: Velas de cera de abelha ornadas com flores



Fonte: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias.

FIGURA 18: Momento do ritual de bênção das velas



FONTE: Padre Januário Luvavei (OSBM)

Sobre o significado do ritual de bênção das velas, a descendente de imigrantes, Senhora Cecília Zenzeluk Antonio lembra que:

As velas bentas também são usadas em momentos de reunião familiar ou em momentos de doença ou morte na família. No Natal usam-se velas bentas acesas durante o 'Sviátei Vétchir' e também uma vela acesa é colocada na mão do doente quando a morte já está próxima e o doente, às vezes, não consegue receber a Unção dos Enfermos.⁸⁸

Portanto, é perceptível a relação entre esses rituais realizados na Igreja ou em lugares considerados sagrados com o cotidiano desses fiéis que em situações diversas recorrem a esses símbolos de religiosidade e fé.

Seguindo o calendário litúrgico bizantino, o dia 25 de março é dedicado a recordar a Anunciação do Anjo à Maria como Mãe do Senhor. É relevante destacar que nas celebrações religiosas bizantinas Nossa Senhora ocupa um lugar especial. “A primeira grande festa litúrgica é mariana como também a última do ano”. (DONADEO,1998, p. 34)

Geralmente durante os meses de março e abril, os fiéis ucranianos e descendentes, vivenciam o período quaresmal. Referente a esse período, marcado por rituais, celebrações, simbologias e representações, o Padre Tarcísio Zaluski, em um encarte de edição especial do Jornal Prácia, escreve: “Em Prudentópolis, a comunidade ucraniana se estabeleceu no início do século passado, trazendo consigo tradições pascais ricas em espiritualidade, ritos litúrgicos, expressões culturais, em simbologia cristã e pré-cristã e continua cultivando-os até

⁸⁸ Entrevista concedida a autora no dia 02 de março de 2014.

hoje”. (PRÁCIA, [1998?], p.01). Sendo considerada a maior festa cristã, a Páscoa para os fiéis da Igreja Greco Católica Ucraniana é precedida de várias celebrações e rituais específicos para essa festa litúrgica.

Durante as quatro semanas da quaresma são realizadas celebrações semanais que recordam os falecidos das famílias através da “Liturgia dos Dons Pré Santificados” e da oração denominada “Parastás”. Esse ritual realizado após a divina liturgia (Figura 19) é um “ato litúrgico pelos mortos, para os quais, o povo traz como oferenda, reverenciando seus familiares falecidos, pães que são depositados numa mesa especialmente preparada na nave central da igreja. Pão é vida, é união. Depois, estes pães são distribuídos para os necessitados”. (PROCEK, 1997, p. 07).

FIGURA 19: Pães que simbolizam os falecidos no ritual denominado Parastás.



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias.

Durante a celebração do “Parastás”, os padres celebrantes fazem a leitura dos nomes dos falecidos das famílias que estão relacionados no “Pomianyky”, que é um livro especial usado nesse ritual. (Figura 20) “O costume de trazer alimentos para as celebrações pelos falecidos vem da crença pré-cristã de que as almas, ainda que fiquem separadas do corpo, elas comem e bebem, e por isso, precisam de alimento e bebida”. (PRÁCIA, [1998?], p.01).

Assim, percebemos que apesar de ressignificados, esses rituais praticados pelos descendentes de ucranianos apresentam um vínculo com uma religiosidade ucraniana anterior ao cristianismo bizantino.

FIGURA 20: Leitura do “Pomianyk”.



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias

Também fazem parte dos rituais da quaresma ucraniana, além do jejum, incentivado pela Igreja, as prostrações que são realizadas pelos fiéis em sinal de penitência. Essas prostrações que na língua ucraniana são chamadas de “poklône” são acompanhadas pela oração: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, que sofreste por nós a Paixão, tende piedade de nós”⁸⁹.

Então, nas celebrações quaresmais em destaque a Via Sacra - “Hrésna Doroha” – os fiéis repetem constantemente o gesto de prostração perante as imagens que representam o martírio de Jesus Cristo durante o Calvário, conforme podemos observar na Figura 21.

⁸⁹ Tradução livre de “Претерпівий за нас страсти, Ісусе Христе, Сину Божий, помилуй нас!”

FIGURA 21: Prostrações realizadas pelos fiéis durante os rituais da quaresma



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias

Integrante do período que antecede a Páscoa, no Domingo de Ramos onde se recorda a Entrada de Jesus em Jerusalém, é realizada a Benção dos Ramos. Esse ritual, que na Ucrânia pré-cristã era celebrado como um culto às árvores, com o nome de domingo da “Verbá”, (salgueiro, chorão) foi incorporado às práticas cristãs, como explica o Padre Tarcísio Zaluski:

a Verbá desde os tempos pré-cristãos era considerada uma árvore sagrada, romântica, dotada de forças mágicas. Quando veio o cristianismo, os ramos desta árvore eram bentos, porque era a primeira árvore que soltava botões após o inverno e pré-anunciava a primavera. O simbolismo pré-cristão desta árvore misturou-se com o cristianismo e hoje a Verbá benta é usada em diversos rituais. (PRÁCIA, [1998?], p. 02)

Em Prudentópolis, os fiéis de descendência ucraniana que participam da Benção dos Ramos comparecem às Igrejas pertencentes à Paróquia de São Josafat trazendo ramos de oliveira ou palmeira para serem abençoados. Na Igreja Matriz, sediada na área urbana, após participarem da divina liturgia, os fiéis em procissão dirigem-se até a Praça Tarás Chevtchenko, próxima à Igreja, onde os ramos são abençoados com água benta. (Figura 22). Os ramos bentos são guardados pelos descendentes de ucranianos em suas casas e quando acham necessário, em busca de proteção, podem ser queimados em dias considerados por eles, difíceis.

FIGURA 22: Benção dos Ramos



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias

Ainda relacionada às festividades da Páscoa, ocorre no sábado de Aleluia, a Benção dos Alimentos. (Figura 23). No Sábado Santo, como os fiéis o denominam, as famílias de descendentes de ucranianos preparam os alimentos que serão consumidos na manhã do Domingo de Páscoa. Esses alimentos, arrumados em cestas geralmente ornamentadas com flores e pêsankas são cobertas com toalhas bordadas com a saudação na língua ucraniana: Xrestós Voskrés – Cristo Ressuscitou, representando o significado dessa festa cristã. (Figuras 24 e 25)

As cestas de alimentos são levadas até a Igreja onde são abençoadas pelos padres no decorrer de todo o dia que antecede o Domingo de Páscoa. Após receberem a aspersão da água benta, estas cestas com os tradicionais alimentos⁹⁰, são guardadas até a manhã do dia seguinte, quando, em família, são consumidos na primeira refeição do dia da Ressurreição de Cristo. Esse ritual de benção tem como significado para os fiéis, a purificação dos alimentos.

⁹⁰ Fazem parte da Cesta de Alimentos da Páscoa que são bentos no Sábado de Aleluia: a Paska (pão decorado com símbolos religiosos), a Babka (espécie de panetone, pão doce), carnes e defumados, (que representam o Cordeiro imolado), as pêsankas (ovos pintados com símbolos religiosos), as krachánkas (ovos coloridos que simbolizam parentes falecidos), o krin (raiz amarga), o requeijão, a manteiga, a beterraba e o sal. Esta cesta é coberta com uma toalha branca ou com bordados ucranianos.

FIGURA 23: Benção dos Alimentos da Páscoa



FONTE: Marcelo Michalichen - MCM Fotografias

FIGURA 24: Cestas com os alimentos que são bentos no Sábado de Aleluia



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias

FIGURA 25: Alimentos que compõem a Cesta de Páscoa.



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias

No domingo posterior à Páscoa, outro ritual que é realizado, com participação dos fiéis é o “Provóde” (conduzir). Denominado de “Nedilha Providná” – Domingo Guia – quando se recorda o encontro de Cristo com São Tomé, os imigrantes ucranianos e seus descendentes, participam de rituais relacionados à Ressurreição. Por isso, entoando cânticos religiosos, em procissão, dirigem-se ao Cemitério onde é celebrada a “Panahêda” ou “Panakhyda” – ritual específico para os mortos, conforme as Figuras 26 e 27.

As famílias acompanham os sacerdotes nos túmulos de seus familiares que rezam e reforçam a união familiar e a crença na vida eterna. Esse dia corresponde ao dia de finados dos católicos latinos.

FIGURA 26: Procissão do “Provóde”



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias

FIGURA 27: Ritual da “Panahêda”



FONTE: Marcelo Michelichen – MCM Fotografias

Também é destaque como uma das Grandes Festas Cristãs, o dia de Pentecostes ou Ascensão do Senhor. Nesse dia, o quadragésimo posterior à Ressurreição de Cristo, os descendentes de ucranianos, principalmente nas comunidades do interior de Prudentópolis, decoram a entrada de suas residências com galhos e folhas de palmeira relembrando essa data. As Igrejas também recebem esse ornamento. Por isso, o dia santificado ao Espírito Santo é chamado de “Zeléni Sviáta”, ou seja, Festas Verdes ou ainda, Dia Santo Verde.

Na data de 06 de agosto quando é lembrada a Transfiguração de Nosso Senhor, o ritual da Benção das Frutas é destaque entre os fiéis da Igreja Greco-Católica Ucraniana de rito bizantino. Essa benção, em destaque na Figura 28, simboliza a manifestação da natureza e a bondade de Deus através de frutos como o alimento e o sustento do corpo.

FIGURA 28: Ritual da Benção de Frutas



FONTE: A autora.

Representando o agradecimento da colheita, a bênção das frutas ainda é um ritual praticado pelos fiéis da Paróquia de São Josafat. Nas áreas rurais, além das frutas os descendentes de ucranianos que são pequenos produtores agrícolas também levam sementes para serem bentas, como explica o Senhor Antonio Muzeka: *“Não é só fruta que benzemos. Até levamos sementes, pois tudo o que abençoado tem valor. E as cascas dessas frutas não dá prá jogar em qualquer lugar. Joga no quintal ou na roça. É bento! E isso vai ajudar”*⁹¹.

Vinculados ao trabalho agrícola, esses rituais de bênções demonstram a religiosidade dos descendentes de ucranianos pautada em crenças que desenvolvem sentimentos de proteção e de confiança vivenciadas na ritualidade.

No dia 15 de agosto, conforme o calendário litúrgico ocorre a bênção das flores durante a Festa Cristã de Assunção de Maria Santíssima. (Figura 29).

Para homenagear Maria, os fiéis confeccionam ramalhetes de flores que são bentos nesse dia santificado. Essas flores são levadas para suas casas e depositadas nos altares de santos e também conforme a crença podem ser queimadas na defumação das casas e/ou usadas com fins curativos e de proteção.

FIGURA 29: Ritual da Bênção de Flores



FONTE: Marcelo Michalichen – MCM Fotografias

⁹¹ Entrevista realizada pela autora no dia 23 de fevereiro de 2014.

Além das mais variadas flores, é comum entre os fiéis que participam desse ritual, incluir outras plantas e ervas nos ramalhetes. Ao falar sobre esse ritual que encerra o ano litúrgico da Igreja Ucraniana de Rito Bizantino, a catequista Nadir Vozivoda, relembra:

Quando você chega na Igreja no dia 15 de agosto é um cheiro de todos os tipos de flores que se imagina! Um traz ervas para fazer chá durante o ano. Outro traz flores para jogar no fogo quando vem uma tempestade. Outro acende as flores já secas para aromatizar a casa. Então tem de tudo nesses ramalhetes. É claro que predominam flores, mas tem de tudo porque demonstra o vínculo com a vida. São elementos da natureza e o povo ucraniano tem muito isso: reconhece Deus na natureza.⁹²

Todos esses rituais de bênçãos são praticados pelos fiéis descendentes de ucranianos como forma de expressão da fé. Percebe-se que existe, entre eles, um sentimento de união, pertença e de identidade, mesmo que a convivência com outras culturas e grupos sociais seja constante.

Vale lembrar que quando culturas distintas convivem num mesmo espaço e tempo, como ocorreu com os imigrantes e ainda ocorre com os descendentes de ucranianos, algumas práticas religiosas se modificam e geram a desconstrução e a reconstrução dessas representações do sagrado.

Em visita a uma das mais antigas comunidades de imigrantes ucranianos em Prudentópolis, denominada Linha Nova Galícia, - em alusão à região da Ucrânia de onde emigrou um grande número de ucranianos para o Brasil no final do século XIX e início do século XX, - é constante ouvirmos dos fiéis que participam dessas cerimônias religiosas, relatos sobre os efeitos e os poderes que as bênçãos exercem sobre a natureza, sobre a vida e sobre os afazeres desses sujeitos.

Dirigindo-se à sala da casa - onde está posta uma mesa como altar principal de orações - além dos quadros de santos presos a uma das paredes da sala, - sobre a mesa estão dispostas várias imagens de santos, terços, flores e velas bentas. O Senhor Josafat Muzeka, 73 anos e descendente de segunda geração de imigrantes ucranianos, explica que este lugar é o principal da casa e que todos os dias, ao se levantarem no amanhecer do dia, antes de qualquer atividade doméstica, fazem orações em ucraniano com uma das velas bentas acesa.

No quarto do casal, em uma das paredes, está pendurado sobre um prego, um ramo de folhas de palmeira e flores secas que foram bentas na data santificada a Assunção de Nossa Senhora no dia 15 de agosto de 2013. (Figura 30).

⁹² Entrevista realizada pela autora em 29 de julho de 2014.

FIGURA 30: Ramos bentos usados no decorrer do ano pelos fiéis como símbolo de proteção



FONTE: A autora.

Questionado sobre esses ramos de flores e sobre a importância dos rituais de bênçãos, o Sr. Josafat Muzeka, diz:

*Olha aqui, onde as flores secas estão penduradas. Com elas secas, colocamos no fogo quando vem uma “tromenta”. (tempestade) Às vezes colocamos num prato e passamos em todos os quartos, fazendo orações, defumação.*⁹³

Quando perguntado do significado, da representação desse ritual, ao invés de uma resposta, ele questiona: “o que nós somos sem Deus? Me conte ?... É a fé. Fazemos por proteção”..⁹⁴

Acreditando que tudo o que é abençoado torna-se símbolo de proteção contra tempestades ou qualquer outro desastre natural, os fiéis usam as velas e as flores como relíquias sagradas no interior de suas casas. Existe uma continuidade e uma ligação simbólica entre a Igreja - local onde ocorrem as bênçãos - e a casa desses fiéis - local onde os objetos abençoados serão utilizados. Essa continuidade é perceptível na utilização daquilo que é bento e que, na crença desses fiéis, torna-se sagrado e necessário em períodos e momentos considerados perigosos.

⁹³ Entrevista realizada pela autora em 23 de fevereiro de 2014.

⁹⁴ Entrevista realizada pela autora em 23 de fevereiro de 2014.

Assim, as práticas pré-cristãs, o cristianismo, as crenças e os rituais de bênçãos se entrelaçaram num todo complexo de costumes populares vinculados à natureza e a etnicidade que resultou um mundo de vivências marcado pela religiosidade, por costumes e por tradições inventadas. Os discursos instituídos e as práticas sociais que “visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ [...] marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade”, (CHARTIER, 2002, p. 73) tornam-se evidentes entre os fiéis ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis. Mas, ao considerar que as práticas não estão isentas de ressignificações e que os discursos sobre elas são acionados a partir de representações construídas nas relações sociais estabelecidas entre instituições e sujeitos, como também, nas relações com o outro, com o diferente, na alteridade, é necessário avaliar as tensões e os conflitos presentes em todo esse complexo mundo religioso. E esse será o nosso objetivo no capítulo quatro, quando nos propomos a analisar os conflitos identitários surgidos a partir das traduções dos rituais e das cerimônias religiosas da língua ucraniana para a língua portuguesa que ocorreram no período de 1990 a 2014.

A língua e a religiosidade, vivenciadas nos rituais de bênçãos, são apresentadas como elementos de unicidade e etnicidade entre os descendentes de ucranianos. Mas, a partir das traduções, passam a ser discutidas como elementos de dissidências, tensões e conflitos dentro do próprio grupo, fazendo com que as identidades desses sujeitos oscilem entre o tradicional e o moderno, entre as forças endógenas e as forças exógenas, entre o “crer” e o “ser”.

4. ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: AS TRADUÇÕES RITUAIS E AS TENSÕES DA IDENTIDADE ÉTNICA

Vozes de estranho som se alteiam em meu canto.
 Vibram-me dentro d'alma almas que não são minhas.
 Atrás de mim, vozeia e tumultua,
 Anseia e chora, e ri, arqueja e estua
 A imensa multidão dos ancestrais,
 Que me bate e rebate, inexorável,
 Como o oceano em ressaca açoita o cais.
 (A Voz das Raízes, Helena Kolody, 1995, p. 178)

Analisar as tensões e os conflitos presentes num complexo mundo religioso onde os rituais de bênçãos praticados pelos descendentes de ucranianos estão vinculados a um calendário litúrgico próprio e a uma língua particular, nos faz perceber que a religiosidade desses indivíduos está pautada em representações construídas e reconstruídas na alteridade. Reafirmando a identidade étnica através da língua ucraniana e do rito bizantino adotado nas cerimônias religiosas, esses sujeitos estabelecem diferenças e particularidades em suas crenças que atuam como elementos de identificação entre os que fazem parte da Igreja Greco Católica Ucraniana e os que estão excluídos dela. Nesse contexto, a religiosidade praticada por esse grupo está alicerçada na diferenciação étnica frente aos demais grupos sociais, bem como, na reafirmação de uma cultura religiosa.

Em âmbito cultural, o rito bizantino pode ser explicado como um conjunto de práticas rituais que expressam a religiosidade de um grupo étnico e sendo assim, o rito é concebido como uma ação coletiva que reproduz e conserva uma tradição inventada e voltada a um passado comum. Portanto, os rituais religiosos dos descendentes de ucranianos que são sustentados pelo uso da língua ucraniana e por um calendário litúrgico particularizado em dias santificados e em crenças diferenciadas, faz com que o rito atue como elemento de identificação e de unificação entre os fiéis que participam dele. O rito torna-se um meio de propagar e de perpetuar práticas religiosas tidas como tradição, pois as palavras que são ditas e ouvidas, os gestos que são realizados e vistos se constituem em comunicações aprendidas, interpretadas e reproduzidas entre as gerações. São momentos compartilhados que integram e reafirmam a identidade étnica desse grupo.

Mas, além do rito ser considerado um elemento identificador e unificador de uma cultura, ele atua como uma ação ordenada e orientada para um determinado objetivo. Por isso, os rituais associados à etnicidade e à religiosidade de um grupo social passam a ser compreendidos como “ações” que adquirem um significado particular dentro da tradição de

uma religião, fazendo com que as pessoas busquem no rito religioso a mediação entre o natural e o sobrenatural.

Entretanto, como toda ação é passível de modificação, conforme nos aponta Vilhena (2005, p. 22) “os ritos não são imutáveis”. Eles podem ser transformados no decorrer da história desse grupo étnico.

Conforme as circunstâncias e as necessidades sociais, novos ritos podem ser criados, ou *re-criados* ou *re-significados*, e outros ainda podem desaparecer quando não tiverem mais sentido para uma comunidade ou para a sociedade em geral. O rito situa-se, portanto, na articulação entre tradição, memória, conservação e transformação. (VILHENA, 2005, p. 22 e 23).

E essas transformações nos rituais que fazem parte do conjunto de práticas religiosas dos fiéis da comunidade ucraniana de Prudentópolis são perceptíveis, sobretudo, a partir da década de 1990.

De origem inicialmente rural, essa comunidade é tensionada pela convivência entre o que é considerado tradicional em confronto com o que é tido como moderno nas sociedades atuais. Habitados a vivenciar a religiosidade greco-católica de rito bizantino sempre utilizando a língua ucraniana nas cerimônias religiosas e realizando rituais sagrados vinculados à natureza e ao cultivo da terra, os descendentes de ucranianos são defrontados com novas situações impostas pela modernidade. E a tradução das orações para a língua vernácula, bem como as exclusões e adaptações de cerimônias e rituais de bênçãos estão inseridas neste contexto marcado pelo confronto entre o tradicional e o moderno.

Influenciada pelas transformações que ocorrem num mundo de globalizações onde as relações sociais se intensificaram, sobretudo, nas três últimas décadas, a identidade étnica ucraniana ancorada na língua e na religião é desafiada a conviver com reformulações identitárias que oscilam entre o que era habitual, rotineiro e regular e o que é considerado novo, variável e atual. O que é visto e tido como tradicional onde os padrões religiosos dos imigrantes são repetidos e repassados de uma geração para a outra, na modernidade tornam-se dilemas culturais. E esses embates são evidenciados principalmente nas tensões familiares onde as novas gerações de descendentes negociam constantemente a sua identidade étnica frente ao novo, ao diferente e ao que é imposto pela cultura dominante. Essas identidades tensionadas fazem com que os indivíduos não se encontrem mais com “uma identidade fixa, essencial e permanente” (HALL, 2006, p.12). À medida que a identidade étnica é confrontada com novos valores, símbolos e sentidos elaborados nas relações com outras pessoas, surgem novas identidades, que nas palavras de Hall (2006, p.13) tornam-se contraditórias, variáveis e deslocadas. E como as identidades, tanto coletiva como individual, são formadas e

transformadas na interação social, tanto os sujeitos como as instituições sofrem a interferência das mudanças que ocorrem na sociedade.

Caracterizada por um intenso e constante processo de interação entre os mais diversos grupos, a sociedade atual, bem como os indivíduos que fazem parte dela, são influenciados culturalmente pelo mundo externo e globalizado. “Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares. [...] Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão” (VELHO, 2003, p. 39). Essa tensão vivenciada entre os dois mundos - local e global – rearticula as identidades dos sujeitos. E os moradores das pequenas comunidades urbanas e rurais, como é o caso dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis, também estão inseridos neste contexto globalizado de transformações. Quando se refere à diversidade gerada por esse complexo processo, Santos, (2011, p, 11) afirma:

Esta diversidade faz com que o impacto nas estruturas e práticas nacionais e locais, aparentemente monolítico, seja, de fato, muito contraditório e heterogêneo, já que, em cada uma das áreas da vida social, é o produto de uma negociação conflitual e de resultados relativamente indeterminados entre o que é concebido como local ou endógeno e o que é concebido como global ou exógeno, entre rupturas e continuidades, entre novos riscos e velhas seguranças, entre mal-estares conhecidos e mal-estares desconhecidos, entre emergências e inércias.

Assim, o termo globalização que pressupõe igualdade ou aproximação, contribui para desenvolver processos contraditórios e desiguais. As tensões entre o local e o global provocam constantes reconfigurações identitárias. E os sujeitos e as instituições são moldados a partir dessas tensões, pois gravitam entre forças externas (globais) e forças internas (locais), fazendo com que suas identidades não se encontrem mais unificadas socialmente. Assumem identidades múltiplas e mutáveis como se fossem personagens ou atores de uma constante encenação teatral.

4.1. RITUAIS DE BENÇÃOS E DISCURSO RELIGIOSO: ENTRE PERMANÊNCIAS E RESSIGNIFICAÇÕES

As instituições religiosas, enquanto produtoras de discursos e inseridas nesse contexto de tensões e negociações, também sofrem reconfigurações e remodelações evidenciadas em suas práticas religiosas. A Igreja não é impermeável às novas demandas da sociedade e por isso, sofre interferências sociais que são perceptíveis na reelaboração de seus discursos e de suas ações frente a uma nova concepção de mundo. E a renovação do discurso

religioso da Paróquia de São Josafat é perceptível a partir de mudanças e redefinições das práticas rituais realizadas por essa instituição religiosa com o aval da Eparquia de São João Batista.⁹⁵

A partir da década de 1990, a referida paróquia passou a adotar o uso das traduções da língua ucraniana para a língua portuguesa na liturgia e posteriormente, em alguns rituais de bênçãos que fazem parte do rito bizantino. Nesse contexto, vários rituais religiosos realizados na língua ucraniana foram excluídos do Trébnek (Eucolégio – Formulário de Orações e Sacramentos) quando traduzidos.

Todas as celebrações que até então eram realizadas somente na língua ucraniana nas igrejas e capelas vinculadas à Paróquia de São Josafat, passaram a acontecer nas duas línguas: a liturgia era celebrada em ucraniano e a homilia em português. Essa associação dos dois idiomas ainda ocorre na maioria das cerimônias religiosas, mas as celebrações totalmente traduzidas para a língua vernácula, por oposição de muitos fiéis, só foi adotada nos anos posteriores.

Ao explicar alguns motivos que levaram às traduções e também ao analisar os problemas que essa decisão gerou entre os fiéis, o padre Soter Schiller, liturgista que coordena a comissão eparquial responsável pelas traduções, comenta:

*Isso acarreta problemas. Numa hora em que se vive esse momento de transformações... Já são cento e poucos anos de história aqui no Brasil, né? A realidade vai mudando. Vêm novas gerações que já não entendem a língua. Isso de certa forma cria um problema para a própria igreja. Como você vai atender a todos? Porque afinal de contas você não pode ferir uma consciência das gerações mais velhas.*⁹⁶

Conscientes da impossibilidade de separar a religião das interferências políticas, econômicas, sociais e culturais, os agentes religiosos, enquanto representantes da igreja, instituição que coordena as adaptações e modificações sobre o discurso religioso ou sobre a forma de como esse discurso será utilizado, também sente a necessidade de modificar suas práticas de acordo com a própria transformação que a sociedade impõe. E essas modificações estão inseridas num contexto em que os rituais vivenciados pelos primeiros imigrantes e também por descendentes mais idosos não apresentam mais coerência com a nova visão de mundo elaborada na modernidade.

⁹⁵ A Paróquia de São Josafat é vinculada à Ordem de São Basílio Magno, por isso, os sacerdotes são chamados de padres basilianos. Pertencente a então Eparquia de São João Batista, com sede em Curitiba, essa paróquia passou à jurisdição de uma nova Eparquia instituída no dia 12 de maio de 2014 em Prudentópolis com a denominação de Eparquia da Imaculada Conceição.

⁹⁶ Entrevista realizada pela autora no dia 27 de agosto de 2013, em Curitiba.

Enquanto a religião era considerada o sustentáculo de todas as explicações sobre o mundo e sobre os fenômenos naturais ainda não conhecidos e comprovados pela ciência, os rituais de bênçãos geravam entre os fiéis um sentimento de proteção e de consolo perante os problemas enfrentados no cotidiano. O rito era o “lugar” essencial daquela vivência. A ritualidade religiosa e as crenças que embasavam essas práticas, além de justificar acontecimentos não compreendidos racionalmente promoviam um sentimento de unicidade étnico-religiosa e também de identificação entre os membros que partilhavam uma mesma língua e um passado tido como comum. Era um universo construído e alicerçado na religiosidade e na ritualidade, elementos estes, que subsidiavam as relações entre o mundo material e o mundo sagrado, dando sentido às experiências vividas por esses indivíduos. Além de o rito bizantino ser considerado um elemento de articulação entre a vida cotidiana e o sobrenatural as práticas rituais realizadas pelos primeiros imigrantes ucranianos eram tidas como identificadoras e reafirmadoras da identidade étnica do grupo. A religião associada à língua ucraniana e ao rito bizantino sustentava uma visão de mundo.

E essa mesma relação entre a religião, a língua e o rito ainda é identificada pelos fiéis mais idosos e que consideram a língua ucraniana um elemento de manutenção e de preservação dos rituais religiosos ainda praticados pelos descendentes de ucranianos. Mas a partir das traduções desses rituais, essa vivência religiosa é desestruturada, ora na adaptação das orações a uma nova realidade, ora na exclusão de ritos que não demonstram mais plausibilidade frente às transformações do mundo moderno.

Vale lembrar que as mudanças e as rearticulações instituídas pela Igreja, como o fato de traduzir as cerimônias religiosas da língua ucraniana para o idioma português, ou ainda por excluir ou privilegiar a manutenção de alguns rituais, não são somente estratégias de conduta. Tanto os sujeitos como as instituições são tensionados por construções e reconstruções identitárias. A Igreja também enfrenta mudanças, pois é socialmente construída e passa por reconfigurações a partir das tensões evidenciadas nas relações sociais. A Igreja não é imune a essas tensões e redefinições, como afirma Silva, (2000, p.56):

não se pode pleitear a impermeabilidade da instituição eclesiástica e nem a cristalização dos conceitos. O campo oferece muitas possibilidades de avanços estratégicos, desvios táticos e subversões, possibilitando hegemonias temporárias e mudanças. Sob o pretexto de renovação e atualização da “eterna verdade”, o sentido institucional é constantemente redefinido, abrindo novos campos de possibilidades em uma complexa rede de solidariedades.

Assim, a Igreja Greco Católica Ucraniana enfrenta o problema da rearticulação e da reestruturação de seu discurso religioso frente à possibilidade da manutenção ou da tradução do idioma ucraniano nas celebrações religiosas. Além disso, os significados e sentidos dos

rituais religiosos precisam ser remodelados, renovados e reelaborados frente às novas concepções do mundo racionalizado.

Entre os fiéis participantes da Paróquia de São Josafat é comum existir divergência quanto ao uso da língua ucraniana nos rituais de bênçãos. Alguns acreditam que a tradução das orações e da própria liturgia contribui para o entendimento da simbologia e das representações desses rituais aos jovens e crianças que já não são usuários do idioma trazido pelos imigrantes e ainda utilizado pelos sacerdotes, religiosas e por imigrantes e descendentes mais idosos. Mas a tensão entre o *traduzir* e o *manter* a língua ucraniana é sentida principalmente entre os fiéis mais participativos das cerimônias religiosas e que usam o ucraniano como idioma no seu cotidiano, mesmo que numa negociação constante com a língua portuguesa. Esses indivíduos alegam que a tradução faz com que os rituais religiosos percam o “sentido real” e que o sentimento indescritível da religiosidade se esvazia quando realizado na língua portuguesa. E como a ritualidade no sentido religioso “é o espelho no qual se reflete a história e a vivência do homem e de uma comunidade”, (TERRIN, 2004, p. 9) as traduções dos rituais desestruturam sentimentos étnicos e religiosos desenvolvidos e reforçados na alteridade.

Esse sentimento de vinculação entre o rito bizantino e a língua ucraniana é demonstrado na fala da catequista Nadir Vozivoda, de 49 anos. Quando participa de celebrações religiosas na língua portuguesa, a descendente de ucranianos alega que a língua vernácula não expressa o mesmo sentimento étnico e introspectivo como quando vivencia uma celebração na língua ucraniana. E assim, diz: “*Até parece que Deus não me escuta!*”⁹⁷ Percebe-se então, a complexidade de interpretar e explicar os fenômenos religiosos. Eles carregam um mundo imaginativo e emocional de sentimentos que muitas vezes nos parecem ininteligíveis. A relação entre religiosidade, rito e linguagem faz com que as práticas rituais celebradas na língua ucraniana desenvolvam nos fiéis sentimentos que somente podem ser definidos pela experiência vivida. Por isso, o rito bizantino associado às crenças elaboradas e reproduzidas por ele, reflete a experiência do sagrado, ou seja, está relacionado ao mundo metaempírico. Para esses fiéis, as celebrações realizadas na língua ucraniana reafirmam a identidade étnica e o rito associado a essa língua ordena a vida e dá sentido a ela. É a partir do rito que se estabelece a relação entre o mundo natural e o mundo sobrenatural.

Sendo assim, as mudanças, adaptações, reformulações e exclusões dos rituais geram um sentimento de desestruturação de um mundo concebido como regular, organizado e em

⁹⁷ Entrevista realizada pela autora em 29 de julho de 2014.

oposição ao caos. Pois, “o rito coloca ordem, classifica, estabelece prioridades, dá o sentido do que é importante e do que é secundário”. (TERRIN, 2004, p. 19)

A vinculação intrínseca entre o rito bizantino e a língua ucraniana nas cerimônias religiosas é existente, sobretudo, entre os fiéis mais antigos que participam desses rituais. Referindo-se a essas gerações, o Padre Soter diz: “*Para a geração de mais velhos é uma questão de afetividade, de sentimento participar de uma cerimônia ou de um ritual religioso na língua ucraniana*”.⁹⁸ Mas, ao mesmo tempo, o padre demonstra preocupação com as novas gerações de descendentes de ucranianos que também participam das celebrações rituais e que não entendem e nem falam a língua dos antepassados. Sobre isso, o padre questiona: “*E como atender as novas gerações que não entendem a língua?*” E ele mesmo, conclui:

*Então, tentamos o equilíbrio. Os dois aspectos precisam ser levados em consideração. A gente não pode simplesmente ‘pisar em cima’ da tradição, de toda uma história, seja coletiva ou como histórias pessoais. Mas também, tem que ser realista e atender as realidades do momento.*⁹⁹

“As realidades do momento” às quais o padre se refere são relacionadas às rápidas transformações ocorridas e sentidas como consequências do processo das globalizações. Esse período marcado pela urbanização da sociedade, pelo intenso contato e conexão entre pessoas de diferentes lugares e culturas faz com que ocorram, além das interconexões econômicas, políticas, sociais e culturais, a reformulação de suas práticas. Além de estabelecer relações e interações econômicas e políticas entre o mundo inteiro, esse processo é igualmente marcado pela revolução tecnológica e por “novas práticas culturais e identitárias aos estilos de consumo globalizado”. (SANTOS, 2011, p.11). Portanto, o impacto das globalizações atinge a cultura e consequentemente a religião praticada por um determinado grupo ou comunidade.

Sendo assim, a partir da década de 1990 por solicitação de fiéis e sacerdotes de algumas comunidades ucranianas, a comissão eparquial formada por liturgistas e teólogos da Igreja Greco Católica Ucraniana de rito bizantino, iniciou os trabalhos de tradução da divina liturgia de São João Crisóstomo e posteriormente dos rituais de bênçãos, adotados pela referida igreja. Mas além das traduções essa comissão eparquial acabou privilegiando alguns rituais e excluindo outros.

Essa decisão eparquial de traduzir as cerimônias religiosas e também de excluir alguns rituais do Eucolégio gerou dissensos. O fato de que muitos descendentes de quarta ou quinta geração de imigrantes ucranianos não falam e nem entendem fluentemente o idioma trazido pelos seus antepassados fez surgir esse impasse entre o *traduzir* e o *manter* o uso da

⁹⁸ Entrevista realizada pela autora em 27 de agosto de 2013, em Curitiba.

⁹⁹ Entrevista realizada pela autora em 27 de agosto de 2013, em Curitiba.

língua ucraniana nas cerimônias religiosas. Mas além dessa justificativa usada pela Igreja, era visível a necessidade de readequar práticas rituais que não são mais consideradas plausíveis num mundo tão racionalizado. Aqui, percebemos um ponto que revela as tensões identitárias a partir das relações sociais. Os descendentes mais jovens a quem nos referimos anteriormente vivem ao mesmo tempo em dois mundos diferentes. Oscilam entre as forças centrípetas, aqui entendidas como as regras familiares, o uso da língua materna, a religiosidade, os preceitos morais, as tradições étnicas e o mundo local, em constante confronto com as forças centrífugas, evidenciadas na convivência com amigos de escola ou de trabalho que não são descendentes de ucranianos, na influência dos meios de comunicação e nas relações com um mundo tecnológico tido como moderno e globalizado. Essas tensões revelam a reconfiguração das identidades desses indivíduos. E a comunidade ucraniana de Prudentópolis não está isenta dessas influências externas.

Apesar de o município ser territorialmente formado por uma maioria de pequenas propriedades rurais distribuídas em regiões agrícolas, o êxodo para a área urbana, sobretudo, a partir da década de 1980 é evidente. Diversos colonos, como são denominados os moradores das linhas coloniais de Prudentópolis, abandonaram o trabalho agrícola em busca de emprego na cidade. E entre eles, os jovens constituem o número mais elevado. Em busca de novas oportunidades de trabalho e de estudos, esses jovens descendentes de ucranianos, em diversos casos, deixaram suas famílias e se afastaram do mundo étnico e religioso construído em âmbito familiar. E ao mesmo tempo, passaram a conviver com novas realidades construídas e tensionadas entre o que é dito e o que é praticado, entre o crer e o ser.

Esse desligamento da religiosidade vinculada à língua ucraniana e aos rituais que fazem parte de um mundo religioso concebido e reafirmado no rito bizantino promoveu (e continua a promover) novas significações e representações acerca dos rituais de bênçãos. Ao explicar que participa dos rituais de bênçãos sempre que é possível, a jovem Bruna Lupepsa Latyki de 21 anos destaca que todas essas cerimônias religiosas tem importância para ela, mas que as práticas de rezar e benzer não tem os mesmos significados descritos pelos seus pais.

*Esses rituais de benzer tudo, para mim, não tem muito significado. É mais por tradição. Depois que eu comecei a estudar mais, depois que eu comecei a faculdade, eu acho que muita coisa no meu entendimento mudou. Nossa! Como mudou. Eu comecei a me questionar muito sobre religião.*¹⁰⁰

A antiga visão de mundo localizada e reafirmada na religião é confrontada com a construção de uma nova concepção de mundo marcada pelo relativismo e sustentada pela cientificidade. Assim, esses jovens vivenciam experiências em um mundo interiorizado e

¹⁰⁰ Entrevista concedida a autora em 30 de junho de 2014.

concebido na família e na igreja, e ao mesmo tempo, num mundo exteriorizado e vivenciado nas novas relações sociais estabelecidas com outros sujeitos e instituições. Essa negociação tensionada entre o mundo religioso e familiar com um mundo que escapa dessas influências é perceptível, quando a entrevistada Bruna Lupepsa Latyki, fala:

*Mas, mesmo me questionando sobre essas práticas religiosas, eu nunca abri mão de fazer essas coisas, como tomar a água benta. Eu acho que é muito de fé, de crença. E como a gente preservou até hoje eu acho que vou continuar.*¹⁰¹

Esse afastamento do mundo familiar e também do mundo étnico-religioso onde a língua ucraniana e o rito bizantino eram centrais na vida dos jovens até quando estes estavam inseridos em suas comunidades é evidente quando as relações sociais se intensificam a partir do contato com indivíduos que não tem vinculação étnica com o grupo ucraniano. Ainda que o isolamento e a coesão do grupo étnico nessas comunidades sejam reforçados pelo controle da família e da igreja que impõem sobre os jovens, regras de convivência e de manutenção da etnicidade, muitos deles abandonam o grupo social com o qual se identificam, ora por opção, ora por necessidade.

Referindo-se aos jovens que deixaram o trabalho agrícola nas áreas rurais em busca de novas oportunidades de emprego e de estudos em áreas urbanas, o descendente de imigrantes, Antonio Muzeka fala: *“Veja! Se às vezes, um jovem da comunidade vai para a cidade, se encontra com outros jovens lá, fazem amizade... Ele perde a nossa língua. Bem isso mesmo! Porque os companheiros vão falar em brasileiro e daí, é claro que perde”*.¹⁰² Ao alegar que esses jovens “esqueceram suas raízes”, quando abandonaram a língua ucraniana e muitas vezes a própria religiosidade do rito bizantino, o entrevistado justifica que esta situação se deve ao fato de que os pais já não exercem autoridade sobre seus filhos. Mas também, é claro ao enfatizar que na comunidade da qual ele faz parte, a religiosidade é preservada, os rituais de bênçãos continuam sendo praticados e a língua ucraniana é usual entre idosos, jovens e crianças, tanto na igreja como no convívio familiar. E assim, diz: *“Às vezes, o pai não tem mais o poder sobre o filho, mas graças a Deus que está muito bonito na nossa comunidade... Até aqui, está indo tudo como é prá ser, sabe”*.¹⁰³

Certamente o relacionamento com os filhos adolescentes e jovens que escaparam do controle familiar, sobretudo, através da escola e do trabalho é marcado por um foco de tensão. E essa relação tensionada é perceptível também nas práticas religiosas. Mesmo que as representações dos rituais de bênçãos sejam reelaboradas e ressignificadas a partir de uma

¹⁰¹ Entrevista concedida a autora em 30 de junho de 2014.

¹⁰² Entrevista realizada pela autora em 23 de fevereiro de 2014, na comunidade de Nova Galícia, Prudentópolis.

¹⁰³ Entrevista realizada pela autora em 23 de fevereiro de 2014, na comunidade de Nova Galícia, Prudentópolis

nova concepção de mundo onde buscam explicações racionais para suas vivências, estes jovens continuam participando das cerimônias religiosas, mas agora, atribuindo a elas, significações diferenciadas. Nessa relação dialética entre sujeito e sociedade onde ao mesmo tempo ele transforma e é transformado, os jovens rearticulam suas identidades étnico-religiosas e as apresentam com um novo sentido simbólico que gravita entre crenças e tradições.

Ao indagarmos os padres entrevistados sobre os motivos que levaram à exclusão e à redução de algumas orações de bênçãos quando o Trébnek foi traduzido para a língua portuguesa, todos eles utilizaram justificativas semelhantes. O Padre Tarcísio Zaluski explica que algumas orações e bênçãos que não constam no formulário traduzido, como as bênçãos das flores, dos frutos e das lavouras são práticas mais localizadas e particularizadas. Acontecem com mais frequência e tem maior significado para os fiéis das áreas rurais ou de pequenas áreas urbanas, pois são bênçãos relacionadas ao cultivo terra, à natureza.¹⁰⁴ Da mesma forma, o Padre Soter diz que o Eucológio precisa ser retomado. As traduções contemplaram as orações mais essenciais e alguns rituais de bênçãos ainda precisam ser traduzidos e incorporados nesse formulário. Alega que as bênçãos relacionadas à terra são muito extensas e mais particularizadas. Mas também explica que “é um trabalho a ser feito. Foi uma primeira tentativa e se recolheram coisas mais essenciais”.¹⁰⁵ Enfatizou que a Igreja Ucraniana está esperando mudanças a partir de suas autoridades eclesiásticas:

*É necessária uma reforma no rito dos sacramentos e isso temos em vista que nos Sínodos da Ucrânia vão elaborar. Por exemplo: o rito do batizado, na verdade é adaptado. Porque o rito original, que está nos livros, nos Trébnek, é batismo de adulto. As perguntas que se faz para aquele que é batizado supõe-se que é um adulto que já pode responder. O juramento que ele faz de renúncia ao mal, a promessa de se unir a Cristo, o dar a vela benta, também se dirige a ele. Então não há um ritual próprio para crianças ainda.*¹⁰⁶

As adaptações e alterações em vários rituais de bênçãos são colocadas como necessárias para adequar essas celebrações a uma nova realidade que se impõe. Mas é perceptível nos discursos da igreja que essa necessidade não está relacionada somente às questões da língua ucraniana e da tentativa de manter a etnicidade identificada no rito bizantino. O processo de secularização da sociedade fez com que muitas práticas rituais vinculadas à religiosidade perdessem plausibilidade. Não existem explicações racionais para que tais ritos continuem a ser praticados e acreditados. E as instituições religiosas como forma de enfrentamento e até de legitimação social precisam se reelaborar e também modificar os

¹⁰⁴ Informação fornecida pelo Padre Tarcísio em entrevista realizada no dia 21 de junho de 2013.

¹⁰⁵ Entrevista concedida a autora em 27 de agosto de 2013, em Curitiba.

¹⁰⁶ Entrevista concedida a autora em 27 de agosto de 2013, em Curitiba.

seus discursos. São estratégias de sobrevivência e de conservação dos universos simbólicos baseados na religião frente a novos valores impostos pela racionalidade moderna.

Esta necessidade de reelaboração e permanente adaptação do universo simbólico torna-se ainda mais urgente nos momentos em que, em sociedades complexas, surge a possibilidade da existência de universos simbólicos alternativos, potencialmente competidores. Nesse contexto, muitas vezes não basta adaptar o conjunto de significações às novas configurações sociais, restituindo-lhe a plausibilidade. Muitas vezes a disputa é decidida em função dos instrumentos de poder disponíveis a este ou aquele grupo, o que pode levar à liquidação dos grupos concorrentes. (SILVA, 2000, p. 43)

Essas mudanças ou reelaborações dos significados de um universo simbólico abalam as estruturas que sustentam a identidade étnico-religiosa dos descendentes de ucranianos. Algumas bênçãos praticadas pelos fiéis, antes das traduções, eram marcadas por rituais carregados de crença no exorcismo, como a bênção das lavouras e sementes, já descrita no capítulo 3. Mas, num novo contexto, onde rituais religiosos não são mais aceitos como práticas coerentes de um mundo racional, para que a instituição continue mantendo a legitimidade de suas ações e a interferência na vida dos seus fiéis é necessário readaptá-los num novo discurso que seja plausível de aceitação. E como explica o Padre Tarcísio Zaluski:

*O exorcismo hoje não se aceita tanto. Um pouco por influência do Concílio Vaticano II e um pouquinho por aquela prudência pastoral. Não há motivo de rezar por certas coisas que a gente acredita que não influenciam em nada. Antigamente certos fenômenos da natureza o povo não sabia explicar. E então, pensavam que tudo era obra de Deus. Algumas coisas que atualmente nós sabemos que são fenômenos da natureza, não se coloca muito isso, nas orações. Se pede à Deus a bênção e pronto.*¹⁰⁷

Os rituais de bênçãos da água, das flores, das velas, dos alimentos, das lavouras e sementes, das frutas e dos falecidos continuam sendo realizados, ora na língua ucraniana ou em negociação com a língua portuguesa. Mas as representações desses rituais pré cristãos que foram posteriormente cristianizados e incorporados ao calendário litúrgico bizantino sofreram alterações em suas significações. O discurso religioso em torno dessas práticas rituais está associado à tradição e não somente à demonstração de crenças. Mas, para muitos fiéis participantes desses rituais, o ato de rezar e benzer continua tendo significações vinculadas à fé. A crença de que aquilo que é abençoado torna-se sagrado é persistente, principalmente entre os fiéis das áreas rurais. Essa constatação é evidente nas palavras do Senhora Estefanina Muzeka de 76 anos. Ao explicar as representações dos rituais de bênçãos vinculados à natureza, a descendente de ucranianos fala:

Eu levo prá benzer todo tipo de flor. O que tiver eu levo. Levo também plantas da horta. E sabe que quando é preciso, essas plantas do quintal que são bentas, servem

¹⁰⁷ Entrevista concedida autora em 21 de junho de 2013.

*de remédio. Eu tenho fé... Quando vem chuva forte se a gente queimar as flores secas e acender a vela benta, pode saber: a chuva desvia e logo se acalma!*¹⁰⁸

Mesmo com o progresso científico que através de pesquisas, experimentos, investigações e comprovações nos apresentam um mundo explicado pela ciência e não somente pela crença e pela fé, o rito continua sendo reconhecido como um ato de adoração, um caminho ou uma ação para vincular ou aproximar o mundo profano do mundo sagrado. O rito, num contexto religioso é necessário para ordenar a vida cotidiana desses sujeitos, como aponta Terrin (2004, p. 19)

O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível. Se é verdade que o cosmo tem a força de opor-se ao caos, isso se deve ao rito e à sua força organizadora.

As inovações científicas e tecnológicas que passaram a conceber um mundo mais cognoscível contribuíram para que a religião deixasse de ser a única responsável pelas explicações do mundo. E neste contexto, a religião deixou de ser o aspecto cultural que agrega e identifica os indivíduos. Mas, a transferência de explicações sobre o mundo para outros setores não ocorreu na totalidade, pois a religião continua presente na sociedade e nas experiências pessoais de cada indivíduo. E como as instituições religiosas também são tensionadas pela modernidade que impõe negociações constantes entre o que é tradicional ou moderno, entre o “crer e o ser”, a Igreja sente a necessidade de realizar adaptações e modificações no discurso religioso incorporando novos significados, mesmo que sejam distanciados dos signos que eram concebidos anteriormente. Apesar de toda secularização, o fenômeno religioso continua presente no mundo globalizado, ora impregnado por crenças e rituais sagrados, ora explicado pela cultura.

4.2. TRADIÇÃO E TRADUÇÃO: ENTRE TENSÕES E CONFLITOS

Sob a alegação de tornar as orações entendíveis a um maior número de fiéis, a Eparquia Ucraniana permitiu a tradução das cerimônias religiosas, mas deixou explícita a recomendação de seu uso somente nas igrejas e comunidades onde a maior parte dos fiéis não entende a língua ucraniana. Com o objetivo de exercer um controle sobre o uso dos cerimoniais traduzidos e também demonstrando a aceitação das reivindicações de padres e fiéis, na apresentação do formulário de orações denominado Trébnek (Eucológio), o então Eparca Dom Efraim B. Krevey, escreve:

¹⁰⁸ Entrevista concedida a autora em 23 de fevereiro de 2014.

O presente Eucolégio – liturgia dos sacramentos, bênçãos e orações [...] vai ao encontro das solicitações de todos os presbíteros desta Eparquia. Queremos salientar a nossa obrigação de administrarmos os Sacramentos, as Bênçãos e Oraçãoes prioritariamente e em consciência na tradicional língua ucraniana. É nosso sagrado dever preservarmos a tradição. Considerando-se, no entanto, a nossa realidade pastoral podemos utilizar em português. (EPARQUIA UCRANIANA DE SÃO JOÃO BATISTA, 2000. p. 01)

Sabendo que a língua trazida pelos primeiros imigrantes ucranianos não era mais unanimidade entre os fiéis das comunidades de descendentes e também discordando de traduções já realizadas de forma localizada e individual por alguns padres, o mesmo Eparca, declara aos sacerdotes:

Aprovamos em definitivo e recomendamos o uso **obrigatório** do presente EUCOLÓGIO em toda a nossa Eparquia, ficando, conseqüentemente, cancelado e **proibido**¹⁰⁹ o uso de quaisquer traduções e adaptações anteriores. Exerçamos nosso ministério com amor e num espírito de unidade e uniformidade em toda a Eparquia. (EPARQUIA UCRANIANA DE SÃO JOÃO BATISTA, 2000. p.02)

Impondo regras e normas para a utilização das orações traduzidas, a Igreja, enquanto instituição que detém o controle sobre a linguagem autorizada exerce o poder de elaborar e explicitar os discursos instituídos, bem como a forma que estes discursos devem ser utilizados. Esta imposição e controle objetivam que os discursos não sejam somente

compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos. Daí a definição completa da competência como *direito à palavra*, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção. (BOURDIEU, 1983, p. 161)

Mas a recepção dos discursos é subvertida. Mesmo que a instituição produza e controle o discurso, existem tensões entre o que é dito e o que é praticado. Essa situação podemos verificar no depoimento do Padre Atanásio Kupicki de 83 anos que realiza diversos rituais de bênçãos. Alegando que nas traduções oficiais muitas orações foram reduzidas, ou então, excluídas, o referido padre usa traduções próprias para continuar fazendo orações de bênçãos. Não concordando, muitas vezes, com a exclusão dos rituais de exorcismo retirados oficialmente do Trébnek quando da tradução, o padre continua realizando essas práticas religiosas que agora denomina como “orações de libertação”.¹¹⁰ São táticas de subversão frente às imposições da Igreja que atualmente considera desnecessário o uso de orações exorcistas. “Ordenado em 1957 como padre exorcista”,¹¹¹ o sacerdote vive o conflito constante entre as imposições da igreja que se remodelou frente a modernidade e as crenças e concepções que ele ainda defende. Vive em um mundo profundamente dependente de valores e crenças constituídos na sua experiência e que orientam as suas ações.

¹⁰⁹ Destaque nosso com o objetivo de relacionar a citação com o pensamento exposto na sequência do texto.

¹¹⁰ Entrevista concedida a autora em 03 de agosto de 2013.

¹¹¹ Entrevista concedida a autora em 03 de agosto de 2013.

Assim, ao aceitar as normas instituídas pela Eparquia da qual ele é membro, o referido padre para ser reconhecido e aceito nessa coletividade, oscila entre as regras impostas e a sua identidade individual. Suas ações devem expressar e reproduzir o discurso institucional reformulado frente às mudanças ocorridas, mas ao aceitá-lo, ele tornar-se o outro, aquele que a instituição define, mas que não consegue exercer um controle sobre suas táticas subversivas adotadas no cotidiano. Ao construir uma representação da sua história, o padre exorcista constrói uma identidade, na qual a sua vida está ligada à tradição de práticas e rituais que não tem mais coerência perante a instituição.

Assim, as modificações e adaptações nas crenças e na forma de como elas devem ser realizadas desestruturam um mundo que se expressa em rituais que sustentam a experiência, o simbólico e o místico, pois “no rito se fundem o *éthos* e a visão do mundo, o ‘mundo imaginado’ e o ‘mundo vivido’”. (TERRIN, 2004, p. 31). Essa convivência tensionada entre o que é imposto e o que é praticado rearticula o modo de conceber o mundo e é perceptível na prática dos rituais religiosos, ora na tradução e na exclusão das orações de bênçãos, ora na prática reapresentada pelos fiéis verificáveis entre as gerações de descendentes, ou então, na tentativa de ainda manter a língua ucraniana nas cerimônias religiosas, como sentimento de pertença.

Referente às traduções, o descendente de ucranianos de 91 anos de idade, senhor Rafael Latyki relata que na comemoração do centenário da imigração ucraniana para Brasil, no ano de 1995, o então Bispo Dom Efraim B. Krevei (in memoriam), comentou com ele que logo tudo o que se rezava em ucraniano seria traduzido. E ele, discordando das traduções, disse: *Cem anos passou bem! Mas se for traduzido, está tudo perdido! Está tudo perdido!*¹¹². Alegando que a identidade ucraniana está relacionada ao uso da língua e também à religiosidade dos imigrantes e descendentes ele reclama das mudanças e reduções dos rituais e cerimônias religiosas ocorridas após o Concílio Vaticano II. Assim, ele diz: *Depois do II Concílio Vaticano eles diminuíram* (referindo-se ao tempo de duração da missa) *porque antes disso, os poloneses estavam batendo o sino para o almoço e nós ainda estava na metade da missa.*¹¹³ Percebe-se assim, que a redução do tempo nas cerimônias religiosas bem como o fato de traduzir esses rituais para a língua portuguesa, na visão dos descendentes mais antigos, ocasiona a perda da identidade étnica, pois a língua e o rito estão associados a ela. Sobre isso o Senhor Demétrio Kolitski comenta que as traduções instituídas pela igreja além de contribuir para o “esquecimento” da identidade étnica dos descendentes de ucranianos

¹¹² Entrevista concedida a autora no dia 12 de agosto de 2013 na Linha Papanduvas de Baixo, Prudentópolis.

¹¹³ Entrevista concedida a autora no dia 12 de agosto de 2013 na Linha Papanduvas de Baixo, Prudentópolis.

também ocasionam o esvaziamento do sentido religioso. Quando perguntado sobre essa vinculação entre a língua, a religiosidade e o rito bizantino, ele responde: *a língua é a parte principal do rito.*¹¹⁴

Mas discordando da vinculação intrínseca entre a língua ucraniana e o rito bizantino, o Padre Eufrém Kréfer, pároco da Igreja de São Josafat explica: *O idioma não é o rito. Você pode traduzir para outro idioma. O idioma em si pode ser mudado, mas o rito permanece.*¹¹⁵

Mas quando ocorrem as traduções dos rituais religiosos consequentemente o rito em si, como ação ritual, é modificado. As expressões e gestos também são traduzidos, pois deixam de expressar o sentimento étnico e religioso que anteriormente era sentido. O rito modificado a partir das traduções, para os fiéis que participam dele, deixa de expressar a relação entre o natural e o sagrado, pois como afirma Oro (2013, p. 31), “o sagrado torna-se reconhecido pelos rituais que o cercam, bem como pelos gestos e atitudes das pessoas”.

Quando questionado sobre as discordâncias entre os fiéis no contexto das traduções, o referido padre busca explicar os motivos dessas mudanças.

*Houve a necessidade, nos anos 90 de traduzir a divina liturgia, a santa missa. Essa necessidade se deu pelo fato do Bispo Dom Efraim, do conselho presbiterial junto com as comissões existentes dentro da eparquia e partindo das comissões litúrgicas e das comissões de catequese terem percebido que uma geração não estava mais entendendo o ucraniano. Não adiantava... Ele ia lá decorar. Não estava entendendo. Então, houve a necessidade da tradução.*¹¹⁶

Essa percepção a partir da igreja demonstra a preocupação em fazer com que os descendentes de ucranianos de quarta e quinta gerações, mesmo não utilizando o idioma materno, continuassem a participar da Igreja Greco Católica Ucraniana. Ao relacionar a etnicidade ucraniana com o rito bizantino, o Padre Eufrém inicia a sua explicação, questionando:

*Por que a pessoa se identifica com o seu rito? E ele mesmo responde: Porque foi criado, foi educado pelos seus pais dentro de uma igreja de rito oriental. E a criança desde pequena aprende a valorizar esse rito e a crescer na fé dentro das celebrações desse rito. Aí vem a importância de que os pais, mesmo não entendendo mais o idioma, o ucraniano, permanecer no rito. Porque o rito não pode ser trocado. Se nós nascemos e fazemos parte do rito oriental, nós devemos permanecer neste rito.*¹¹⁷

O rito bizantino ao qual o padre se refere consiste em um conjunto de expressões rituais diferenciadas do rito latino pelo calendário litúrgico, por celebrações religiosas, rituais de bênçãos, dias santificados, gestos, símbolos, saudações e crenças particularizadas.

¹¹⁴ Entrevista concedida a autora no dia 05 de junho de 2014 em Prudentópolis.

¹¹⁵ Entrevista realizada pela autora em 11 de julho de 2013.

¹¹⁶ Entrevista realizada pela autora em 11 de julho de 2013.

¹¹⁷ Entrevista realizada pela autora em 11 de julho de 2013.

Durante as cerimônias litúrgicas, as formas de exteriorização da religiosidade dos descendentes de ucranianos são singulares e perceptíveis nos gestos utilizados pelos fiéis como símbolos de fé. O sinal da cruz, gesto cristão católico, para os fiéis da Igreja Ucraniana consiste em unir os três dedos da mão direita como representação da Santíssima Trindade e os outros dois dedos são apoiados na palma da mão. Esse gesto é sempre realizado da direita para a esquerda numa relação com o mundo oriental. Esse gestual, constantemente repetido durante as celebrações religiosas é explicado pela catequista Nadir Vozivoda: “*Nossa espiritualidade é trinitária. Então, é Pai, Filho e Espírito Santo! E sempre fazemos isso, três vezes. O sinal da cruz, três vezes. Tudo é trino! E os dois dedos representam Jesus que foi Deus e Homem. Representam as duas naturezas de Jesus Cristo.*”¹¹⁸ Também faz parte das celebrações religiosas, o uso constante do incenso queimado num recipiente denominado “kadêlo”. O padre celebrante incensa primeiramente os ícones de Jesus e Nossa Senhora que são considerados exemplos a serem seguidos. Posteriormente o incenso é direcionado aos fiéis que durante esse gesto, inclinam suas fronteiras numa confirmação e aceitação do exemplo de Jesus, de Maria e dos santos que estão representados no Iconostáse da igreja. Esse ritual, geralmente acontece no início da celebração e também em alguns momentos da cerimônia religiosa.

Outro diferencial do rito bizantino é a não utilização de instrumentos musicais e de aparelhos sonoros durante as celebrações. Os cantos religiosos são entoados por todos os fiéis participantes somente com o uso da voz. Sobre isso, a catequista Nadir relata:

*Como é o povo que canta, é mais emotivo. As pessoas não se preocupam muito com o espetáculo da melodia, mas querem fazer a expressão espiritual daquilo que estão sentindo. É uma forma mais introspectiva. Por isso nós não usamos tanta música e gestos de exteriorização. Nossa forma de canto e todo o ritual é sempre centrado. É para concentrar e não para dispersar. É para interiorizar. E no rito ocidental é diferente. É exteriorizar. Então, são formas diferentes de fazer uma celebração.*¹¹⁹

Também ainda é comum, entre os fiéis ucranianos e descendentes, o uso de saudações que vinculam etnicidade e religiosidade. A saudação Sláva Issússu Khestú – Slava na Víke (Glória a Jesus Cristo – Glória para sempre) para os fiéis da Paróquia de São Josafat é usada muitas vezes para substituir o bom dia ou boa tarde ou ainda, boa noite, conforme a situação. E a aclamação utilizada após as celebrações pascais, em destaque a Liturgia da Ressurreição de Cristo que ocorre no Sábado de Aleluia, passa a ser relacionada a essa Festa Cristã. O cumprimento passa a ser Xrestós Voskrés – Voístene Voskrés (Cristo Ressuscitou – Realmente Ressuscitou). Assim como, no período natalino a saudação é Xrestós Rachdiatcha

¹¹⁸ Entrevista realizada pela autora em 29 de julho de 2014.

¹¹⁹ Entrevista realizada pela autora em 29 de julho de 2014.

– Slavimo Iohó (Cristo Nasceu – A Ele, saudamos). Toda essa simbologia ritual marcada por gestos e saudações usadas em períodos e dias santificados e específicos do ano litúrgico bizantino, mesmo com as traduções, a Igreja alega que foi mantida.

Nas celebrações religiosas realizadas na língua portuguesa, o rito bizantino continua sendo vivenciado, ainda que com algumas ressignificações e incorporações. Mas a aceitação dessas alterações e também a participação nos rituais traduzidos, não são consensos. Muitos descendentes de ucranianos só participam dos rituais religiosos quando realizados na língua ucraniana. Resistem a essas mudanças provocadas pela modernização e reivindicam a permanência da tradição, pois para os descendentes mais antigos, participar das cerimônias religiosas e dos rituais de bênçãos praticando a língua aprendida com os antepassados é uma maneira de ser ucraniano, é fazer parte de um grupo e se sentir pertencente e vinculado a ele. É reafirmar a identidade étnica em torno da religiosidade. É manter a tradição.

Quando discute o conceito de tradição, Eric Hobsbawm (2012, p. 08) afirma que a tradição é “invenção”. Para o autor, a tradição inventada é um

conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico e apropriado. (HOBSBAWM & RANGER, 2012, p. 08)

Sempre voltada ao passado a tradição de rezar na língua ucraniana é reforçada por alguns depoentes como continuidade de práticas familiares que devem ser repetidas e mantidas. *“Assim como os pais faziam, também os filhos devem fazer. Porque nós ucranianos, o que nós aprendemos devemos passar para os nossos filhos e mais tarde, para os netos Devemos ensinar eles a participar de tudo isso”.*¹²⁰ Mesmo reconhecendo que as relações sociais com o outro, com o diferente se intensificaram na modernidade e que esse processo contribui para a reconfiguração das identidades, estes descendentes buscam referências de ligação com suas raízes étnicas e consideram a religião, um ponto marcante de etnicidade.

Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem o seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social. (HOBSBAWM & RANGER, 2012, p. 8)

¹²⁰ Entrevista realizada pela autora com o Senhor Demétrio Kolitski em 05 de junho de 2014.

E a religião católica de rito bizantino praticada pelos fiéis da Paróquia de São Josafat através de rituais e cerimônias singulares, remete a um passado vinculado à imigração. Considerada como herança dos antepassados, essa religiosidade relacionada à língua ucraniana é concebida por parte dos descendentes de ucranianos como tradição que deve ser preservada e praticada, mesmo que com incorporações de elementos constitutivos de uma nova realidade que se impõe. Sobre essa tentativa de manutenção da identidade étnica através da língua e da religião vários descendentes de ucranianos defendem a continuidade do uso da língua ucraniana nas cerimônias religiosas. Isso pode ser constatado no depoimento do senhor Demétrio Kolitski. O descendente de terceira geração, ao ser questionado sobre sua concordância ou contrariedade nas traduções, contesta:

*Olha, os antigos padres batalhavam muito nessa parte e forçavam o povo a participar da igreja e hoje em dia não tanto quanto aqueles. Eles queriam preservar tudo, segurar, manter e não perder tudo isso: a religiosidade dos ucranianos, da igreja, de tudo. E hoje em dia uma coisa que os padres estão perdendo, esquecendo, é a língua ucraniana.*¹²¹

Preocupados com essa situação de discordância nas traduções, os padres que realizam as cerimônias religiosas e atuam como produtores de discursos nas igrejas e capelas pertencentes à Paróquia de São Josafat buscam conciliar o uso da língua ucraniana e da língua vernácula nas cerimônias e rituais religiosos. Alternam as orações e bênçãos usando os dois idiomas, como nos fala o Padre Tarcísio Zaluski:

*Eu geralmente faço misturado porque existem pessoas de idade que gostam de ouvir o ucraniano. Então eu faço assim e um pouco assim. Até quando eu falo o sermão, eu sempre introduzo umas frases em ucraniano também, porque tem gente que gosta. Não gosta que a gente fale somente em português. Os antigos... eles se acostumaram assim. E até os jovens. Até os jovens, muitos deles, gostam de ouvir uma ou outra palavra, uma ou outra frase em ucraniano.*¹²²

Também é importante lembrar, que nem todas as Igrejas que congregam a Paróquia de São Josafat adotaram a prática das cerimônias religiosas traduzidas para o português. Muitos padres que atendem os fiéis dessas comunidades interioranas, distribuídas nas Linhas Coloniais do Município, continuam praticando somente o uso da língua ucraniana nas cerimônias religiosas, inclusive nos rituais de bênçãos. Isso se deve ao fato de que a religião vinculada a linguagem, ainda sustenta um sistema de comunicação que compõe valores simbólicos e étnico entre os descendentes que conhecem e usam o idioma ucraniano no cotidiano. Considerando que a língua ucraniana “é um elemento indispensável pelo que ela expressa na celebração e também porque é a identidade do povo, ela tem que ser conservada. Por isso, a tradução precisa ser muito bem pensada. Ela tem que ser coerente para não gerar

¹²¹ Entrevista concedida a autora no dia 05 de junho de 2014 em Prudentópolis.

¹²² Entrevista realizada no dia 21 de junho de 2013 em Prudentópolis.

o esvaziamento das celebrações”.¹²³ Ao explicar esta opinião, a descendente de ucranianos, Nadir Vozivoda, se refere às traduções já realizadas e argumenta que elas não podem ser utilizadas em todas as cerimônias religiosas. Tanto que na Igreja Matriz de São Josafat (visualizada na Figura 31) que congrega as demais igrejas e capelas da Paróquia, somente uma das missas dos finais de semana é realizada em português. As demais celebrações ocorrem com o uso tradicional e habitual da língua ucraniana.

FIGURA 31: Igreja Matriz de São Josafat após restauração em 2011.



FONTE: Acervo da Gráfica Prudentópolis – Padres Basilianos

Assim, a Igreja tenta conciliar resistências e mudanças.

Referente às tentativas de conciliação e também enfatizando a necessidade das traduções num contexto em que a língua ucraniana não é mais entendível para um grande número de fiéis, a descendente de 68 anos, Nadia Morskei Stasiu, integrante da equipe litúrgica da divina liturgia traduzida, opina:

as traduções são necessárias e vieram em boa hora porque a juventude não estava mais tão presente na Igreja. Eles estavam indo, alguns na Igreja Latina, outros não estavam indo e outros ainda, iam só por ir. Porque se a pessoa não entende o que

¹²³ Entrevista realizada no dia 29 de julho de 2014.

*está ouvindo, só pela fé não vai adiantar. Ela tem que entender o sentido daquilo que está falando porque ela tem que estar em conexão com Deus.*¹²⁴

Ao demonstrar a preocupação com o resgate dos jovens que estavam deixando de frequentar os rituais religiosos pelo empecilho da língua ucraniana, a entrevistada deixa transparecer que um dos objetivos das traduções é recuperar o número de fiéis que se afastaram da Igreja Ucraniana. Isso também ficou evidente nas palavras do Padre Eufrém quando destacou que muitos descendentes de ucranianos *“já estavam aderindo à igreja do rito latino e deixando a sua igreja, porque não entendiam nada”*.¹²⁵

Mas o impasse em utilizar as celebrações traduzidas ou manter os rituais religiosos na língua ucraniana foi sentido, sobretudo, nas igrejas da área urbana, pois na maioria das comunidades rurais, o idioma trazido pelos antepassados ainda é constantemente adotado. A língua ucraniana ainda é usual no cotidiano desses descendentes que estabelecem uma relação intrínseca entre a identidade étnica e a religiosidade. Sendo assim, a Igreja manteve o idioma ucraniano nas celebrações conforme o que preconizava as orientações do Bispo Dom Efraim ao apresentar o formulário de sacramentos e orações traduzido pelos liturgistas da então Eparquia de São João Batista. Sobre esta situação, o pároco da Paróquia de São Josafat explica:

*Nas comunidades do interior ainda se reza em ucraniano. As crianças ainda tem catequese em ucraniano. Os jovens falam o ucraniano. Então, seria um crime nós introduzirmos o português nas celebrações. Seria destruir o que eles têm de mais valioso. Após 120 anos de imigração, ainda se mantém.*¹²⁶

Essa constatação é reforçada nas palavras do senhor Antonio Muzeka, morador da comunidade rural de Nova Galícia, quando é questionado sobre a realização de cerimônias religiosas na língua portuguesa: *“Não! Aqui é tudo em ucraino”*.¹²⁷ E ao relatar que a comunidade considera a igreja como referência para a manutenção da língua ucraniana, o descendente fala: *“Mas aqui, se você for perto da Igreja, você não escuta ninguém falar em brasileiro, sabe. Todo mundo fala em ucraino”*.¹²⁸ Essa demonstração de afetividade e de religiosidade vinculada à língua ucraniana, bem como ao rito bizantino que é diferenciado por gestos, símbolos e orações, fica evidente quando o senhor Antonio Muzeka relata a tentativa de um padre da igreja latina celebrar uma missa na comunidade, utilizando-se da língua portuguesa:

¹²⁴ Entrevista concedida a autora em 24 de julho de 2014.

¹²⁵ Entrevista concedida a autora no dia 11 de julho de 2013.

¹²⁶ Entrevista realizada pela autora no dia 11 de julho de 2013.

¹²⁷ Entrevista realizada pela autora em 23 de fevereiro de 2014, na comunidade de Nova Galícia, Prudentópolis.

¹²⁸ Entrevista realizada pela autora em 23 de fevereiro de 2014 na comunidade de Nova Galícia, Prudentópolis.

*Daí aqui chegou o padre brasileiro para rezar uma missa, sabe. Foi a primeira missa brasileira que saiu na nossa igreja, aqui. Mas, já faz anos, sabe. Mas o que adianta? Nós ia lá e o padre... coitado! Rezava sozinho. Nós não respondia nada, porque nós somos ucranio, sabe. Se perdia tudo, pois não sabia o que o padre estava rezando. Se a missa tava terminando ou se tava começando. Porque em ucranio, é ucranio! A gente sabe tudo!*¹²⁹.

Essa vinculação entre religião, língua e etnicidade não está desarticulada do contexto vivenciado pelos descendentes de ucranianos. Existe uma reafirmação constante da etnicidade ucraniana a partir das diferenças reafirmadas e praticadas por esses sujeitos a partir da relação com o outro. A interação social interétnica é inevitável. Mas, as diferenças reafirmadas nas celebrações religiosas embasadas no rito bizantino e a fixação de símbolos identitários que fundam a crença de uma origem comum, permitem que os descendentes de ucranianos, fiéis participantes da Igreja Greco Católica Ucraniana se identifiquem a partir de suas práticas religiosas. Portanto,

as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes. A interação em um sistema social como este não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos. (BARTH, 2011, p 188)

Nota-se que mesmo tendo ocorrido um processo de construção e transformação identitária a partir das relações sociais com demais grupos, os descendentes de ucranianos ainda tentam manter sua cultura religiosa, que foi aos poucos sendo marcada por ressignificações observáveis nos costumes e práticas religiosas conforme as necessidades ou as dificuldades que se apresentavam. Esse processo de redefinição identitária, inevitável e constante, faz com que nenhuma identidade seja fixa e imutável, e sim, concebida como fruto das modificações culturais que resultam do contato e do convívio entre pessoas de diferentes culturas. E o fato de traduzir as orações e celebrações da língua tradicionalmente usada pelos antepassados para a língua portuguesa, também contribuiu para ressignificar esses rituais religiosos que foram “transportados” para as novas gerações.

Relatando as dificuldades em traduzir essas cerimônias religiosas, o Padre Soter explica que muitas *“expressões que existem na nossa liturgia não tem tradução. Temos grande dificuldade em traduzir porque esse vocabulário não existe. Então, a gente precisa criar um vocabulário”*.¹³⁰ E mesmo assim, concorda que muitas palavras e termos utilizados nas traduções não conseguem expressar o mesmo sentido quando rezadas na língua ucraniana. Além das discordâncias com as traduções, o padre alega que os fiéis que entendem a língua

¹²⁹ Entrevista realizada pela autora em 23 de fevereiro de 2014 na comunidade de Nova Galícia, Prudentópolis.

¹³⁰ Entrevista realizada pela autora no dia 27 de agosto de 2013, em Curitiba.

ucraniana preferem participar das celebrações nesse idioma por questões de afetividade e identificação com a língua e com o rito. Mas além dos descendentes que não sabem esse idioma e que concordam e solicitam as traduções, existem muitos descendentes que não falam e nem entendem a língua ucraniana, mas por estarem habituados a sempre rezar e benzer em ucraniano não concordam com essas alterações e adaptações. Assim, o padre Soter explica:

Entre os que entendem e os que não entendem o ucraniano, tem um terceiro grupo: Não entende nada do que está rezando e cantando, né? Mas aprendeu de cor, decorou. Isso vem desde criança. Ele aprendeu. Então, ele está muito aferrado àquilo. É mais pelo lado estético, por achar bonita a cerimônia.¹³¹

Essa questão “estética” destacada pelo entrevistado tem uma relação com o rito bizantino que é diferenciado nas expressões, nos gestos e na maneira de exteriorizar o sentimento religioso. Relembrando a fala da catequista Nadir Vozivoda, o rito bizantino é mais introspectivo “e toda celebração, qualquer que ela seja, ela tende a centralizar o indivíduo. É uma meditação”.¹³² Por isso, mesmo não entendendo a língua, muitos jovens que frequentam os rituais religiosos preferem participar dessas celebrações quando realizadas na língua ucraniana.

Assim, as práticas rituais que fazem parte do rito bizantino ainda desenvolvem um sentimento étnico que está vinculado à religiosidade. Num entrelaçamento de crenças e tradições, onde os rituais de bênçãos são práticas constitutivas de uma realidade construída e alicerçada nos discursos da Igreja Greco Católica Ucraniana a identidade étnica persiste entre os fiéis que participam dessas cerimônias religiosas. E essa etnicidade é reafirmada na língua ucraniana e no rito bizantino.

¹³¹ Entrevista realizada pela autora no dia 27 de agosto de 2013, em Curitiba.

¹³² Entrevista concedida a autora em 29 de julho de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a religião como um conjunto de discursos que contribui para a construção de uma realidade social é uma maneira de perceber um mundo imaginado e recriado na vivência, no cotidiano, nas experiências e nas representações que uma comunidade faz de si.

Assim, ao estudarmos os rituais de bênçãos como práticas religiosas dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis buscamos interpretar uma realidade reconstruída a partir de elementos culturais trazidos pelos imigrantes e vinculados a um passado tido como comum pelos seus descendentes. Esse vínculo com o passado que é reafirmado no uso da língua ucraniana e nas práticas religiosas do rito bizantino contribuiu para a construção de uma nova realidade vivenciada a partir da etnicidade em um novo espaço social que foi marcado pela presença e pela atuação da Igreja Greco Católica Ucraniana.

A referida instituição que acompanhou a trajetória dos primeiros imigrantes a partir de seus agentes religiosos, desempenhou as funções de articular e de integrar os seus fiéis a partir de discursos elaborados na etnicidade e na religiosidade do rito bizantino. E esse discurso ainda persistente entre os descendentes de ucranianos continua e estabelecer relações de pertencimento identitário a partir da religião e do rito.

Baseado em rituais particularizados, o rito bizantino como um conjunto de práticas religiosas que expressam crenças, costumes, símbolos, tradições e traços culturais de uma comunidade contribui para reafirmar a identidade étnico-religiosa dos descendentes de ucranianos. Mas, ao mesmo tempo, esses rituais religiosos também se constituem como práticas demarcadoras de fronteiras étnicas. O rito atua como elemento de coesão e de identificação entre os indivíduos do mesmo grupo étnico fortalecendo laços culturais e de pertença. Entretanto, essa imposição da diferença ritual perante os demais grupos sociais é excludente quando afasta indivíduos que não se identificam etnicamente.

Como a reafirmação da etnicidade, conforme Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 13) ocorre com a “fixação dos símbolos identitários que fundam a crença em uma origem comum”, os descendentes de ucranianos de Prudentópolis se utilizam da religião e da língua para reafirmar a pertença étnica.

A concepção de uma origem comum é construída a partir de um passado representado na memória coletiva dos indivíduos que partilham uma mesma cultura baseada na língua ucraniana e nos rituais de bênçãos. Assim, “a língua e a religião desempenham papel importante, talvez porque elas autorizam a comunidade de compreensão entre aqueles que

compartilham um código linguístico comum ou um mesmo sistema de regulamentação ritual da vida”. (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011, p. 38).

Ao considerarmos que o rito é uma maneira ordenada de conceber o mundo, os rituais de bênçãos praticados entre os fiéis da Paróquia de São Josafat explicam uma vivência religiosa construída na relação com um passado comum reafirmado na religiosidade. E mesmo que a etnicidade seja reafirmada na língua e no rito, a identidade étnica não permanece fixa. Ela é reformulada nas relações sociais com outros grupos étnicos fazendo surgir assim, novas identidades variáveis e múltiplas que contribuem para a construção de um hibridismo cultural. São identidades traduzidas e transplantadas que inevitavelmente sofrem transformações. Ainda que demarcadora de fronteiras identitárias, a reafirmação da etnicidade não consegue isolar o indivíduo de outras influências sociais. Sendo permeáveis e fluidas, essas fronteiras identitárias ora dispersam a identidade ucraniana pela incorporação de elementos culturais “do outro”, ora reafirmam-na através da língua e da religião, pois as relações sociais estabelecidas numa sociedade culturalmente diversa contribuem para a negociação constante entre elementos culturais reconhecidos como étnicos e traços culturais assimilados a partir das relações com o diferente.

No passado imigrante encontramos elementos referenciais para a vivência religiosa presente entre os descendentes ucranianos a partir da ritualidade. E este passado, mesmo estando distante temporalmente ainda é reencontrado em práticas rituais verificadas no cotidiano dos fiéis numa articulação dinâmica entre permanências e ressignificações.

Assim, “os ritos continuam simbolicamente, a criar e a ordenar mundos, a significar tempos e espaços, identidades e pertenças, sem os quais nos perderíamos em anomia desorientada”. (VILHENA, 2005, p. 157). Mesmo que os rituais de bênçãos sejam concebidos por alguns fiéis como símbolo de crença e fé e por outros como representações de costumes em comum constitutivos de uma tradição, o rito bizantino associado à língua ucraniana e a um calendário litúrgico particularizado em cerimônias religiosas continua sendo o referencial de manutenção da identidade étnica dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis.

Sendo a religião um produto histórico condicionado culturalmente pelo contexto vivenciado, a religião greco católica ucraniana baseada no rito bizantino também se adapta e se remodela de acordo com as necessidades que a própria transformação da sociedade impõe. Essas adaptações vistas como necessárias para dar plausibilidade religiosa num mundo globalizado e racionalizado não descarta a religião do contexto social. Mesmo com a secularização e com a racionalização de um mundo mais cognoscível, a religião através do rito continua explicando vivências e experiências religiosas.

Na modernidade, como aponta Magalhães & Portella (2008, p. 24):

A religião não perdeu a força, a fé cristã não foi banida, a experiência religiosa negou a ideia de que é expressão somente da alienação. A ideia de que a modernidade se implantaria à medida que a religião se retirasse de cena não vingou. A modernidade avançou, mas a religião também. A modernidade agoniza, a religião recupera espaços perdidos.

Assim, os rituais de bênçãos continuam a elaborar e significar um mundo que através da religiosidade expressa pertença, crenças e tradições.

Os rituais religiosos praticados pelos fiéis da Paróquia de São Josafat sofrem reinterpretações e reconstruções a partir da simbologia e das representações do sagrado. Mas, ainda que ressignificados, esses rituais religiosos baseados em crenças e cerimônias singulares desse grupo étnico, demonstram além da fé, sentimentos de união e de pertença. Essa relação intrínseca entre etnia, religião e rito contribui para a reconstrução e para a reafirmação da identidade ucraniana em Prudentópolis.

FONTES

FONTES IMPRESSAS

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Cândido Ferreira de Abreu**. Curitiba: 1892. Disponível em www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 19 de julho de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Candido Ferreira de Abreu**. Curitiba:1895.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 11 de novembro de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Candido Ferreira de Abreu**. Curitiba:1896.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 01 de dezembro de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Candido Ferreira de Abreu**. Curitiba:1897.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 06 de dezembro de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Candido Ferreira de Abreu**. Curitiba:1899.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 01 de dezembro de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Francisco Gutierrez Beltrão**. Curitiba:1907.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 11 de dezembro de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos**. Curitiba:1908.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 01 de dezembro de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos**. Curitiba:1909.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 01 de dezembro de 2013.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos**. Curitiba:1910.Disponívelwww.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 01 de dezembro de 2013.

CHEVTCHUK, Miguel. **Quarenta anos da imigração ucraniana no Brasil**. Prácia. Prudentópolis, ago. 1936, n. 33, p. 03.

KOBREN, Felep. **Quarenta anos da imigração ucraniana no Brasil**. Prácia. Prudentópolis, ago. 1936, n. 02, p. 03.

_____. **Quarenta anos da imigração ucraniana no Brasil**. Prácia. Prudentópolis, ago. 1936, n. 39, p. 03.

PRÁCIA, Jornal. **100 anos dos Padres Basilianos no Brasil**. Prudentópolis, jul. 1997, n.13, p. 08.

PRÁCIA, Jornal. **100 anos dos Padres Basilianos no Brasil**. Prudentópolis, jul. 1997, n.14, p. 08.

PRÁCIA, Jornal. **100 anos dos Padres Basilianos no Brasil**. Prudentópolis, jul. 1997, n.15, p. 08.

PRÁCIA, Jornal. **100 anos dos Padres Basilianos no Brasil**. Prudentópolis, nov. 1997, n. 21, p. 09 e 10.

PRÁCIA, Jornal. **100 anos dos Padres Basilianos no Brasil**. Prudentópolis, nov.1997, n. 22, p. 08.

PRÁCIA, Jornal. **100 anos dos Padres Basilianos no Brasil**. Prudentópolis, dez. 1997, n. 23, p. 09.

PRÁCIA, Jornal. **100 anos dos Padres Basilianos no Brasil**. Prudentópolis, dez.1997, n. 24, p. 08.

PRÁCIA, Jornal. **Páscoa: celebrações litúrgicas e costumes populares**. Prudentópolis, [1998?], p. 01 e 02.

FONTES ORAIS

(Sacerdotes da Ordem de São Basílio Magno - Basilianos)

KREFER, Eufrem (OSBM). Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 11/07/2013.

KUPICKI, Atanásio (OSBM). Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 03/08/2013.

MAZUR, Meron (OSBM). Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 21/08/2014.

SCHILLER, Soter (OSBM). Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Curitiba, 27/08/2013.

ZALUSKI, Tarcísio (OSBM). Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 21/06/2013.

(Religiosas consagradas – Instituto das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus)

VOZIVODA, Nadir. (SCJ). Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 29/07/2014.

(Imigrantes e descendentes de ucranianos – fiéis da Paróquia de São Josafat)

ANTONIO, Cecília Zenzeluk. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 02/03/2014.

BORUSZENKO, Oksana. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 23/08/2013.

KOLITSKI, Demétrio. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 05/06/2014.

LATYKI, Rafael. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski na localidade de Papanduvás de Baixo – Prudentópolis, 12/08/2013.

LATYKI, Bruna Lupepsa. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 30/06/2014.

MUZEKA, Antonio. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski na localidade de Nova Galícia – Prudentópolis em 23/02/2014.

MUZEKA, Estefanina. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski na localidade de Nova Galícia – Prudentópolis em 23/02/2014.

MUZEKA, Josafat. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski na localidade de Nova Galícia – Prudentópolis em 23/02/2014.

STASIU, Nadia Morskei. Entrevista concedida a Maria Inêz Antonio Skavronski em Prudentópolis, 24/07/2014.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. **O paraíso das delícias**: um estudo da imigração ucraniana. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011. p. 187-227.
- BASILIANOS, Almanaque dos. **100 anos da vinda dos Padres Basilianos ao Brasil**. Prudentópolis: Gráfica Prudentópolis, 1998.
- BATISTA, Fabio Domingos. Igrejas Ucranianas: arquitetura da imigração no Paraná. Curitiba: Arquibrasil, 2009.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 34.ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- BONA, Aldo Nelson. **Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito**. 2010. 209f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.
- BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos**. 2.ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, vol.22, nº108. Curitiba: out, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BURKO, Valdomiro N. (OSBM – Ordem de São Basílio Magno). **A imigração ucraniana no Brasil**. 2.ed., Curitiba, s/e. 1963.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.p. 45-108.

_____. A formalidade das práticas. In: **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.p. 150-217.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephaim Ferreira Alves. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre. UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CONCÍLIO VATICANO II. *Orientalium Ecclesiarum* - Decreto sobre as Igrejas Orientais: Conservação e restauração das antigas tradições. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_1964_1121_orientalium-ecclesiarum_po.html. Acesso em: 20 out. 2013.

DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Cinquentenário: 1926-1976**. Curitiba: Vicentina, 1976.

DONADEO, Madre Maria. **O ano litúrgico bizantino**. Tradução de Mihail Sabatelli. São Paulo: Ave Maria, 1998.

EPARQUIA UCRANIANA DE SÃO JOÃO BATISTA. **Eucológico: liturgia dos sacramentos, bênçãos e orações**. Curitiba: s/ed. 2000.

GUERIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. 2007. 299f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: UFPR, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANEIKO, Valdemiro. **Uma centelha de luz**. Curitiba: Kindra, 1985.

HANICZ, Teodoro. **Religião, Rito e Identidade**: Estudo de uma Colônia Ucraniana no Paraná. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996.

_____. Religiosidade, identidade e fronteiras fluídas: algumas considerações sobre os descendentes de ucranianos no Brasil e os desafios contemporâneos. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR), v. III n.9, jan/2011. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acessado em: 05 ago. 2013.

_____. Ucranianos greco-católicos no Paraná: hibridismo, rito, religiosidade e outras misturas. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR), v. V n. 15, jan/2013. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acessado em: 21 set. 2014.

HAURESKO, Cecília. **Entre tradição e modernidade**: o lugar das comunidades faxinalenses de Taquari dos Ribeiros (Rio Azul - PR) e Anta Gorda (Prudentópolis – PR). 2009. 225f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2009.

_____. **Lugares e tradições**: as comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros. Guarapuava: Unicentro, 2012. 280p.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. Porto Alegre: Uniporto, 1989.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2010**: Prudentópolis – PR. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_parana.pdf. Acesso em: 22 jan. 2014.

KATRIJ, Julian J. **Rito Bizantino**: ano litúrgico. Tradução livre de Márcia Ivana Antonio. Padres Brasileiros, Nova York, 1983.

KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho**. 2.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1995. 238p.

KOUBETCH, Volodemer. **Da criação à parusia**: linhas mestras da teologia cristã oriental. São Paulo: Paulinas, 2004.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MAGALHÃES, Antonio & PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do sagrado**: reflexões sobre o fenômeno religioso. 2.ed. São Paulo: Santuário, 2008.

MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.cap.13.p. 503-534.

MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS. **Prudentópolis**: 1929. Boletim Informativo, 1929.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001. 107p.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 255p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília; São Paulo: Paralelo Quinze; Unesp. 1998.

_____. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Unesp, 2006.

ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso**: como entender. São Paulo: Paulinas, 2013.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia.Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo : Ática, 1983.

PARANÁ. Arquivo Público. Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização. **Relatórios de Secretários de Governo – 1892-1913**. Curitiba. Disponível em <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59> Acesso em: 19 jul. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PROCEK, Filomena. **Motivos pagãos em costumes natalinos ucranianos**. Pós Graduação em Língua Ucraniana, Unicentro, 1998.

_____. **Tradições e costumes ucranianos preservados no Brasil**. Pós Graduação em Língua Ucraniana, Unicentro, 1997.

PRUDENTÓPOLIS, Prefeitura. **Histórico do Município**. Disponível em: <http://www.prudentopolis.pr.gov.br/cidade/historia>. Acessado em: 18 jan. 2014.

RAMALHO, Maria Irene. A sogra de Rute ou intersexualidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.cap.14.p.541-567.

REIS, José Carlos. **História & teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

REZENDE, Tereza Hatue de. (Org.). **Helena Kolody**: sinfonia da vida. Curitiba: Letraviva, 1997.

ROBINS, K. Tradition and translation: national culture in its global context. In: CORNER, J. and HARVEY, S. (orgs.), **Enterprise and heritage**: crosscurrents of national culture. Londres: Routledge, 1991.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós modernidade. 7. ed. Porto: Afrontamento, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Os processos da globalização. In:_____ **A globalização e as ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.p.25-94.

SCHILLER, Soter. **Nossa liturgia**: para o conhecimento e vivência da divina liturgia de São João Crisóstomo. Curitiba: Basilianas, 2008.

SILVA, Edson Armando. **Identidades franciscanas no Brasil**: a província da Imaculada Conceição entre a restauração e o Vaticano II. 2000. 466f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000.

SIMIELLI, Maria Helena. **GeoAtlas**. 33ed. São Paulo: Ática, 2010.

SIMPSON, George Wilfrid. **Ucrânia**: um atlas da sua história e geografia. Curitiba, s/e. 1953.

SZEWCIW, Ivan. O milênio do cristianismo na Ucrânia. Tradução de Padre Soter Schiller. Curitiba: Vicentina, 1987.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.

THOMPSON, Edward Paul. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. Tradução de Denise Bottmann. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. O termo ausente: experiência. In:_____ **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.p. 180-201.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In:_____ **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.p.31-48.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos**: expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.

ZALUSKI, Padre Tarcísio (OSBM). Páscoa: celebrações litúrgicas e costumes populares. In: **Prácia: encarte especial**. Prudentópolis: Gráfica Prudentópolis. [1998?].

APÊNDICE A – Questionários de coleta de dados

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

RELIGIOSOS DA PARÓQUIA DE SÃO JOSAFAT

“REZAR E BENZER”: RITUAIS SAGRADOS E IDENTIDADE ÉTNICA EM PRUDENTÓPOLIS – PR (1990-2014)

- NOME:

- IDADE:

- IMIGRANTE OU DESCENDENTE:

QUAL GERAÇÃO:

- PAI E MÃE SÃO UCRANIANOS OU DESCENDENTES DE UCRANIANOS:

- NATURALIDADE:

- CONGREGAÇÃO:

- ANO DA ORDENAÇÃO/CONSAGRAÇÃO:

- 1- Como você explica a relação entre a língua ucraniana, o rito bizantino e a religiosidade dos descendentes de ucranianos que são fiéis participantes da Paróquia de São Josafat de Prudentópolis?
- 2- Como você explica o rito bizantino?
- 3- Durante as cerimônias religiosas, os fiéis participantes da Igreja Greco Católica Ucraniana de rito bizantino fazem gestos, rituais e orações que os diferenciam dos fiéis da Igreja Católica do rito latino. Qual o significado desses gestos?
 - Sinal da Cruz com os três dedos e inicialmente no ombro direito;
 - Uso do incenso nas cerimônias religiosas;
 - Inclinação da fronte;
 - Em pé;
 - Ajoelhado;
 - Juntar as mãos;
 - Sentado;
 - Cânticos sem instrumentos musicais;
 - Prostrações
- 4- O que está representado no Iconostás da Igreja de São Josafat?
- 5- Você conhece o calendário litúrgico da Igreja Greco Católica Ucraniana de rito bizantino? O que esse calendário define?
- 6- Qual é a simbologia e o significado dos rituais de bênçãos que fazem parte do calendário litúrgico da Igreja Greco Católica Ucraniana de rito Bizantino?

- 06 de janeiro: Benção das Águas;
 - 02 de fevereiro: Benção das Velas;
 - Benção dos Ramos
 - Benção dos Alimentos – Páscoa
 - Benção dos Falecidos – Domingo de São Tomé
 - 06 de agosto: Benção dos Frutos e sementes
 - 15 de agosto: Benção das Flores
 - Benção das Lavouras (geralmente em setembro ou outubro)
- 7- A Páscoa é considerada a maior festa do calendário litúrgico, mas antes do dia da Ressurreição de Cristo, durante a Quaresma, são realizadas muitas cerimônias religiosas. Qual a simbologia dessas cerimônias?
- Via Sacra
 - Liturgia dos Dons Pré Santificados
- 8- A maioria dos autores que discutem a religiosidade do povo ucraniano concorda que os imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis sempre foram muito religiosos. Essa religiosidade presente é influenciada pela atuação constante da Igreja e das Congregações das Irmãs Servas de Maria Imaculada e das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus?
- 9- O uso da língua ucraniana na celebração da Divina Liturgia e nas demais cerimônias religiosas é uma forma de manter a identidade ucraniana entre os descendentes?
- 10- A partir da década de 1990 a Divina Liturgia e as demais orações de bênçãos começam a ser traduzidas da língua ucraniana para a língua portuguesa. Mesmo que ocorra a manutenção do rito bizantino, essas traduções, na tua opinião, fazem com que ocorra uma perda de identidade ucraniana?
- 11- Você concorda com essas traduções e com o uso delas nas cerimônias religiosas?
- 12- Você concorda com o uso da transliteração da língua ucraniana? Por que esse recurso é usado?
- 13- No trabalho de evangelização que você realiza é perceptível a aproximação e/ou o afastamento dos jovens descendentes de ucranianos da Igreja Greco Católica Ucraniana de rito bizantino?
- 14- Existem muitas mudanças e ressignificações nos rituais de bênçãos, nas crenças e na fé dos fieis participantes da Paróquia de São Josafat?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS
FIÉIS DA PARÓQUIA DE SÃO JOSAFAT

**“REZAR E BENZER”: RITUAIS SAGRADOS E IDENTIDADE ÉTNICA
EM PRUDENTÓPOLIS – PR (1990-2014)**

- NOME:

- IDADE:

- IMIGRANTE OU DESCENDENTE:

QUAL GERAÇÃO:

- PAI E MÃE SÃO UCRANIANOS OU DESCENDENTES DE UCRANIANOS:

- NATURALIDADE:

- PROFISSÃO:

PARTE 1: IMIGRAÇÃO:

- 1- Você tem conhecimento sobre o processo de imigração do qual sua família faz parte?
- 2- Seus antepassados falavam sobre a vinda e a instalação dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis? O que eles contavam?
- 3- De qual região da Ucrânia vieram? Você sabe o ano em que eles imigraram? E para onde foram direcionados pelas companhias de imigração?
- 4- Quais os motivos que fizeram os seus antepassados emigrarem para o Brasil?

PARTE 2: PARTICIPAÇÃO DA IGREJA

- 5- Você acha que a participação da Igreja no processo de colonização de Prudentópolis contribuiu para a manutenção da língua, da religiosidade e da cultura dos imigrantes e descendentes de ucranianos?
- 6- Qual a importância da Igreja ucraniana na vida dos imigrantes e descendentes de ucranianos?
- 7- E atualmente, você acha que a Igreja Ucraniana ainda exerce uma forte influência religiosa e cultural sobre os seus fiéis?
- 8- Você é participante das cerimônias religiosas na Paróquia de São Josafat?
- 9- Para você, existe diferença em participar das cerimônias religiosas na Igreja Católica Ucraniana de rito bizantino e da Igreja Católica de rito latino?
- 10- Você conhece o calendário litúrgico adotado pela Igreja Ucraniana de rito bizantino?
- 11- Você participa dos rituais de bênçãos que fazem parte do calendário litúrgico?
- 12- Você “guarda” os dias santos prescritos nesse calendário litúrgico do rito bizantino?

PARTE 3: RITUAIS DE BÊNÇÃOS

O ano litúrgico bizantino é marcado pelas chamadas 12 festas cristãs. E em algumas dessas festas ocorrem os rituais de bênçãos, entre eles: a benção das águas, das casas, das velas, dos ramos, dos alimentos, dos falecidos, das frutas e sementes, das flores e das lavouras.

- 13- Para você, qual é a importância no ato religioso de benzer?
- 14- Por que é importante benzer a água no dia 06 de janeiro? Qual o significado desse ritual? E qual a utilidade da água benta no decorrer do ano?
- 15- Qual a representação e o significado da benção das casas?
- 16- Para que servem as velas bentas no dia 02 de fevereiro de cada ano?
- 17- Você participa da Benção dos Ramos que antecede a Páscoa? E você tem o costume de guardar os ramos bentos? Para que você utiliza esses ramos bentos?
- 18- No sábado de Páscoa as famílias de descendentes de ucranianos preparam e levam até a Igreja uma Cesta com Alimentos que serão bentos. Você participa desse ritual?
- 19- Quais são os principais alimentos que compõem essa cesta e qual a simbologia de cada um deles?
- 20- No domingo posterior à Páscoa, chamado de domingo de São Tomé, os fiéis em procissão com os religiosos se dirigem até o cemitério para a benção dos túmulos dos falecidos. Você participa dessa cerimônia religiosa? Qual a importância desse ritual?
- 21- No dia 06 de agosto ocorre a Benção das Frutas e das sementes. Você sabe explicar o significado e a simbologia dessa cerimônia religiosa que é uma particularidade dos ucranianos?
- 22- A Benção das Flores no dia 15 de agosto também é uma particularidade dos ucranianos de rito bizantino. Você participa desse ritual? Para que são utilizadas essas flores bentas nesse dia?
- 23- E você usa esses elementos da natureza como a água, os ramos, as flores no seu cotidiano? E o uso das velas bentas está presente na sua vida diária?
- 24- A Benção das Lavouras ainda é uma prática religiosa nas comunidades rurais de descendentes de ucranianos de Prudentópolis. Você participa ou já participou desse ritual de benção? Sabe explicar como essa benção é realizada? Qual é o significado dessa cerimônia religiosa?
- 25- Você considera essas cerimônias de bênçãos um ato de fé e crença nos elementos bentos ou você participa desses rituais por tradição?

PARTE 4: TRADUÇÕES

- 26- Nas cerimônias religiosas da Paróquia de São Josafat geralmente é usada a língua ucraniana. Você acha que a língua interfere na manutenção da cultura e da religiosidade dos fiéis descendentes de ucranianos?
- 27- Você prefere participar dessas cerimônias religiosas na língua ucraniana ou na língua portuguesa?
- 28- Você concorda com as traduções das cerimônias religiosas do idioma ucraniano para o português? Por que?

- 29- Em sua opinião, abandonar a tradição do uso da língua materna nos rituais religiosos pode gerar um sentimento de perda de identidade étnica?
- 30- E o uso do rito bizantino nas cerimônias religiosas, com suas diferenças e particularidades em relação ao rito latino, é um diferencial étnico e identitário?
- 31- A língua, o rito bizantino e essas práticas rituais diferenciadas são produtoras e reafirmadoras da identidade ucraniana?
- 32- Você acha que a religiosidade pode ser considerada uma referência de coesão do grupo étnico ucraniano em Prudentópolis?
- 33- Qual o papel dos rituais de bênçãos na manutenção das identidades dos imigrantes e descendentes de ucranianos?
- 34- Você percebe diferenças, mudanças e ressignificações na prática dos rituais religiosos entre as gerações de descendentes de ucranianos de Prudentópolis? Como era a participação dos fieis e as cerimônias religiosas na sua infância e juventude?
- 35- Para você, são perceptíveis as diferenças nas práticas rituais e nas cerimônias religiosas no decorrer das últimas décadas, principalmente após o início das traduções?

ANEXO A – Carta dos imigrantes ucranianos [1902?]

**ANEXO B – Carta do Bispo da Diocese de Curitiba Dom José de Camargo Barros
(1898)**

DOM JOSÉ DE CAMARGO BARROS

por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica
Bispo da Diocese de Corytiba etc. etc.



Aos que esta Nossa *Provisão* virem saúde e bençam em o Senhor.

Attendendo ao bem espirital da Colonia de Prudentópolis do Estado do Paraná deste Bispado: Havemos por bem pela presente nomear o Rev. P.^o Silvestre Kieyma Cura dos Catholicos do rito grego da mesma Colonia, podendo tambem administrar os Sacramentos do Baptismo sem a Confirmação, da Penitencia e do Matrimonio aos Catholicos do rito latino da dita Colonia interinamente e mandando os acentos ao Vigario de Guarapuava, combinando com o mesmo em relação ás esportulas. Poderá tambem celebrar, pregar e confessar geralmente nesta diocese, absolvendo os penitentes de seus peccados e ainda dos reservados synodales, usar infra confessionem das duas seguintes facultades: habilitar conjuges ad petendum e commutar votos simples não reservados, e além disto missionar geralmente nesta Bispado, sempre de accordo com os respectivos Vigarios, dos quaes receberá jurisdicção para os actos parochiales mesmo para os catholicos do rito grego. Esta será apresentada aos Vigarios, em cuja parochia tiver de funcionar. Findo o prazo de um anno esta ficará sem vigor e para continuar Nos requererá novo provimento. Lida e passada na Camara Episcopal de Corytiba sob o Nosso Signal e Sello de Nossa Armas aos 14 de Maio de 1898. E eu o P.^o Francisco Aulicz a secretari.

+ José, Bispo Diocesano

Provisão de cura de
Prudentópolis em favor do
Rev. P.^o Silvestre Kieyma.
Para V.^o Ex.^o Rev.^{mo} ler e assignar.
P.^o Aulicz.

gratis.